

# Missão empresarial

## Lausanne Occasional Paper (LOP) nº 59

Documento produzido pelo grupo de interesse sobre *business as mission* no Fórum 2004 organizado pelo Comitê de Lausanne para a Evangelização Mundial em Pattaya, na Tailândia, de 29 de setembro a 5 de outubro de 2005, sob o tema: “Uma nova visão, um novo coração e um chamado renovado”, e editado por Mats Tunehag, Wayne McGee e Josie Plummer.

Editor da série de documentos do Fórum de 2004 (a partir do LOP n. 30): David Claydon.  
Copyright © 2005 Comitê de Lausanne para Evangelização Mundial e seus comitês nacionais em todo o mundo.

Tradução: Hans Udo Fuchs

Ao incentivar a publicação e estudo dos documentos, o Comitê de Lausanne para a Evangelização Mundial não endossa necessariamente todos os pontos de vista expressos nesses documentos.

### Índice:

Contexto da produção dos documentos de Lausanne	2
Prefácio	6
Introdução	7
<b>Parte I: Descrição do cenário</b>	
1. O que é missão empresarial? <i>Esclarecimento dos termos</i>	10
2. A Palavra e a missão: <i>Base bíblica para a missão empresarial</i>	14
3. O mundo e o mercado: <i>O contexto presente de oportunidades e desafios para a missão empresarial</i>	24
<b>Parte II: Missão empresarial na prática</b>	
4. As qualidades essenciais da boa missão empresarial: <i>10 princípios norteadores</i>	34
5. Histórias de missões empresariais: <i>Estudos de casos</i>	40
<b>Parte III: Capacitação do corpo de Cristo</b>	
6. Mobilização para a missão empresarial: <i>Liberando recursos inativos na igreja global</i>	47
7. Parceria: <i>O papel vital das agências missionárias e da igreja</i>	53
<b>Parte IV: Olhando para frente</b>	
8. Recomendações estratégicas: <i>Passos específicos</i>	64
9. O Manifesto da Missão Empresarial	70
<b>Anexos</b>	
Anexo A: Participantes	72
Anexo B: Tarefa e procedimentos	74
Anexo C: Mais alguns estudos de casos gerais	76
Anexo D: Obstáculos e soluções para parcerias	82
Anexo E: Estudo de caso de agência missionária	85
Anexo F: Lista de recursos	87
Anexo G: Recomendações	102

## Contexto da produção dos documentos de Lausanne

O Movimento de Lausanne é um movimento internacional comprometido em mobilizar “toda a igreja a levar todo o evangelho a todo o mundo”.

Com raízes que remontam às conferências históricas realizadas em Edimburgo (1910) e Berlim (1966), o Movimento de Lausanne nasceu do Primeiro Congresso Internacional para Evangelização Mundial convocado pelo evangelista Billy Graham e realizado em Lausanne, na Suíça, em julho de 1974. O *Pacto de Lausanne*, assinado pelos 2430 participantes de 150 nações, foi um divisor de águas. Ele reafirma a substância da fé cristã que foi afirmada nos credos históricos, e acrescenta uma dimensão missionária clara à nossa fé. Muitas atividades emergiram do congresso de Lausanne e do segundo congresso realizado em Manila, nas Filipinas, em 1989. O pacto (em várias línguas) e detalhes dos muitos eventos regionais e conferências especializadas que foram realizadas em nome de Lausanne podem ser vistos na página [www.lausanne.org](http://www.lausanne.org) na internet.

O Comitê Internacional de Lausanne, criado em 1974, entendeu-se levado pelo Espírito Santo a realizar outra conferência que reunisse líderes cristãos de todo o mundo. Desta vez o comitê planejou envolver líderes emergentes mais jovens e buscou fundos que lhe permitissem trazer um bom número destes das regiões do mundo em que a igreja está crescendo rapidamente hoje em dia. E decidiu chamar a conferência de *fórum*. Como tal, sua estrutura permitiria às pessoas participar se tinham algo a contribuir em um dos 31 assuntos propostos. Esses assuntos foram escolhidos por meio de um programa global de pesquisa que procurou identificar as questões mais significativas no mundo de hoje que dizem respeito à nossa tarefa de levar as *boas notícias* ao mundo.

Este documento de Lausanne (LOP) é o relatório que surgiu de um desses grupos de interesse. Cada um dos grupos de interesse produziu um documento, e informações sobre esta e outras publicações podem ser obtidas na página [www.lausanne.org](http://www.lausanne.org).

O lema do Fórum de Evangelização Mundial de 2004 foi “Uma nova visão, um novo coração e um chamado renovado”. Este fórum foi realizado em Pattaya, na Tailândia, de 29 de setembro até 5 de outubro. 1530 participantes vieram de 130 países para trabalhar em um dos 31 grupos de interesse.

As afirmações aprovadas no encerramento do fórum são estas:

Experimentamos um espírito de cooperação, em diálogo sério e reflexão em oração. Representantes de um amplo espectro de culturas e de praticamente todo o mundo se reuniram para aprender uns dos outros e buscar nova direção do Espírito Santo para a evangelização do mundo. Eles se comprometeram a unir esforços sob a direção divina.

As mudanças dramáticas no cenário político e econômico em anos recentes colocaram a igreja diante de novos desafios na evangelização. A polarização entre Leste e Oeste torna imperativo que a igreja busque a orientação de Deus para as respostas apropriadas aos presentes desafios.

Nos 31 grupos de interesse, essas novas realidades foram levadas em consideração, entre outras a pandemia do HIV, o terrorismo, a globalização, o papel global dos meios de comunicação, a pobreza, a perseguição dos cristãos, a fragmentação da família, o nacionalismo político e religioso, a mentalidade pós-moderna, a opressão de crianças, a urbanização e a negligência dos deficientes.

Grandes progressos foram feitos nesses grupos, enquanto buscavam soluções para os principais desafios à evangelização mundial. À medida que esses grupos se esforçavam em fazer recomendações específicas, temas estratégicos maiores vinham à tona.

Foi reafirmado que os principais esforços da igreja precisam ser voltados para aqueles que não têm acesso ao evangelho. O compromisso de ajudar a plantar igrejas autossustentadas nos 6.000 povos ainda não alcançados permanece uma prioridade central.

Em segundo lugar, nosso Senhor nos chama para amarmos nossos próximos como a nós mesmos. Nisso temos falhado grandemente. Renovamos nosso compromisso de sair com amor e compaixão até aqueles que são marginalizados por causa de deficiências ou por terem estilos de vida e pontos de vista religiosos diferentes. Comprometemo-nos a nos dedicarmos às crianças e jovens que formam a maioria da população do mundo, dos quais muitos estão sofrendo abusos, sendo escravizados, convocados à força para o serviço militar e obrigados a trabalhar.

Uma terceira corrente de natureza estratégica reconhece que a igreja está crescendo muito mais fora do mundo ocidental. Nos participantes da África, da Ásia e da América Latina reconhecemos a natureza dinâmica e o crescimento rápido da igreja no *Sul*. Líderes da igreja no *Sul* estão cada vez mais servindo de exemplo na evangelização do mundo.

Em quarto lugar, reconhecemos a realidade de que boa parte da população mundial aprende melhor oralmente, ou seja, compreende melhor a informação que recebe por meio de histórias. Uma grande proporção da população é ou incapaz ou indisposta para absorver informação por meio de comunicação escrita. Por isso é necessário partilhar as “boas novas” e ensinar os novos cristãos usando de histórias e parábolas.

Em quinto lugar, convocamos a igreja a usar os meios de comunicação de maneira eficiente, de modo a envolver a cultura de forma a atrair descrentes para a verdade espiritual e proclamar Jesus Cristo de maneiras culturalmente relevantes.

Por último, reafirmamos o sacerdócio de todos os crentes e convocamos a igreja para equipar, encorajar e capacitar mulheres, homens e jovens a cumprir seu chamado como testemunhas e colaboradores na tarefa mundial da evangelização.

Um tema que surgiu dos grupos de interesse foi transformação. Reconhecemos nossa própria necessidade de sermos transformados continuamente, de nos mantermos abertos à direção do Espírito Santo e aos desafios da Palavra de Deus, e de crescermos em Cristo junto com os outros cristãos, de uma maneira que resulte em transformação social e econômica. Reconhecemos que o evangelho e a construção do reino de Deus abrange corpo, mente, alma e espírito. Por isso insistimos em uma integração crescente de serviço à sociedade e proclamação do evangelho.

Oramos pelos que estão sendo perseguidos por sua fé em vários lugares do mundo e pelos que vivem em constante temor por sua vida. Solidarizamos-nos com nossas irmãs e irmãos que estão sofrendo. Reconhecemos que a realidade da igreja perseguida precisa constar cada vez mais da agenda de todo o corpo de

Cristo. Ao mesmo tempo reconhecemos a importância de amar e fazer o bem aos nossos inimigos, enquanto lutamos pelo direito de liberdade de consciência em todo lugar.

Estamos profundamente tocados pelo ataque da pandemia do HIV/AIDS – a maior emergência humana em toda a história. O movimento de Lausanne convoca todas as igrejas em todo lugar à oração e a uma resposta integral a essa praga.

O 11 de setembro, a guerra no Iraque, a guerra ao terrorismo e suas represálias nos impelem a afirmar que não devemos permitir que o evangelho ou a fé cristã sejam vinculados a alguma entidade geopolítica. Reafirmamos que a fé cristã está acima de qualquer entidade política.

Preocupamo-nos e lamentamos todas as mortes e destruição causadas por conflitos, terrorismo e guerras. Conclamamos os cristãos a orar por paz, a se envolver de modo proativo na reconciliação entre os cristãos e adeptos de outras religiões, e a evitar todas as tentativas de transformar conflitos em guerras religiosas. A missão cristã nesse contexto está em ser pacificador.

Oramos por paz e reconciliação e pela direção de Deus em como promover a paz através do nosso trabalho de evangelização. Oramos que Deus trabalhe nas circunstâncias das nações para abrir portas de oportunidade para o evangelho. Convocamos a igreja a mobilizar todo crente para se concentrar na oração consistente e específica pela evangelização da sua comunidade e do mundo.

Neste fórum experimentamos a parceria de homens e mulheres trabalhando juntos. Também reconhecemos a necessidade de nos concentrarmos mais em desenvolver novos líderes. Incentivamos a igreja a encontrar meios criativos de liberar líderes emergentes para servir com eficiência.

Numerosas recomendações práticas foram sugeridas às igrejas locais. Elas estão disponíveis na página de Lausanne na Internet e nos documentos de Lausanne. Oramos que esses muitos estudos de caso e planos de ação sejam usados por Deus para mobilizar a igreja para partilhar uma mensagem clara e relevante, usando métodos variados para alcançar os grupos mais negligenciados ou resistentes, de modo que todos tenham a oportunidade de ouvir a mensagem do evangelho e possam responder a essas boas notícias com fé.

Expressamos nossa gratidão à igreja tailandesa que nos hospedou, especificamente por sua apresentação de boas-vindas ao fórum. Somos profundamente gratos a Deus pelo privilégio de poder nos reunir aqui, dos quatro cantos do mundo. Desenvolvemos novas parcerias, fizemos novos amigos e encorajamos uns aos outros em nossos diversos ministérios. Apesar da resistência ao evangelho em muitos lugares e da riqueza de tradições religiosas e culturais, aceitamos aqui no fórum um novo chamado para sermos obedientes ao mandato de Cristo. Assumimos o compromisso de tornar seu amor salvador conhecido de modo que todo o mundo tenha a oportunidade de aceitar a salvação por meio de Jesus Cristo presenteada por Deus.

Essas afirmações mostram a reação dos participantes aos resultados do fórum e seu desejo de que toda a igreja seja motivada por eles, para fortalecer sua determinação de ser obediente ao chamado de Deus.

Que os estudos de casos e as sugestões práticas neste e em outros documentos de Lausanne (LOPs) sejam de grande ajuda a você e à sua igreja, na busca de novos caminhos e de um renovado chamado de proclamar o amor salvador de Jesus Cristo.

David Claydon

## **Prefácio**

Estamos experimentando um novo mover de Deus entre seu povo. Engajados em *missão empresarial* durante os últimos dez anos, vimos Deus cada vez mais agindo de uma *nova maneira*, em *todo o mundo*, tanto no *mercado* como na *igreja*. Esse movimento dinâmico dentro do corpo de Cristo tem por base o amor de Deus pelo mundo e seu chamado à sua igreja. É uma nova onda de atividade ligada intimamente à atuação do Espírito Santo no transcurso da história. Trata-se de uma estratégia relevante para o século 21. Deus está levantando uma nova força de trabalho de homens e mulheres em todo o mundo. Esses homens e mulheres estão em missão pela glória de Deus nos âmbitos empresarial e por meio dele. Líderes cristãos empresários, na igreja, na obra missionária e além concordam que Deus está agindo, e que usar os negócios na missão atende de modo dinâmico as várias necessidades de um mundo desesperadamente necessitado de todo o evangelho! Veja o que alguns deles têm a dizer:

### ***Fiel ao chamado de Deus***

René Padilla é um teólogo, missiólogo e escritor argentino de destaque, que endossa com entusiasmo a missão empresarial, e diz que ela está “intimamente ligada ao chamado de Jesus aos seus discípulos – de ser o sal da terra”.

### ***Deus em ação ontem, hoje e no futuro***

Líderes tanto empresariais quanto eclesiásticos reconhecem a dimensão histórica da missão empresarial, como se pode ver nas citações abaixo:

“Precisamos de uma nova liderança no século 21, para elaborar estratégias eficientes de missão integral. O mundo empresarial historicamente tem sido um fator chave na linha de frente da expansão do Reino.” – Stuart McGreevy, presidente do TBN, Transformational Business Network.

“Nos primórdios da história da missão cristã, a notícia da salvação em Cristo foi com frequência levada a novos lugares por aqueles que procuravam fazer negócios.” – Harry Goodhew, arcebispo anglicano aposentado de Sydney, na Austrália.

### ***Uma estratégia relevante para o século 21***

Missão empresarial não é uma mera tática de arrecadação de fundos ou um meio de obter vistos, mas uma estratégia relevante para o século 21 – especialmente na Janela 10/40:

“O uso de empresas na missão mundial é uma estratégia singular para o contexto da missão no século 21” (Ted Yamamori, diretor internacional do movimento de Lausanne).

“Missão com base na economia trará uma mudança importante na manifestação da missão cristã, e é mais do que uma mera estratégia – ela vem com uma promessa: ‘Quem trata bem os pobres empresta ao Senhor, e ele o recompensará’ (Pv 19.17)” (Jürg Opprecht, fundador e presidente do BPN, Business and Professional Network).

“Homens e mulheres de negócios estão sendo chamados para abraçar uma nova responsabilidade por Deus, de transformar as sociedades do mundo todo, por meio de atos criativos de amor” (J. Gunnar Olson, presidente e fundador da ICCO, a Câmara Internacional Cristã de Comércio).

É com grande alegria e expectativa que entregamos este relatório à igreja no mundo.

Mats Tunehag, Wayne McGee, Josie Plummer

## Introdução

### *Um mundo carente*

O mundo está repleto de novas oportunidades e desafios para a igreja global. Nas regiões em que islamismo, hinduísmo e budismo são dominantes e onde vivem 90% dos povos não alcançados, também se encontram 80% das populações mais pobres do mundo. O desemprego nos países dessas regiões vai de 30% a 80%, e é maior entre as minorias cristãs. E não só os cristãos, mas muitos outros na África subsaariana e na América Latina vivem na pobreza por falta de empregos e de sistemas econômicos injustos.

Durante os próximos 20 anos, mais de 2 bilhões de pessoas ingressarão em sociedades em que há poucas igrejas e muito poucos empregos.

Qual deve ser a resposta da igreja, e particularmente dos empresários cristãos, diante de tais desafios?

*O que os pobres querem não é assistência, mas empregos – empregos de verdade, não subsidiados. Essa é a dignidade, o sustento próprio, que eles merecem.*

### *Missão empresarial – um novo chamado*

Uma onda de milhares de empresários cristãos de todos os continentes está experimentando um movimento desafiador de Deus que faz parte de um novo chamado à obra no seu reino. Deus está agindo na América Latina, na Ásia, na Europa, na América do Norte, na África e nas regiões do Pacífico, convocando sua igreja global para redescobrir seu coração e seu propósito para os negócios.

Deus planejou a instituição e prática dos negócios como meio de cumprir seu *mandato de criação*, de administrar e cuidar de toda a criação. Ele está liberando a força empresarial para auxiliar na tarefa de cumprir a *grande comissão*, de fazer discípulos de todas as nações. Deus anseia ser glorificado por meio das nossas atividades empresariais.

Os empresários estão sendo desafiados a olhar sua atividade de outra perspectiva, como expressão de seu chamado e serviço para Deus. Eles estão sendo assegurados em sua vocação como empresários e usados como instrumentos para estender o reino de Deus. Deus está levando um número crescente de empresários a pensar de modo estratégico sobre como podem integrar sua habilidade e experiência nos negócios na tarefa da evangelização do mundo. Deus está chamando muito mais empresários, de todas as nações, para ir a todas as nações, nesse novo paradigma de missão.

*Deus dotou algumas pessoas, homens e mulheres, com recursos mentais e espirituais para serem empresários. Missão empresarial procura apoiar e encorajar os que foram equipados por Deus dessa forma. Ela objetiva despertar o interesse, e o compromisso, em administrar os negócios como para o Senhor. Seu desejo é ajudar empresários a ver as oportunidades que existem, a usar seus habilidades e talentos para abençoar os que vivem nas partes mais pobres e carentes do mundo, e a criar nesses contextos oportunidades concretas para mostrar e proclamar Cristo.*

Harry Goodhew, arcebispo anglicano aposentado de Sydney, na Austrália

Uma das expressões usadas para esse movimento missionário é *missão empresarial*. A própria empresa é o ministério e o instrumento de missão. A ideia é liberar os empreendedores e profissionais liberais na igreja de modo a transformar o mundo através da sua atividade.

O lema “Toda a igreja levando todo o evangelho a todo o mundo” implica também em afirmar e mobilizar os empresários no corpo de Cristo. Isso significa liberá-los para usar seus dons nos negócios para contrabalançar a exploração que os pobres sofrem por parte de empresas, transformar suas comunidades e nações por meio dos negócios, e levar as boas novas “até os confins da terra” por meio de empresas.

### ***Abrindo novos caminhos***

Negócios centrados no Reino têm sido considerados uma estratégia especial para a missão no século 21. Em muitos países onde o nome de Cristo é pouco ouvido e entendido, os cristãos são mais bem-vindos como empresários, não como “missionários”. A vida profissional tem a ver com relacionamentos no contexto da vida diária e proporciona inúmeras maneiras de abençoar indivíduos, comunidades e nações.

Essa bênção já está se tornando uma realidade crescente em regiões como a Ásia, e pode ser ilustrada por estes dois exemplos:

1) Um cristão na Ásia Central tentou dar testemunho ao seu povo, uma comunidade muçulmana com muito poucos crentes em Cristo. Mas ele foi considerado um “cristão profissional”, numa situação irreal e provavelmente pago pelo Ocidente para fazer proselitismo. Ele enfrentou hostilidade aberta e foi marginalizado. Algum tempo depois, ele começou a se dedicar à criação de gado. Seu estilo de vida se tornou compreensível e natural para as pessoas ao seu redor. Apesar de elas saberem que ele continuava sendo um seguidor de Isa/Jesus, passaram a aceitá-lo como um deles, lidando com questões da vida real e atendendo necessidades reais. Recentemente ele foi convidado para participar do conselho de líderes da comunidade.

2) Uma empresa do ramo da informática existe na Índia em um povo não alcançado bastante numeroso, com a intenção de tornar Cristo conhecido. Através das muitas oportunidades naturais que os negócios criam, o fundador pode compartilhar sua fé em palavra e ação. O plano estratégico da empresa reza: *Nosso propósito é servir:*

1. *Nossos **clientes** com soluções criativas, inovadoras, confiáveis e de alta qualidade;*
2. *Nossos **colaboradores** com trabalho desafiador e realizador, estabilidade, bons salários, possibilidade de crescimento e ambiente agradável;*
3. *Nossos **acionistas** suprindo um retorno atraente para seus investimentos;*
4. *O **país** gerando conhecimento e riqueza e ajudando em preocupações locais;*
5. *A **sociedade** mostrando que sucesso e padrões morais elevados podem coexistir; e, no fim das contas,*
6. ***Deus**, sendo servos bons e fiéis.*

Depois de séculos de trabalho cristão entre muçulmanos desempregados e budistas e hindus pobres, vimos apenas poucos progressos. A igreja deveria reconhecer que precisa pensar de maneira nova e aplicar-se de modo diferente em ser igreja e fazer missão, pois mais do que já tivemos não produzirá uma colheita melhor.

Abrir novos caminhos na tarefa da evangelização mundial requer novos métodos e estratégias. Há uma necessidade crescente de prover modelos para a missão que sejam financeiramente sustentáveis e que fortaleçam as igrejas locais e os movimentos missionários nacionais. Missão empresarial é uma das respostas. É crucial que empresários cristãos sejam equipados e incentivados para assumir seu papel chave em transformar sua própria nação e ir além.

Num encontro de líderes cristãos de países da Europa oriental, um após outro, de diferentes denominações, repetiu: “Não nos enviem dinheiro, ele só cria divisão; enviemos empresários que podem criar empregos para nós, para podermos nos erguer.” Um líder da Croácia chegou a dizer: “Enviar-nos missionários é bom, mas nós preferiríamos que vocês nos enviassem empresários que sejam cristãos, que possam nos ensinar e ajudar e começar negócios e criar empregos de um modo cristão.”<sup>1</sup>

Uma empresária da Ásia Central disse: “Existem muitos seminários e cursos sobre como começar uma empresa. Há escolas de administração de empresas com professores locais e estrangeiros. Mas há poucos que vão além de apenas falar sobre como começar um negócio e dão ajuda *prática* para começá-lo.”

Nosso desejo é reconhecer as maneiras em que os negócios glorificam a Deus, ou podem fazê-lo. Uma empresa pode ser usada para o bem e ajudar a fazer crescer o seu reino. Existem oportunidades singulares e maravilhosas às quais Deus está nos convidando no mundo empresarial, negócios que ajudam a restaurar a dignidade e humana e a esperança, bem como a criar um contexto para compartilhar o evangelho do reino. Sonhamos em ver a igreja, como o corpo todo de Cristo, levando o evangelho a todo o mundo. Nossa oração é que o reino de Deus alcance todas as esferas da sociedade, em cada nação. Nosso alvo é ver pessoas e comunidades transformadas pelo poder do evangelho. Missão empresarial trata de afirmar, mobilizar, equipar e empregar empresários para esse fim.

*O negócio da missão empresarial é revelar Cristo por meio dos negócios. Quando isso é feito de modo eficiente, o resultado é transformador.*

Para a maior glória de Deus!

## **Parte I: Descrição do cenário**

### **1. O que é missão empresarial?**

---

<sup>1</sup> Extraído de um boletim informativo, não publicado, de Patrick Lai.

## *Esclarecimento dos termos*

### ***Introdução***

O propósito deste capítulo é esclarecer brevemente alguns termos e expressões chaves. As descrições que usamos aqui servem simplesmente ao propósito de nos comunicarmos de modo claro e coerente. *Não* é nosso objetivo criar uma terminologia ou “ortodoxia da missão empresarial” ou excluir grupos ou iniciativas que preferem outros termos e definições. Outras expressões comumente usadas no movimento são “negócios transformacionais” (*transformational business*), “empresas da grande comissão” (*great commission companies*) e “negócios do Reino” (*kingdom business*). Os autores reconhecem que, em alguns contextos, “missão empresarial” (*business as mission*) não é a expressão mais útil ou preferida. A expressão em si pode ser considerada uma maneira bem abrangente de abranger várias áreas em que negócios e missão se ligam.

Os termos que usamos também são limitados cultural e linguisticamente, já que este documento foi preparado em inglês. Esperamos que surjam outras expressões que façam sentido em outras línguas e em outras situações religiosas, políticas e culturais. Os parâmetros esboçados neste documento podem ser considerados uma “linha pontilhada” que permite mudanças em face de mal-entendidos que podem nos forçar a reconsiderar e revisar a terminologia de acordo com cada situação e suas necessidades peculiares.

### ***Missão empresarial se baseia no princípio da MISSÃO INTEGRAL***

Missão integral tenta trazer todos os aspectos da vida e da espiritualidade para um todo orgânico bíblico. Isso inclui as preocupações de Deus por questões do mundo empresarial, como desenvolvimento econômico, emprego e desemprego, justiça econômica e o uso e distribuição de recursos naturais e criativos no seio da família humana. Esses são aspectos da obra redentora de Deus por meio de Jesus Cristo e da igreja.

Evangelização e preocupação social, com frequência, ainda são tratadas como se fossem separados e sem relação uma com a outra. Isso presume uma divisão entre o que consideramos “sagrado” ou “espiritual” e o que consideramos “secular” ou “físico”. A cosmovisão bíblica, porém, tem uma perspectiva integrada e inteira da vida. O ministério não deve ser compartimentalizado ou fragmentado em “espiritual” e “físico”. Missão empresarial é uma expressão desse paradigma verdadeiramente integral.

*Uma empresa é uma missão, um chamado, um ministério em si mesmo. A atividade humana reflete nossa origem divina, criados que fomos para ser criativos, para criar coisas boas, por meio de processos bons, para nos alegrarmos nelas – junto com outros.*

### ***Missão empresarial tem uma perspectiva de reino de Deus NEGÓCIOS DO REINO***

Empresas do Reino partem da premissa teológica de que todos os cristãos têm um chamado para amar e servir a Deus de todo o seu coração, alma, força e mente, assim como amar e servir seus próximos. Deus chama pessoas para trabalhar para seu reino nos negócios com a mesma certeza com que ele chama pessoas para trabalhar em outros tipos de ministérios ou empreendimentos missionários.

Neste documento usaremos com frequência o termo “negócios do Reino” como sinônimo de “missão empresarial”. Reconhecemos a importância de estender o reino de Deus por meio de empresas, em qualquer contexto. Todavia, queremos destacar o mandato bíblico de servir os pobres e oprimidos, particularmente nas áreas que ainda não receberam o evangelho. Isso nos levará a focar atividades transculturais e deveria chamar nossa atenção para regiões com pobreza endêmica e/ou com comunidades não evangelizadas. Reconhecemos que isso não requer automaticamente que se cruzem fronteiras internacionais, pois pode ser necessário também em comunidades culturalmente “próximas”.

*Uma das funções da missão empresarial é servir de catalisador, para inspirar e encorajar as pessoas a abrir negócios e não desistir desse rumo, especialmente no mundo em desenvolvimento.*

### ***Missão empresarial é diferente de, mas tem relação com MINISTÉRIO NO LOCAL DE TRABALHO***

Ministérios no local de trabalho concentram-se em levar o evangelho às pessoas onde elas trabalham, de preferência por meio do testemunho de colegas de emprego ou de profissão. Esses ministérios incentivam a integração de princípios bíblicos em todos os aspectos da prática empresarial, para a glória de Deus. Missão empresarial naturalmente inclui esses elementos dos ministérios no local de trabalho.

Quando um ministério de local de trabalho é iniciado em uma empresa que pertence a cristãos, com a intenção de promover o reino de Deus, as superposições serão substanciais. Mas o ministério no local de trabalho pode decidir restringir seu foco ao contexto “interior” da empresa. Missão empresarial enfoca tanto o “interior” como o “exterior” da empresa. Ela procura voltar a força e os recursos da empresa para um impacto missionário intencional na comunidade ou em toda a nação. O ministério no local de trabalho pode se dar em qualquer contexto. Missão empresarial, contudo, obedece conscientemente ao mandato de “ir a todos os povos”, e seleciona regiões com as maiores necessidades espirituais e físicas.

### ***Missão empresarial é diferente de, mas tem relação com FAZER TENDAS***

“Fazer tendas” refere-se principalmente ao trabalho de profissionais cristãos que se sustentam financeiramente empregando-se ou abrindo um negócio. Desse modo podem exercer seu ministério sem depender de doadores e sem ser um fardo para as pessoas que servem. Fazer tendas subentende a integração de trabalho e testemunho, com ênfase em incentivar a evangelização por cristãos leigos em vez de obreiros e ministros profissionais.

Quando fazedores de tendas trabalham em empreendimentos que facilitam seus objetivos missionários, há superposição considerável com missão empresarial. Contudo, mesmo havendo um fazedor de tendas na empresa, a empresa em si pode não ser parte do ministério, como acontece com missão empresarial. Missão empresarial vê a empresa ao mesmo tempo como meio e como mensagem. Missão empresarial com frequência tem como parte da sua missão *criar empregos*. Fazer tendas poder incluir isso, mas com mais frequência simplesmente consiste em *tomar emprego* – empregar-se em algum lugar para facilitar o ministério.

### ***Missão empresarial é diferente de NEGÓCIOS PARA MISSÕES***

Lucros dos negócios podem ser doados para sustentar missões e ministérios. Isso é diferente de missão empresarial. Podemos chamar isso de negócios *para* missões, em que se usam empreendimentos para financiar outros tipos de ministérios. Entendemos que lucros dos negócios podem ser usados para sustentar missões, e que isso é bom e válido. Igualmente, os funcionários podem usar parte do seu salário para doar para causas beneficentes. Isso deve ser incentivado, porém ninguém de nós gostaria de ser operado por um cirurgião cuja única ambição é ganhar dinheiro para dar à igreja! O que queremos é que ele tenha a formação e a firmeza necessárias para fazer uma boa cirurgia, exercendo sua atividade com total integridade profissional. Do mesmo modo, uma empresa, para ser missionária, precisa produzir mais do que bens e serviços a fim de gerar mais riqueza. Ela precisa procurar atingir os propósitos e valores do reino de Deus em cada detalhe das suas operações. O conceito de “negócios para missões” pode limitar as empresas e os empresários ao papel de financiar o “verdadeiro ministério”. Certamente financiar é uma função importante, mas missão empresarial tem a ver com negócios lucrativos voltados para o reino de Deus.

### ***Missão empresarial não tolera NEGÓCIOS DE FACHADA E MISSÃO FINGIDA***

Duas maneiras de fazer negócios que não são “missão empresarial”, por definição, são: 1) Negócios de fachada, que na verdade não estão funcionando, existindo apenas para conseguir vistos para missionários em países que, de outra forma, estariam fechados para eles, e 2) Negócios que declaram ter motivação cristã, mas que atuam apenas em proveito econômico privado e não para o reino de Deus. Também não incluímos na definição negócios dirigidos por cristãos, mas sem estratégia de reino clara e definida.

### ***Missão empresarial objetiva LUCRO***

O negócio precisa ser financeiramente sustentável, produzindo bens ou serviços pelos quais as pessoas estão dispostas a pagar. Sustentabilidade implica que a atividade é lucrativa. O lucro é um elemento essencial em qualquer negócio, em qualquer cultura. Sem lucro o negócio não pode sobreviver e cumprir seu propósito. Por isso, empresas dentro do conceito de missão empresarial são negócios *de verdade*, que existem genuinamente para gerar riqueza e lucro. A missão empresarial não considera o lucro um mal em si, mau ou antibíblico. Pelo contrário, o lucro é bom, desejável e benéfico para Deus e seus propósitos, desde que não seja abusivo, ou proveniente de práticas lesivas ao consumidor ou da venda de produtos e serviços que não honram a Cristo e seu evangelho. Pode-se recorrer a subsídios temporários para iniciar uma missão empresarial. Subsídios permanentes ou ajuda financeira sem expectativa de retorno estão mais perto de ministérios de caridade ou de ajuda humanitária do que de missão empresarial.

*O negócio do negócio é negócio. E o negócio da missão empresarial é negócio com propósito e perspectiva do reino de Deus.*

### ***Missão empresarial existe em todas as FORMAS E TAMANHOS***

As metodologias, bem como as estratégias de negócios e ministério, serão diversificadas com criatividade, do mesmo modo que Deus nos criou em variedade infinita. O tamanho da empresa importa? Sim e não! Existem programas cristãos de microempresas que ajudam a gerar a renda necessária para sustentar indivíduos e famílias e que resultam em desenvolvimento comunitário, plantação de igrejas e discipulado. Em resumo, o desenvolvimento cristão de microempresas tem sido bem aceito e é altamente produtivo para o reino de Deus. Já existe um número significativo de obras sobre isso. Ele tem um lugar legítimo na definição e prática mais abrangente de missão empresarial.

Contudo, aqui vamos nos concentrar em negócios em larga escala, aos quais se tem prestado relativamente pouca atenção. Se quisermos dar conta do enorme desafio que está à nossa frente, precisamos pensar e agir grande, para além das microempresas para empresas pequenas, médias e grandes.

***Missão empresarial não é uma questão de EMPREGOS E DINHEIRO – EM SI***

A máfia russa também cria empregos e dá às pessoas a oportunidade de ganhar dinheiro. Criar empregos e ganhar dinheiro não é um fim em si mesmo. Trabalhar, fazer negócios, é plano de Deus. O trabalho é uma atividade humana e divina que provê os meios de sustento da nossa família e contribui para o desenvolvimento positivo da nossa comunidade e do nosso país. Contudo, missão empresarial não é um sistema cristianizado de criação de empregos. O objetivo não é simplesmente melhorar a vida das pessoas materialmente. Missão empresarial faz encarnada e ativamente a oração de Jesus: “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade”, também na esfera dos negócios.

*O verdadeiro “demonstrativo de resultados” da missão empresarial é **ad maiorem Dei gloriam** – para a maior glória de Deus.*

## **2. A Palavra e a missão**

## ***O propósito de Deus para a atividade empresarial na obra da criação***

### **O propósito e natureza de Deus**

Não podemos compreender nosso propósito e missão na vida a não ser que entendamos qual é o propósito e missão de Deus. Deus age para sua glória. Ele criou o universo, que reflete sua glória e bondade (Sl 8; 19). Apesar de esta criação ter sido estragada pelo pecado e suas consequências (Gn 3), Deus mantém um relacionamento redentor com a criação através de criatividade contínua e manutenção de todas as coisas. Deus Pai fez homens e mulheres à sua imagem (Gn 1.27). Ele acolhe seus filhos com carinho, e deseja nossa redenção integral. Deus, como rei, tem um relacionamento soberano com toda a raça humana, como indivíduos e como nações (povos). O propósito de Deus é receber glória de todos os povos (nações, grupos étnicos), redimindo de modo integral aqueles que o conhecem, amam e adoram (Sl 64, 1Tm 1.15-17).

Missão empresarial tem quatro coisas em mente: a) Deus está no centro; b) o escopo é global; c) povos (nações, grupos étnicos) e pessoas (indivíduos) são o foco, e d) sua glória é o resultado.

Deus é espírito. Os atos criativos de Deus, no entanto, são percebidos mais claramente em forma física. Experimentamos isso de modo dramático desde a diversidade no vasto espaço sideral até a exclusividade íntima do DNA do nosso tecido molecular. É inerente à natureza de Deus que ele é criativo. Ele criou todas as coisas físicas e espirituais. Por isso lemos na Bíblia que ele criou céu e terra, sol e lua, água e árvores, animais e seres humanos. Sua natureza traz em si avaliação, inovação e prazer na criação.

Deus se compraz na sua criação. Sua satisfação inicial é evidenciada pelo reconhecimento repetido de que ela era “boa”. Ele caminhava diariamente pelo jardim e se encontrava com as pessoas que ele tinha criado, como sinal do seu prazer em sua criação. Seu amor por sua criação é evidente em que ele continua a sustentar criativamente todas as coisas.

### **A participação do ser humano na criatividade e no trabalho**

A teologia está interligada à antropologia. Compreender quem Deus é nos leva a uma compreensão mais profunda de quem nós somos.

Deus está continuamente ativo na criação, trabalhando para produzir bondade, alegrando-se no fruto do seu trabalho e repartindo-o com outros. Criado à imagem de Deus, o ser humano também é capaz de criar, de comprazer-se sem vergonha, e de repartir o fruto do seu trabalho com outros. Assim como Deus se alegrou no que criou, ele se preocupa em manter o que criou e ver seu fruto. O ser humano deve colaborar com Deus nesse trabalho, como se vê nas primeiras bênçãos e instruções dadas a Adão e Eva: “Sejam frutíferos”, “multipliquem-se”, “encham a terra” e “dominem-na” (Gn 1.28).

Temos aqui um convite explícito para nos comprazermos na criação, bem como a responsabilidade pelo seu cuidado e bem-estar. Devemos cuidar da criação da Deus como supervisores benfeitores. Temos a responsabilidade de respeitar e cuidar uns dos outros, e fazer a mesma coisa com os processos naturais contínuos da criação da qual somos administradores.

Deus nos dá a capacidade de que necessitamos para executar a tarefa. Ele quis que Adão e Eva estivessem envolvidos nos processos de agregação de valor que criam riqueza! O trabalho possibilita a transformação de recursos naturais em alimentos, bens e serviços. O trabalho cria riqueza (excedentes), e isso, por sua vez, cria mais trabalho (emprego).

Trabalhar é um ato de adoração. Lembre-se da história de Caim e Abel no capítulo 4 de Gênesis. A oferta de Abel veio do fruto do seu trabalho. Em contraste, a oferta de Caim era resultado de um processo agrícola natural. Em outras palavras, a oferta de Caim era fruto da terra, e não fruto do seu trabalho. O conceito, na cultura hebraica, é que Caim não estava plenamente “envolvido” no que oferecia a Deus. Faltou à oferta de Caim a ação redentora, que teria sido resultado do seu trabalho.

Trabalho é algo que é ao mesmo tempo profundamente divino e profundamente humano. É um ato tangível que revela a parceria humano-divina na criação. O trabalho não deve ser entendido como uma maldição ou consequência da queda. Antes, foi uma bênção e mandamento dado a Adão e Eva antes da queda. Trabalho é a atividade humana que flui do mandato em que Deus delegou a administração da criação. Deus nos dá a capacidade criativa, a sabedoria e ferramentas (dons/talentos) para nos desincumbirmos dele. Deus teve prazer no aspecto físico da sua criação. Nós também podemos nos alegrar em criar produtos e serviços úteis e de qualidade.

### **Atividade empresarial e o mandato cultural de mordomia**

A atividade econômica tem suas raízes na história da criação. Empresa e empreendedorismo formam a instituição que cria e mantém a riqueza para uma sociedade justa. De modo análogo, o governo serve para criar e manter a sociedade organizada, e a família foi feita para criar e manter indivíduos bem ajustados. Essa é a ordem prevista por Deus.

A Bíblia tem muito a dizer sobre conduta ética e justa no trabalho e nos negócios. Ela tem textos com instruções sobre o que agrada a Deus quanto a relacionamentos empresariais, emprego, comércio, uso do dinheiro, empréstimos e assim por diante. No mundo empresarial, essas instruções podem ser aplicadas de modo bem prático em áreas como controle de qualidade, salários justos, boas condições de trabalho, retorno razoável sobre os investimentos, responsabilidade social da empresa etc.

A área bíblica da mordomia, além de abranger o cuidado pela criação, inclui a responsabilidade pessoal da aplicação tanto dos talentos quanto da riqueza. A empresa cria oportunidades para os que são dotados como empreendedores e também para que os empregados usem seus dons específicos no serviço aos outros, como para o Senhor. Em sua capacidade de gerar emprego, a empresa sustenta não apenas os que abrem empresas, mas também os que são empregados ou se beneficiam dos bens e/ou serviços fornecidos. A atividade empresarial permite que necessidades sejam atendidas e que outros, em consequência, sejam abençoados. Negócios conduzidos em acordo com os princípios bíblicos de mordomia proporcionam numerosas oportunidades de glorificar a Deus. Para um cristão, ser empresário é uma vocação que deve ser seguida no espírito do reino de Deus.

A cosmovisão cristã fornece uma base para considerar o trabalho sagrado, o emprego digno. Esse conceito de trabalho faz dele uma vocação – um chamado. No conceito bíblico, Deus está a trabalhar no mundo construindo seu reino e que,

entre outras coisas, ele nos chama para participarmos na construção do seu reino através do nosso trabalho.

Darrow L. Miller, *Developing a Biblical theology of vocation*, 2002.

### **A queda e suas consequências negativas para a atividade produtiva**

Quando o pecado entrou no mundo, as coisas boas foram distorcidas e estragadas (Gn 3). A queda também afetou o trabalho e a criatividade. O trabalho continua sendo um mandamento de Deus para nós, porém temos de lutar com dificuldades e problemas consideráveis, criados por pecadores fazendo negócios em um mundo caído. Como aconteceu com todas as outras coisas no mundo, todo o processo de criatividade e trabalho foi afetado pelo pecado.

Trabalho e negócios oferecem muitas oportunidades para o pecado. Exploração dos pobres, ganância, desonestidade e idolatria são apenas alguns exemplos. Mas isso não significa que os cristãos não devem ser empresários. É igualmente verdade que também há muitas oportunidades para glorificar a Deus.

Trabalho produtivo e criação conjunta com Deus conferem dignidade e propósito ao indivíduo. Falta de trabalho, ou trabalho que degrada o indivíduo, tem um efeito desumanizador. A perda da capacidade de se sustentar e de contribuir para o sustento de outros (família, comunidade etc.) representa uma perda de dignidade e está longe do plano original de Deus.

Com a queda, o enfoque na comunidade foi destruído pelo egoísmo e pela ganância. Isso resultou em uma atitude que diz: “Isto é meu, eu o fiz para mim e somente para mim.” A queda levou a numerosos sistemas em que as pessoas são exploradas ou escravizadas economicamente, enquanto alguns poucos se tornam ricos de modo injusto.

Todavia, Deus planejou a restauração da criação, o que inclui trabalho e criatividade, através de Jesus Cristo. Nosso mandato, de sermos administradores da criação e dos nossos talentos pessoais e da riqueza que eles geram, continua. Somos chamados a exercer um papel no processo divino de restauração ajudando a restaurar a dignidade inerente ao trabalho e o seu valor. Devemos ser embaixadores do reino de Deus no mercado, ser sal e luz através dos negócios. Como sal e luz, devemos abençoar pessoas de todas as culturas, por meio de empreendimentos que honram a Deus e da reforma de sistemas econômicos injustos.

Antes de estudarmos mais a fundo o potencial redentor da missão empresarial, vamos olhar rapidamente para alguns exemplos de atividade empresarial na história e missão de Israel, bem como ver sua relevância em relação à mensagem do Novo Testamento.

### ***A atividade empresarial e a história e missão de Israel***

#### **José, o administrador de empresas**

Um dos exemplos mais claros do propósito de Deus para a atividade empresarial pode ser visto na vida de José (Gn 47–50). José tinha experimentado o lado negativo da vida, sendo vendido como escravo e depois metido na prisão, no Egito. Contudo, Deus o libertou e o colocou à frente dos agronegócios do faraó, com autoridade governamental. Suas habilidades gerenciais são evidentes. Ele sabia que sete anos de colheitas abundantes seriam seguidos por sete anos de escassez. José ordenou que uma proporção

razoável da colheita abundante fosse posta de lado para os anos magros. Aqui vemos destacado um dos principais propósitos de Deus para a atividade empresarial: Deus quer que os recursos da criação sejam arregimentados (com habilidade empresarial) de um modo que toda a raça humana tenha suas necessidades supridas.

### **Israel serve de modelo da aplicação de princípios econômicos**

Quatrocentos anos mais tarde os israelitas ainda estavam no Egito, mesmo que agora como escravos. Deus viu a condição terrível do seu povo e ouviu seu clamor (Ex 1–3). Ele viu que não estavam recebendo a recompensa justa ou o fruto dos seus esforços. Ao libertar seu povo e levá-lo para a Terra Prometida, Deus estabeleceu as condições sociais e econômicas (empresariais) necessárias para a vida em sociedade de acordo com sua vontade. Deus sabia que algumas pessoas iriam querer alterar a vocação divina do trabalho para uma busca idólatra por dinheiro e posses. Por isso, para o bem-estar do seu povo, o Senhor definiu regras a respeito de propriedade, trabalho e negócios (Ex 21–23; Lv 25). Por exemplo, os israelitas deviam guardar o sábado como dia especial, abstendo-se de trabalhar nesse dia, a fim de ter o descanso e restauração planejados por Deus. Deviam deixar parte dos seus campos sem ser colhida, de modo que os órfãos, viúvas e estrangeiros que houvesse entre eles tivessem acesso à bondade de Deus colhendo os excedentes de uma colheita abundante. Não deviam cobrar juros indevidos dos conterrâneos pobres. Em resumo, deviam honrar a Deus em meio ao seu trabalho e produção, obedecendo aos limites e regras que ele tinha estabelecido. Fazendo isso, continuariam a ser abençoados por ele, como testemunho às outras nações (Dt 26–28).

*As promessas de Deus a Israel, quando eles saíram da escravidão no Egito, não foram abstraídas como bênçãos invisíveis. Ele prometeu que os abençoaria em todas as áreas da sua vida, incluindo suas colheitas, rebanhos e negócios. [...] O que a Bíblia enfatiza que se dê aos pobres são oportunidades em vez de ajuda. A ajuda está reservada para aqueles que não têm absolutamente nenhum modo de prover seu sustento e que morrerão se não a receberem. Israel, obviamente, estava nessa situação no deserto, e Deus proveu o que precisavam, porém [...] no dia em que tinham condições de suprir por si mesmo seu sustento, o maná cessou. [...] Deus não quis criar um povo dependente, mas um povo que usa os dons, talentos e recursos que lhes deu para se sustentarem.*

Landa Cope, *O modelo social do Antigo Testamento*

### **A dinâmica do Jubileu**

Especialmente relevante nessa investigação é a legislação da Bíblia a respeito do Jubileu (Lv 25; Dt 15). No transcurso natural da vida, algumas pessoas se tornariam mais ricas e outras mais pobres. A pobreza de alguns os levaria a emprestar dinheiro e acumular dívidas impagáveis. Outros se veriam forçados até a se vender como escravos. Deus preparou uma solução radical para essa pobreza. De sete em sete anos, todas as dívidas deviam ser perdoadas e os escravos libertados. Deuteronômio 15 explica detalhadamente como os valores divinos a respeito de trabalho e negócios deviam ser praticados, e como isso traria alívio para os pobres. Há aí uma promessa para Israel: “Não haverá nenhum israelita pobre” (15.4), se Israel, na esfera pública e privada, pusesse em prática os princípios de Deus no jubileu. Deus prescreve o que precisa ser feito “se houver um israelita pobre” (15.7-10). Isso mostra que a pobreza não pode ser abolida por uma

intervenção súbita de Deus apenas, mas pela prática correta e a obediência do povo de Deus aos mandamentos de Deus.

Uma legislação mais forte entrava em ação a cada cinquenta anos. Algumas pessoas poderiam ficar tão pobres que se veriam obrigadas a vender suas propriedades a fim de alimentar sua família. Para contrabalançar essa pobreza extrema, Deus declarou que cada cinquenta anos haveria um jubileu. As terras seriam devolvidas aos proprietários originais e seus descendentes. Desse modo, recebendo de volta sua propriedade, cada família teria os meios para começar sua empresa familiar de novo. Tudo teria um novo começo. A redenção devia ser demonstrada de modo tangível nas esferas social e econômica da vida.

### **Os profetas e o chamado para a atividade empresarial como Deus quer**

O Espírito de Deus falou por meio do profeta Amós para corrigir abusos na atividade empresarial da sua época. Os trabalhadores tinham se tornado tão desvalorizados que pobres eram vendidos por um par de sapatos (Am 2.6). Amós levantou sua voz profética para condenar essa situação abominável. Nós também vemos os efeitos danosos do pecado estrutural ou do pecado indireto em sistemas injustos. Amós dirigiu parte de sua mensagem a algumas mulheres de Israel que ele chamou de “satisfeitas e gordas como as vacas de Basã” (Am 4.1). As mulheres exigiam que seus maridos lhes proporcionassem cada vez mais luxos. Os maridos atendiam aos desejos das suas esposas. Aos olhos de Deus, maridos como esposas eram culpados de explorar e oprimir os trabalhadores pobres. A preocupação de Deus com justiça econômica e práticas empresariais corretas é enfatizada pelo modo como ele trata disso por meio dos seus profetas, por exemplo, Jeremias (Jr 5.24-29; 6.12-13; 22.13-17), Ezequiel (Ez 18; 22.12-13), Miquéias (Mq 2; 6.10-15) e Habacuque (Hc 2.6-9).

### **O conceito hebraico de *shalom***

A ideia bíblica de *shalom* é abrangente, de inteireza e paz em nosso relacionamento com Deus, com nós mesmos, uns com os outros e com a criação. *Shalom* é a intenção de Deus para a sua criação, e é abrangida por nosso mandato da criação, de cuidar da terra e uns dos outros. Ela incorpora a aspiração e visão hebraica de paz, integralidade e bem-estar (1Rs 4.25; Sl 85.10-13). Em todo o Antigo Testamento, a promessa de Deus de ajuda e restauração sempre incluiu as bênçãos materiais e também as imateriais. Ter o suficiente para comer e um teto seguro sobre a cabeça devem ser entendidos como sinal direto da bondade e do apoio de Deus (Dt 8; Ez 34.25-31; Is 49.60-61).

Justiça e retidão estão intimamente ligadas a *shalom*. O principal sentido da palavra justiça (ou retidão) na Bíblia tem a ver com santidade coletiva ou social e com renúncia à opressão. Isso engloba toda a criação e não está restrito à responsabilidade e à ética pessoal.

### ***O evangelho – boas novas para ricos e pobres***

#### **O reino de Deus e a grande comissão**

No Pai Nosso, Jesus ensinou os crentes a orar: “Venha o teu reino”, e: “Pois teu é o reino” (Mt 6.10, 13). Essa oração nos leva a reconhecer que o reino de Deus é ao mesmo tempo presente e futuro. Desde o começo do seu ministério, Jesus pregou que o reino de

Deus tinha chegado (“Chegou a hora, e o Reino de Deus está perto”, Mc 1.15). Ele também mostrou que o evangelho do reino de Deus é “boas notícias para os pobres”:

*O Senhor me deu o seu Espírito. Ele me escolheu para levar boas notícias aos pobres e me enviou para anunciar a liberdade aos presos, dar vista aos cegos, libertar os que estão sendo oprimidos e anunciar que chegou o tempo em que o Senhor salvará o seu povo (Lc 4.18-19).*

O evangelho da salvação eterna através de Jesus Cristo é boas notícias para todos, tanto ricos como pobres. Sem a obra definitiva de Jesus na cruz e o novo nascimento espiritual nele não temos esperança (Jo 3.16-17; Rm 6.4-11; 1Co 15.12-19). O evangelho da graça e da misericórdia de Deus é notícia realmente boa para “as pessoas que sabem que são espiritualmente pobres, pois o reino do céu é delas” (Mt 5.3). O evangelho do reino, contudo, deve trazer especialmente boas notícias para os pobres em termos materiais e financeiros do mundo presente. Isso porque indivíduos, famílias, empresas e sociedades que vivem de acordo com os princípios bíblicos de trabalho, mordomia, fidelidade e justiça aliviarão a maioria das causas do sofrimento e da pobreza humana.

Jesus proclamou o governo de Deus e o trouxe em sua pessoa. A libertação prometida tinha chegado. Representantes de todos os povos são convidados a entrar nos seus domínios e a se colocar debaixo da sua autoridade e graça.

O mandato que o Rei deu aos seus seguidores foi: “Vão a todos os povos do mundo e façam com que sejam meus seguidores” (Mt 28.18-20). Devemos ter um impacto transformador sobre o mundo. Como faremos isso? Levando o evangelho, as boas novas sobre o Rei glorioso e seu reino, aos povos (“batizando esses seguidores em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, 28.19) e “ensinando-os a obedecer a tudo o que tenho ordenado a vocês” (28.10). Deveríamos entender essa “grande comissão” como a responsabilidade incrível de revolucionar completamente todos os aspectos da vida e da sociedade. Os povos devem refletir os princípios do reino de Deus e sua glória. Essa transformação, porém, somente será operada quando todos os povos do mundo tiverem sido feitos seguidores de Jesus, como resultado da obediência do povo de Deus ao seu “grande mandamento” de “amar o Senhor, seu Deus, com todo o coração, com toda a alma e com toda a mente” e de “amar os outros como a si mesmo” (Mt 22.36-39).

### **O evangelho integral na história da igreja**

Somente quando compreendemos a imensidão da grande comissão e do grande mandamento juntos é que entenderemos plenamente quanto precisamos ouvi-lo dizer: “Eu estou com vocês todos os dias” (Mt 28.20)!

Em Lucas 4, Jesus definiu claramente sua missão como evangelização, santidade social e justiça. Essa é a missão integral de Jesus a um mundo arruinado. É um misto de objetivos espirituais, políticos, sociais e também econômicos. Este é um evangelho que deve ter sido entendido mais facilmente pelos ouvintes judeus de Jesus e pelos primeiros cristãos, com a noção de *shalom* com que cresceram, do que por boa parte da igreja de hoje que foi influenciada por outras cosmovisões.

O apóstolo Paulo diz que somos salvos pela graça, não por nossos próprios esforços (Ef 2.8-10). A isso ele acrescenta que fomos criados “para que fizéssemos as boas obras que ele já havia preparado para nós”. A palavra traduzida por “obras” é *ergon* em grego, que

significa trabalho, produção, negócio, arte, boas ações etc. Da mesma raiz é a palavra *ergate*, que significa trabalhador, empregado e empreendedor. Nunca houve separação entre a graça de Deus e ações reais, práticas, tangíveis que empreendemos no campo físico aqui na terra.

Tanto a ética do trabalho quanto a sensibilidade social contribuíram para o crescimento da igreja no começo, gerando respeito pela comunidade cristã na sociedade em geral (At 4.32-35). Mas não demorou para que a igreja fosse influenciada pela filosofia grega (gnosticismo e Platão), por estruturas políticas (o nacionalismo religioso de Constantino) e um sistema social de classes. Isso influenciou negativamente o conceito cristão de trabalho e riqueza no contexto mais amplo de sociedade e evangelho.

Essas e outras posturas não bíblicas herdadas de fora da cosmovisão bíblica resultaram em: a) Dicotomização da vida em compartimentos separados, acomodando-se a uma perspectiva dualista que põe uma divisória entre o sagrado e o secular. Exalta-se o que é “espiritual” à custa do que é “físico”, o clero à custa dos leigos; b) Espiritualização indevida da nossa fé. Com frequência espiritualizamos os ensinamentos de Jesus e do Antigo Testamento sobre riqueza, pobres, promover a paz; c) Individualização da nossa fé à custa de um pensamento corporativo e coletivo. Enfatizamos a santidade pessoal e a transformação individual em vez da santidade social e da transformação da sociedade.

A Reforma do século 16 recuperou a doutrina do sacerdócio de todos os crentes. Isso incluiu o trabalho como um chamado cristão para glorificar a Deus. Os grandes movimentos de avivamento dos séculos 18 e 19 promoveram a santidade e o serviço cristão em todas as áreas da vida, incluindo os negócios e o lugar de trabalho. Nas últimas décadas o Espírito de Deus tem empurrado os evangélicos em direção a uma integração mais autêntica de evangelização, preocupação social, trabalho e fé.

### ***Aplicação: o potencial redentor da missão empresarial***

A pobreza é de natureza integral e não consiste apenas do aspecto econômico, mas também de aspectos políticos e espirituais. A solução da pobreza integral precisa ser a mensagem integral e transformadora de *shalom*. Missão empresarial é uma resposta ao mesmo tempo ao mandato de mordomia da criação e ao mandato da grande comissão a todos os povos. É uma resposta às imensas necessidades espirituais e físicas do mundo, e sua aplicação se apresenta em muitos níveis:

#### **A atividade empresarial restaura a dignidade e capacita**

A atividade empresarial restaura a dignidade criando empregos, estabelecendo relacionamentos justos e imparciais, e capacitando.

Deus não quis que nada da sua criação estivesse ocioso (desempregado) e improdutivo. Não poder trabalhar, não ser criativo e não poder sustentar a si mesmo nem ajudar a família leva a perda de dignidade como ser humano. Empresas que geram empregos fazem parte do plano e processo redentor de Deus. Todavia, emprego não deve ser o único objetivo. Precisamos capacitar as pessoas por meio de treinamento, mentoria, desenvolvimento pessoal e posses, de modo que possam melhorar a si mesmas, as suas comunidades e sociedades. Isso, por sua vez, levará a melhores empregos e à criação de negócios próprios. Isso está alinhado com o propósito de Deus e com nossa missão de

restaurar a dignidade humana, gerar empregos, começar e desenvolver negócios. Empreendedores cristãos de cada igreja, cidade e nação devem ser incentivados nessa tarefa.

Deus também espera que nossas empresas modelem tratamento justo: ele rejeita salários baixos demais, tratamento grosseiro e condições de trabalho ruins. Ele rejeita salários injustos para os trabalhadores e preços exorbitantes para os consumidores. Deus rejeita toda forma de exploração e tratamento injusto de um grupo social por outro, assim como de um indivíduo por outro.

A atividade empresarial pode capacitar e libertar as pessoas em termos econômicos, sociais e políticos. Transformação econômica quer dizer que as pessoas têm relativa abundância e participam da geração de riqueza. Transformação social quer dizer ter renda suficiente para adquirir bens e serviços, dando algo em troca. Ter acesso a meios adequados de alimentação, moradia, educação, água, saúde, transporte etc. Pessoas que são fortes econômica e socialmente, por sua vez, tendem a ser mais fortes politicamente. Trabalho e atividade empresarial permitem dignidade, autoconfiança, produção, geração e incremento de riqueza, que são chave para a transformação social.

### **A atividade empresarial fornece o contexto para o discipulado**

Uma empresa gira em torno de relacionamentos: empregadores e empregados, vendedores e compradores, produtores e consumidores, fornecedores e distribuidores. Isso cria toda uma arena onde aqueles que conhecem a Cristo podem compartilhar sua fé e testemunhar àqueles que não o conhecem. Os cristãos, no mundo dos negócios, tornam-se “sal e luz” para outras pessoas em seu lugar de trabalho, já que fazer discípulos começa com a demonstração dos caminhos de Deus no âmbito dos relacionamentos cotidianos. Deus é glorificado quando empresários cristãos trabalham como para o Senhor, temendo a Deus, repugnando ganho desonesto, corrupção e nepotismo, quando amam e respeitam os outros, evidenciam os valores cristãos (apresentando integridade, mordomia, responsabilidade etc.) e compartilham o evangelho em palavra e ação.

Uma empresa é uma instituição reconhecida na sociedade, que confere credibilidade às relações com a comunidade como um todo. Essas relações criam oportunidades para influenciar a sociedade mais ampla e fazer discípulos entre os contatos. O indivíduo e a empresa tornam-se “sal e luz” na comunidade (ou nação) no local de trabalho.

### **A atividade empresarial promove o cuidado do ambiente**

Uma empresa também pode promover intencionalmente um melhor cuidado do ambiente. A atividade empresarial sempre envolve diferentes relações com a natureza. É preciso levar isso em consideração nas decisões sobre os tipos e lugares dos produtos fabricados e dos serviços prestados, os métodos de produção, os tipos de recursos usados e o descarte dos resíduos.

### **A atividade empresarial pode promover paz e comunidade**

As empresas contribuem para a sociedade de três maneiras distintas: por meio das suas atividades de produção, por meio das suas atividades de investimento na comunidade ou na sociedade, e por meio da sua participação na discussão de políticas públicas. O empenho em qualquer uma das três pode contribuir para a estabilidade da comunidade e a

prevenção de conflitos. A empresa pode igualmente promover paz e comunidade fazendo empregados de origens diferentes trabalhar juntos para um propósito comum.

*A comunidade empresarial privada é, de modo geral, um recurso potencial que pode ser arregimentado para reduzir a incidência, a gravidade, a frequência e os efeitos de conflitos. A ideia de paz e comunidade deve permear toda atividade empresarial.*

### **A atividade empresarial pode fortalecer a igreja**

Empresas fortalecem a igreja em geral. Quanto mais as pessoas se dedicarem a trabalho produtivo, mais a igreja local é fortalecida para fazer seu trabalho. Renda e capacidade organizacional maiores permitem que a igreja amplie seu papel e incremente sua relevância e impacto, na comunidade e globalmente.

Crentes que vivem na pobreza ou em regiões de desemprego endêmico precisam especialmente de empresas. De outra forma, ficam excluídos de oportunidade econômicas e sociais. Podem ficar privadas de influência ou da capacidade de ser sal e luz em sua comunidade. Tornam-se sal que perdeu seu sabor, trazendo poucas ou nenhuma boa nova a sociedades que já são frias ou hostis em relação à fé cristã.

### **A atividade empresarial facilita que se vá “a todos os povos”**

Os cristãos são bem-vindos mesmo em comunidades ou países hostis ou fechados quando trazem a perspectiva de fazer negócios e trazer proveito econômico. Isso precisa ser feito de modo honesto, não como mera estratégia para desempenhar o “verdadeiro ministério espiritual” ou como cobertura escusa para evangelização ilegal. Ao serem sal, luz e embaixadores das bênçãos de Cristo por meio da atividade empresarial e do seu impacto positivo na sociedade, os empresários cristãos acabarão levando as pessoas a buscar a Deus.

### ***A glória de Deus através da missão empresarial***

Em sua reflexão teológica sobre a atividade empresarial, Wayne Grudem<sup>2</sup> começa mostrando como ela tem sido negligenciada como meio de glorificar a Deus:

*Quando as pessoas ouvem a expressão “glorificar a Deus”, provavelmente pensam primeiro em **adorar** – cantar louvores a Deus e lhe dar graças. Depois podem pensar em **evangelizar** – glorificar a Deus falando a outros sobre ele. Podem até pensar em **contribuir** – glorificar a Deus dando dinheiro para a evangelização, para a construção de prédios e o atendimento das necessidades dos pobres. Podem pensar também em **viver corretamente** – comportar-se de uma maneira que honra a Deus. Por último, podem pensar em viver pela **fé** – depender de Deus em oração e em nossa atitude interior cotidiana. Essas cinco maneiras [...] certamente são apropriadas para glorificar a Deus. Mas não é*

---

<sup>2</sup> *Business for the glory of God: the Bible's teaching on the moral goodness of business* [Negócios para a glória de Deus: o ensino da Bíblia de como a atividade empresarial é moralmente boa]. Wayne Grudem, Crossway, 2003, p. 12.

*nelas que me concentro neste livro. Em lugar dessas coisas, quero olhar para a atividade empresarial em si – e não apenas para as maneiras em que ela pode contribuir para o trabalho que a igreja já está fazendo.*

Em seguida, Grudem passa a destacar como vários aspectos da atividade empresarial podem glorificar a Deus, como posse, emprego, lucro, transações comerciais e os seus efeitos sobre a pobreza no mundo.

Nossa conclusão é que a atividade empresarial pode glorificar a Deus de diversas maneiras, tanto diretamente (em si mesma), como foi destacado especialmente por Wayne Grudem, quanto indiretamente, como mostramos na passagem acima. Nossa tarefa específica aqui é mostrar como a atividade empresarial faz parte da *missio Dei* e é, portanto, uma expressão plena e válida da missão do corpo de Cristo aos confins da terra. Na parábola dos talentos que Jesus contou, os servos são elogiados por investirem seus “talentos” financeiros e receberem um retorno honesto para seu dono e seus domínios (Mt 25.14-30). Hoje em dia, cristãos com talento empresarial são convocados para investir suas posses e capacidades no reino de Deus. Dando dinheiro para empreendimentos missionários e assistenciais, obviamente; mas mais que isso, dando a si mesmos, sua experiência, seu conhecimento, sua perspicácia organizacional etc., para estabelecer o reino de Deus, localmente em sua região e nação, mas também nos lugares mais distantes da terra (At 1.8).

Missão empresarial é participação na criação, em imitação a Deus, e, por isso, uma resposta ao mandato da criação. Ela é boa nova em si mesma e, assim, faz parte da grande comissão. Edificar o Reino significa gerar riquezas e transformação espiritual. Missão empresarial, como tal, não deve ser vista apenas dentro da perspectiva estreita de igreja e missão, mas também dentro da perspectiva mais ampla, macro, de desenvolvimento transformacional sustentável que consiste de abundância, capacitação, caráter e serviço em que as pessoas rompem os grilhões de um mundo envolto pela pobreza.

### **3. O mundo e o mercado**

*O contexto presente de oportunidades e desafios para a missão empresarial*

#### ***Um movimento global que toma impulso***

Missão empresarial não é um paradigma novo em si, mas faz parte de uma mudança de paradigma mais ampla que reconhece a natureza integral da *missio Dei*, e apoia todas as vocações. A igreja evangélica está aprendendo a proclamar com mais eficiência o evangelho em toda a sua plenitude.

Estamos recuperando a visão bíblica do corpo de Cristo, transpondo erros doutrinários e barreiras históricas que resultaram nas dicotomias falsas que têm freado o impacto pleno da igreja na sociedade. Essas dicotomias do sagrado contra o secular e do papel do clero ao preço da exclusão dos leigos estão sendo desmanteladas. Lutero e Calvino nos ajudaram a compreender que a vocação de todo crente é um meio de glorificar a Deus. Contudo, apenas nos últimos anos começamos a perceber o potencial e valor completo dessa doutrina em sua relação com a missão transcultural.

No congresso de Lausanne realizado em 1974, vários líderes de igrejas de países emergentes fizeram ouvir o clamor de que a igreja evangélica se dedique a mais do que à mera proclamação do evangelho. Eles conclamaram para uma demonstração abrangente do evangelho. As declarações dos congressos de Lausanne em 1974 e de Pattaya em 1980 refletem esse chamado à razão. Desde esse reconhecimento, passou uma geração em que a mudança de cosmovisão se foi fazendo. Muitas atividades obtiveram aceitação plena pela comunidade evangélica, tais como ajuda emergencial e de desenvolvimento, ministério no local de trabalho, concessão de microcrédito, treinamento empresarial e coisas do gênero. De modo geral, no entanto, essas atividades têm sido executadas sem fins lucrativos.

Desde os primeiros anos da década de 1990 tem crescido o movimento de “missão empresarial” entre os crentes, expressando-se de várias formas. Ocorreram muitas reuniões internacionais, regionais e nacionais de missão empresarial. Artigos e livros foram publicados, páginas de Internet foram criadas e instituições acadêmicas estão incluindo missão empresarial em seus currículos.

Todavia, empreendimentos lucrativos, *principalmente* os de escopo multinacional, ainda são encarados com alto grau de ambivalência, ceticismo e até hostilidade dentro da igreja como um todo. Isso explica por que muitos têm a impressão de que o movimento de missão empresarial está no começo de uma mudança de paradigma. É mais exato dizer que missão empresarial é um dos resultados de uma mudança mais ampla que está acontecendo dentro da igreja, à medida que uma compreensão mais plena da missão integral amadurece.

Existe um potencial óbvio para empresários desempenharem um papel mais ativo em levar o evangelho para outras culturas. Não podemos ignorar a realidade global e a necessidade de liberar estratégias de empresas do Reino capazes de operar transformações espirituais, sociais e econômicas profundas e duradouras. Deparamo-nos ao mesmo tempo com oportunidades e desafios significativos.

*O Senhor me deu o seu Espírito. Ele me escolheu para levar boas notícias aos pobres e me enviou para anunciar a liberdade aos presos, dar vista aos cegos, libertar os que estão sendo oprimidos e anunciar que chegou o tempo em que o Senhor salvará o seu povo (Lucas 4.18-19).*

### ***Oportunidades para a missão empresarial***

#### **O mundo carente**

Aproximadamente 50% da população mundial vivem com menos de 2 dólares por dia. Isso representa um número assustador de 2,8 bilhões de pessoas. Dessas, 1,2 bilhão vive com menos de 1 dólar por dia. Imagine uma população equivalente ao dobro da soma de Brasil, Estados Unidos, Canadá e México, em que cada pessoa subsiste com 1 dólar por dia. Além da pobreza, há os efeitos devastadores de doenças que atazanam as nações mais pobres. No fim de 2002, estimava-se que 42 milhões de pessoas no mundo estavam infectadas com HIV/AIDS. Dessas, 30 milhões vivem na África subsaariana. Isso é agravado ainda mais pela disparidade em que os 20% mais ricos da população mundial detêm perto de 80% da riqueza do mundo, enquanto os 20% mais pobres possuem mais ou menos 1%. Há uma correlação trágica entre pobreza, doença e desemprego.

Existe igualmente um vínculo devastador entre a falta de empregos e uma ampla gama de males sociais. O tráfico humano se destaca como um dos mais hediondos. Tráfico é o termo usado para a escravatura hoje em dia, e se refere a cativo e trabalho sem salário de homens, mulheres e até crianças. Os traficantes usam a força, o engano ou a coerção para reter suas vítimas contra a vontade delas. Muitas das mulheres e crianças traficadas são levadas à prostituição. Uma das causas básicas do tráfico é o desemprego. Empresários cristãos podem e têm de fazer algo a respeito disso.

Trinta anos atrás, os países do sudoeste da Ásia eram nada, em termos econômicos. Suas economias se baseavam em bens de preços baixos. As empresas japonesas começaram a construir fábricas manufatureiras e foram recebidas de braços abertos pelos governos asiáticos. Por quê? Porque a população recebia emprego e treinamento, e novas tecnologias eram transmitidas, permitindo que essas nações competissem a nível global.

Em poucos anos, empreendedores asiáticos, treinados pelos japoneses, começaram suas próprias fábricas. Hoje em dia, os maiores fabricantes mundiais de componentes eletrônicos estão em Taiwan, Coreia do Sul, Cingapura e Malásia, e seus donos são locais. As empresas japonesas não tinham a transformação social em seus planos quando investiram na Ásia, mas a história mostra de modo incisivo como o empreendedorismo pode atenuar a pobreza.

*Estou convicto de que a única solução de longo prazo para a pobreza do mundo é a atividade empresarial. A razão disso é que empresas produzem bens, e geram empregos. Empresas produzem bens ano após ano, e continuam gerando empregos e pagando salários ano após ano. Por isso, para vermos soluções de longo prazo para a pobreza do mundo, temos de criar e manter empresas produtivas e lucrativas.*

Wayne Grudem, *Business for the glory of God*. Crossway, 2003.

### **As limitações das estratégias de ajuda e desenvolvimento**

As agências de desenvolvimento tradicionais têm se concentrado em prover ajuda a países pobres, como estratégia para enfrentar a pobreza. Ajudar em emergências e desastres é sempre importante, mas os governos e as ONGs têm reconhecido que somente ajudar não é suficiente para atenuar o problema da pobreza endêmica. Os projetos de desenvolvimento exercem um papel importante na educação, no cuidado dos que estão vulneráveis, no treinamento em habilidades e em empreendimentos cooperativos, como artesanato e agricultura de subsistência. Esses projetos, porém, raramente são autossustentados. Muitos ficam sem meios depois de algum tempo. Um dos problemas da ajuda é a necessidade de continuar a pedir aos doadores que continuem a manter as contribuições. Em muitos casos acaba acontecendo a fadiga dos doadores. Quando o afluxo financeiro começa a ser retirado, o “falso mercado” do qual a população local dependia é desmascarado, pois desaparece. Isso é trágico e pode criar mais problemas do que resolveu.

Investir em empreendimentos sustentáveis cria empregos e, assim, desenvolvimento econômico genuíno para esses países. Empregos de verdade dão às pessoas dignidade e autodeterminação, que podem transformar sua comunidade. Isso forma um contraste com a cultura de dependência que frequentemente é gerada pela ajuda. Para aliviar a pobreza, é preciso “dar uma mão” às pessoas, não “encher sua mão”. Os pobres querem empregos de verdade, não empregos subsidiados. Esse é o clamor por dignidade e manutenção própria que eles merecem ver atendido.

*Precisamos desenvolver trabalho e produção – intelectual ou físico – cujo objetivo é se tornar lucrativo, se quisermos servir à vida humana.*

### **A estratégia do desenvolvimento integral**

As agências missionárias, as agências de desenvolvimento e as empresas reconhecem cada vez mais a necessidade e os benefícios de uma estratégia integral sustentável. Os cristãos podem e devem contribuir nessas áreas. Devemos estabelecer as tendências e os padrões, elaborando mais os conceitos e as aplicações práticas da missão empresarial. Precisamos procurar trabalhar com “todas as pessoas de boa vontade”.

Henry Ford disse certa vez: “Uma empresa que só produz lucros é muito pobre.” A maioria das empresas existe somente para produzir lucros para seus acionistas. Isso é o que se chama de alvo financeiro. “Missão empresarial” olha além do alvo financeiro, para um “alvo múltiplo”, levando em conta retornos financeiros, sociais, espirituais e ambientais.

*A economia é um elemento fundamental do processo do desenvolvimento social, e sem ela a existência humana não seria possível. Da perspectiva bíblica, a vida humana deve ser orientada por valores específicos, os valores do reino de Deus. Por isso, todos os aspectos da vida social precisam ser avaliados à luz desse critério.*

### **Globalização**

O mundo está mudando. Nossa maneira de ser e fazer igreja e missão precisa mudar igualmente.

Durante os últimos 2.000 anos, muitos cristãos buscaram meios e oportunidades eficazes para glorificar a Deus entre todos os povos. Durante os últimos 200 anos, áreas como saúde e educação abriram portas para servir em várias comunidades, mas a ligação entre missão e empresa não é nada nova. Os nestorianos, os morávios, William Carey, a missão de Basel, diversas ordens católicas e monásticas já usaram empresas de várias maneiras para a expansão do cristianismo, se bem que não sem dificuldades.

Contudo, devido a mudanças sem precedentes resultantes da rápida globalização, as empresas (como no conceito de “missão empresarial”) estão destinadas a ocupar o centro do palco na evangelização e no discipulado dos povos do mundo. Assim como a *pax romana* criou um contexto favorável para a rápida expansão nos primórdios da igreja, a globalização está fazendo a mesma coisa hoje. Precisamos reconhecer que a globalização tem dois lados; ela pode ser usada para o desenvolvimento econômico benéfico, mas também para a exploração.

A atividade empresarial é globalizante. Ela abrange desde transações financeiras internacionais até a disponibilidade de informações em tempo real e de produtos de marca em qualquer lugar a qualquer hora. Compramos produtos americanos feitos nas Filipinas. Discamos um número local e falamos com um serviço de informações do outro lado do mundo. A cultura também está se tornando globalizada. Podem-se ver anúncios de Coca-Cola no interior da África e da América Latina. A CNN leva notícias a todos os cantos do mundo. Nos confins da Sibéria podem-se assistir MTV e beber vodca sueca.

A igreja também está experimentando os efeitos da globalização fazendo missões multidimensionais: ela vai de todo lugar a todo lugar.

A transferência cada vez mais fácil de finanças, tecnologia e informação, e o acesso a elas, fornece à igreja oportunidades sem precedentes para discipular as nações por meio da criação de novos empreendimentos. Com o colapso do comunismo, quase todos os governos estão buscando desenvolvimento empresarial e investimento interno, já que estão carentes de recursos para o crescimento econômico.

### **Empresas são bem-vindas**

Muitas portas estão fechadas para cristãos “profissionais”, missionários tradicionais e trabalhadores cristãos. Mas não existe nenhum país no mundo que não daria as boas-vindas a empresas e investimentos. Elas atendem a necessidades reais. Elas criam oportunidades de emprego assim como treinamento. Elas ajudam os países a se desenvolver não apenas em termos econômicos, mas também de outras maneiras, pelo crescimento da classe média, o incremento da receita com impostos, uma força de trabalho mais bem habilitada e assim por diante. Nas agências missionárias tradicionais fala-se de “países fechados” e de “regiões de acesso restrito”, mas não existem portas fechadas para empresários de verdade fazendo negócios de verdade. Os governos de todo o mundo aceitam negócios verdadeiros!

### **Empresas são influentes**

Não devemos subestimar o poder das empresas. Seu potencial para causar um grande impacto em indivíduos e também em comunidades é grande. Potencial esse que pode ser positivo ou negativo.

Empresas e empreendimentos trazem consigo uma rede maravilhosa de relacionamentos. Isso é um presente que não deve ser desprezado. Cristãos que ingressam no mundo dos

negócios têm a oportunidade singular de tocar e marcar de modo positivo a vida de pessoas influentes que podem alocar recursos.

Um líder cristão chave em um país muçulmano importante disse: “O *modus operandi* dos cristãos profissionais (p. ex. missionários) não é natural em termos culturais, e com certeza não se sustenta ou produz. Missão empresarial é algo real, com relacionamentos naturais, participação na vida das pessoas por meio de trabalho e negócios, ser sal e luz.”

Especialmente em países muçulmanos, os estrangeiros que parecem estar no país sem um propósito legítimo são cada vez mais suspeitos. Isso coloca pressão sobre o estabelecimento até dos relacionamentos mais informais, devido a uma resposta insatisfatória à pergunta: “O que você faz?”

Missão empresarial pode ser uma plataforma para criar um ambiente no local de trabalho em que os princípios e a ética cristãos podem ser apresentados e demonstrados como padrão. Um exemplo vem de Uganda, onde uma empresa de consultoria empresarial, fundada sobre princípios e verdades bíblicas, procura desenvolver habilidades de liderança e administração na área empresarial e também de governo. Nos nove anos de existência da empresa, ela formou uma rede de influência de líderes empresariais não apenas em Uganda, mas em outros 12 países africanos.

Quando Jesus deu a grande comissão, ele disse: “Indo – façam discípulos” (Mt 28.19). A forma gramatical do gerúndio implica que, enquanto estamos no andamento da sua vida (empresarial) normal, devemos discipular as nações de modo natural. É verdade que um empresário esforçado tem limitações de tempo, mas o mesmo ocorre com as pessoas que estamos procurando influenciar.

### **A atividade empresarial libera recursos intocados para a edificação da igreja**

A tarefa que temos diante de nós é grande: criar empregos, começar empresas, obter investimentos, conhecer o negócio, conseguir acesso a mercados, adotar princípios éticos claros. Buscar recursos nos mesmos lugares que as agências missionárias tradicionais têm acessado não será suficiente. Todavia, há milhares de pessoas que, nas igrejas do mundo todo, com as habilidades, experiências e contatos adequados, podem fazer uma diferença transcultural significativa, na missão empresarial. Mobilizar, colocar, equipar e apoiá-los com eficiência liberará recursos antes intocados para a missão da igreja.

Todos os países e culturas têm empreendedores. Esses empresários (potenciais) detêm uma das chaves mais importantes para evidenciar de modo prático o reino de Deus. Isso é essencial em regiões do mundo em que o nome de Jesus é raramente ouvido e, quando é ouvido, com frequência é mal-entendido. Cristãos com chamado e dom para os negócios devem ser reconhecidos e encorajados.

Onde ainda não existem igrejas, a missão empresarial pode ser um componente poderoso do plano estratégico de plantar igrejas. Plantar igrejas e plantar empresas pode andar lado a lado, de mãos dadas.

Empresas do Reino fornecem modelos à igreja local e aos novos discípulos, que eles podem compreender e reproduzir com facilidade. Um crente novo pode se relacionar e aprender de alguém que está vivendo seu cristianismo no trabalho da vida diária como ele. Para a igreja local, o modelo apresentado é o da capacitação, da sustentabilidade e da multiplicação, e não o da dependência. Novos empresários cristãos, por sua vez, são reconhecidos, fortalecidos e enviados para servir a Deus e ao seu reino através dos negócios.

## *Desafios para a missão empresarial*

### **Mudança gradual de paradigma na cosmovisão dos cristãos**

Estamos em meio a uma mudança significativa de paradigma na maneira de pensar da comunidade cristã evangélica. Mudanças de paradigma *não* acontecem de um dia para outro; o processo é longo, e geralmente dura uma geração ou mais.

A questão da dicotomia sacro-secular vem à tona sempre de novo em nossas pesquisas e debates. Esse é um desafio interno grande, que a igreja e o movimento de missão empresarial têm de encarar.

*A fim de começar a compreender os obstáculos que podem prejudicar a eficiência do modelo de missão empresarial na África, temos de estudar o modo como o cristianismo foi introduzido no continente. Os primeiros missionários apresentaram o cristianismo aos africanos como uma grande dicotomia entre o “espiritual” e o “secular”.*

Todo paradigma é desenvolvido e mantido por certa terminologia. Isso se aplica ao pensamento que está por trás da dicotomia sacro-secular. Ela pode ser vista em expressões como “ministério em tempo integral” e “ministério de verdade”. É muito comum que se professe a aceitação de um novo paradigma (como, por exemplo, uma cosmovisão integral sem emendas), enquanto se continua a usar a linguagem do paradigma antigo, ou se emprega de modo errôneo os termos novos em um paradigma antigo.

Pode-se usar o termo “integral” e mesmo assim ter por base um pensamento dicotômico. Disso resulta algo pseudointegral. Na Bíblia vemos que o que Deus criou é integrado, não composto de duas partes (física e espiritual) em junção desajeitada. Não existe uma hierarquia em que as coisas espirituais estão em cima e as coisas físicas embaixo. Não há áreas distintas, cada uma com valores diferentes.

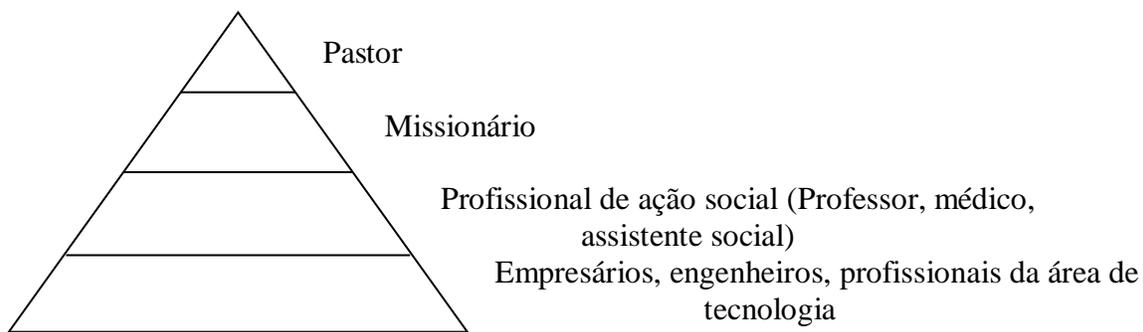
Não queremos simplesmente acrescentar “negócios” à programação social da igreja. Não podemos simplesmente considerar a atividade empresarial uma ferramenta útil para atender às necessidades físicas das pessoas. Carecemos de uma mudança mais profunda de paradigma, em que o sacro e o secular são integrados, como na cosmovisão bíblica. Discipulado e transformação devem dirigir-se à pessoa toda, procurando aplicações práticas no mercado.

Já existem muitas organizações cristãs trabalhando na área de desenvolvimento comunitário. Em alguns casos, isso inclui organizar programas de microcrédito, sociedades cooperativas etc. Tudo isso, sem dúvida, contribui de modo significativo para o desenvolvimento de comunidades pobres. Contudo, em alguns casos isso se tornou um “fim” em si mesmo. O perigo é que às vezes o agente de desenvolvimento reluta em transmitir plenamente sua fé cristã, e a atividade social em si é considerada um testemunho de fé suficiente. O resultado pode ser um programa, empresa ou organização bem sucedidos, mas não dedicados a tornar o evangelho de Cristo totalmente conhecido. Precisamos estar cientes de armadilhas similares na prática da missão empresarial, e tomar medidas para evitá-las.

### O estigma dos empresários e a passividade dos crentes

Em muitos lugares na igreja global, a vocação para os negócios carrega um estigma real. Isso, em boa parte, é resultado da cosmovisão cristã predominante, que coloca as coisas “espirituais” acima das “materiais”.

Em muitas igrejas, o grupo de empresários cristãos tem sido rebaixado, ou mesmo marginalizado, com sucesso, pelo que o dr. R. Paul Stevens chamou de “hierarquia espiritual não bíblica das vocações”.<sup>3</sup> O diagrama a seguir mostra a pirâmide que tanta gente na igreja está tentando escalar. Cada degrau na escada supostamente leva a pessoa mais perto de se tornar espiritual. Inconscientemente, muitos pensam que Deus se agrada ou fica mais satisfeito com o serviço dos que estão na parte de cima, conhecidos como clérigos “profissionais”. Infelizmente, para muitos os advogados e os políticos nem mesmo entram no gráfico!



*Muitas pessoas consideram sagrado o paradigma missionário tradicional, porque é a maior demonstração de devoção! Quero dizer isto mesmo: se você é um “missionário” num canto remoto do mundo, você deve ter feito o maior sacrifício possível e toda a sua vida é dedicada à busca espiritual de Deus e à proclamação do evangelho. Quando, porém, leio biografias de missionários, vejo que muitos pioneiros tinham uma visão integral e fizeram grandes esforços para gerar desenvolvimento econômico nas comunidades em que serviam. Em algum momento foi mudada a direção, e os que eram enviados ao campo tinham apenas uma formação bíblica, e já não outra habilidade profissional. Isso instilou na vida dos novos convertidos a ideia de que as pessoas mais “espirituais” não eram as que estavam no mundo dos negócios, mas as que eram cristãos profissionais em tempo integral.*

Um problema relacionado de perto com essa cultura encardida na igreja é a suposição subjacente de que são os “clérigos” que ministram enquanto os “leigos” são relativamente passivos. Há pastores que têm dificuldades para reconhecer e encorajar (às vezes até para se relacionar com!) líderes de outras esferas da vida.

Essa hierarquia errada pode ser reforçada por vários fatores culturais em volta do mundo. Por exemplo, em algumas culturas o trabalho braçal com frequência é considerado um castigo de Deus em resultado da queda. Por isso, o arcabouço teológico subjacente faz

---

<sup>3</sup> R. Paul Stevens, 2005 (1999) – *Os outros seis dias: vocação, trabalho e ministério na perspectiva bíblica*. Viçosa, Ultimato.

pouco esforço para questionar esse conceito errôneo, e pouco se fala do valor do trabalho, da produção ou do autossustento.

Gerar lucro ou tirar salário da atividade empresarial também é amplamente visto com suspeita na comunidade missionária e em muitas igrejas. O dinheiro é considerado um mal necessário e não se deve fazer força para ganhar mais do que o necessário. Em resultado, os negócios com frequência são tidos como corruptos e maus na pior das hipóteses e, na melhor das hipóteses, uma atividade necessária mas desagradável (que fica mais aceitável se os clérigos sabem que o empresário dá o dízimo regularmente ou contribui substancialmente para a campanha de construção).

*Na Índia, a impressão que se tem da atividade empresarial frequentemente é negativa na comunidade cristã. Assim, quando um empresário se torna cristão, é comum que ele mude de atividade, para ser considerado “mais espiritual”.*

Como, então, os empresários podem ser apoiados em sua vocação de integrar sua fé com sua vida diária de trabalho? Como eles podem crer que seus dons e experiência têm potencial de fazer um impacto marcante em sua comunidade, sua nação e até os confins da terra? Essa questão é particularmente crucial em nações onde empreendedores e empresários cristãos são especialmente necessários, por causa de enormes taxas de desemprego e da existência de sistemas e instituições culturais corruptas e injustas, carentes de reformas.

*Na América Latina, atribuir o mesmo valor a todas as vocações ainda é uma questão polêmica. Ainda vejo discriminação quando se trata de pessoas com habilidade e experiência em negócios e gerência assumirem posições de liderança em ministérios cristãos e na igreja. Por exemplo, os seminários relutam em aceitar para posições de liderança administrativa pessoas com MBA. Continuamos vendo teólogos fazendo esse trabalho. Isso me lembra do tempo em que os pastores não aceitavam que psicólogos cristãos servissem no aconselhamento cristão. Graças a Deus, isso é coisa do passado, e agora precisamos aceitar que os que são hábeis como empresários e administradores liderem e usem seus dons em ministérios de todos os tipos.*

### **Tensões na parceria de empresa e missão**

Há tensões na junção de objetivos empresariais com objetivos “missionários”. Algumas dessas tensões estudaremos nos capítulos seguintes. Todavia, vale mencionar aqui que existem exemplos históricos em que empresas estiveram ligadas intimamente ao avanço do evangelho, mas o resultado foi confusão e exploração. É por essa razão que alguns expressam desconfianças e reservas.

Precisamos fazer uma crítica saudável de práticas passadas e presentes, sem descartar o fato de que a atividade empresarial tem um poder potencial para fazer o bem. Temos de reconhecer os perigos e as armadilhas, e estudar como evitá-los.

### **Protecionismo**

Não devemos ser ingênuos quanto aos aspectos nefastos da globalização e do outro lado da moeda do capitalismo sem restrições. Barreiras comerciais erguidas pelos Estados

Unidos, a União Europeia e o Japão (para mencionar apenas os mais importantes) constituem obstáculos grandes para o comércio justo e livre. O Ocidente professa o livre comércio, mas pratica várias formas de protecionismo. Exemplos disso podem ser vistos nos subsídios à agricultura na União Europeia e na América do Norte, bem como nas tarifas sobre o aço importado pelos Estados Unidos. Um jogo limpo no comércio internacional é uma miragem. Missão empresarial não opera num vácuo, e precisamos de cristãos que atuam no direito e na política, além dos empresários, para atacar essas questões.

### **Falta de apoio e treinamento**

É questionável se uma reforma nas leis internacionais do comércio por si só estimulará automaticamente o comércio livre e justo. Se pessoas do lugar não forem preparadas, incentivadas e apoiadas com eficiência para ingressarem no mundo dos negócios, elas serão incapazes de beneficiar-se do imenso potencial que o comércio local e internacional tem para oferecer. Uma das principais necessidades é transmitir a visão da missão empresarial por meio de apoio e treinamento prático.

Em algumas regiões pode haver falta de envolvimento nos negócios por parte dos cristãos, ou talvez apenas um envolvimento hesitante, por causa do estigma com que a atividade empresarial é rotulada, como já vimos. Contudo, com frequência há outras razões por que as pessoas não se envolvem, tais como: ausência de bons modelos, ausência de mentalidade empresarial na cultura, percepção inadequada de princípios empresariais saudáveis, falta de propostas profissionais para o desenvolvimento de projetos viáveis, falta de acesso a capital e investimento suficientes, falta de boas redes de apoio, e assim por diante.

Uma das causas desses fatores é a imaturidade do movimento de missão empresarial. Sente-se amplamente a necessidade de desenvolver redes de apoio, disseminar bons modelos, aprender e distanciar-se de fracassos passados, disponibilizar bom treinamento empresarial, desenvolver sistemas de financiamento, elaborar mecanismos de responsabilização e acompanhamento, e capacitar de modo geral os empreendedores em cada nação.

### **Oposição espiritual**

Os empresários não devem pôr a culpa automaticamente em Satanás quando não aplicaram práticas empresariais sadias ou não foram exatos nos vários aspectos da vida empresarial. Um dos obstáculos para a criação de empresas do Reino tem sido a espiritualização demasiada dos negócios, a ponto de se ignorar vezes demais os bons princípios empresariais.

Por outro lado, não devemos ignorar que todo discípulo que segue seu verdadeiro chamado caminha para a batalha num nível espiritual. Toda a armadura de Deus e atenção espiritual, “orando a Deus e pedindo a ajuda dele” (Ef 6.18), são exigências básicas para o empresário do Reino.

*Por experiência própria e da experiência de uns dez outros empresários de missão empresarial com quem trabalho regularmente, sei que a guerra espiritual é séria. Sabemos que a redenção de vidas e recursos ao mesmo tempo é algo que o inimigo não deixará acontecer sem tentar desferir alguns golpes sérios.*

### **Condições difíceis para os negócios**

Muitos países muito necessitados de transformação também apresentam um ambiente hostil para a atividade empresarial. Corrupção, intimidação e instabilidade econômica ou política fazem com que a sobrevivência de qualquer negócio seja um desafio.

A maioria dos investidores normalmente não poria seu dinheiro em alguns dos lugares em que Jesus mandou que nos aventurássemos. É por isso que é ainda mais importante que demos, aos que são chamados para começar negócios nesses lugares difíceis, o apoio de que necessitam. Precisamos procurar soluções criativas para o fato de que um retorno baixo do investimento é inerente a esses lugares difíceis. Para criar um ambiente melhor para os negócios nessas regiões desafiadoras, é crucial que trabalhemos como os que foram chamados para transformar a esfera legal, política e educacional, e com as entidades de ajuda e desenvolvimento que formam a vanguarda.

Leva tempo para lançar uma base sólida para a missão empresarial, mas sua importância não deve ser negligenciada. As oportunidades de, através da missão empresarial, entrar em países hostis ou “fechados”, e de ministrar aos mais necessitados, são tremendas. Mas isso vai exigir mais do que simplesmente enviar empresários e empresárias hábeis, preparados e comprometidos a esses lugares. Vai exigir mais do que simplesmente apoiar empreendedores nacionais que Deus quer usar para transformar suas comunidades. Vai exigir parcerias, apoio e encorajamento até que as empresas sejam autossustentadas e lucrativas. Mesmo então, nosso “objetivo do Reino” não é simplesmente que essas novas empresas cresçam, se tornem lucrativas e se reproduzam, mas que causem um impacto duradouro sobre os aspectos sociais, espirituais e materiais da sua sociedade.

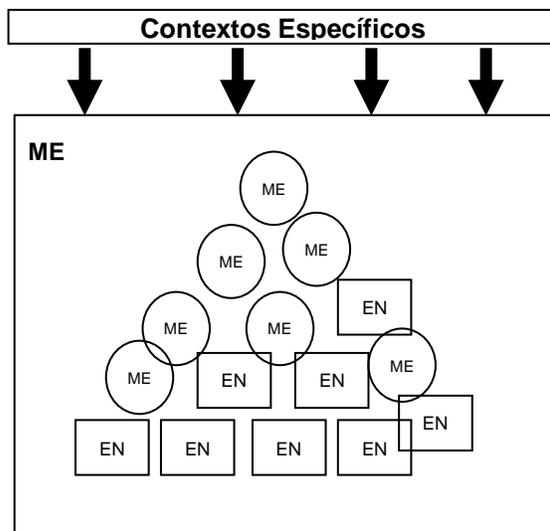
## Parte II: Missão empresarial na prática

### 4. As qualidades essenciais da boa missão empresarial

*10 princípios norteadores*

#### **Introdução**

Depois de identificar a missão empresarial como parte integral e vital da missão geral da igreja, importa identificar os aspectos que diferenciam a missão empresarial da atividade empresarial normal. A ilustração abaixo mostra que há algumas áreas complementares comuns a ambas. Por exemplo, uma boa empresa no âmbito da missão empresarial terá, por definição, muitas das características de qualquer empresa bem conduzida. Um negócio do reino precisa ser lucrativo e sustentável, como qualquer outro negócio. Integridade, honestidade e atendimento excelente ao cliente são características de qualquer bom negócio, e não só de um empreendimento de missão empresarial. Por si só, essas características não apontarão necessariamente para Cristo. Um negócio do reino começa com as bases de qualquer bom negócio, porém leva suas responsabilidades mais longe.



#### **BLOCOS PARA MONTAR UMA EMPRESA COM INICIATIVA MISSIONÁRIA**

1. EN = “Empresa normal”, ou seja, princípios empresariais fundamentais a qualquer iniciativa empresarial.
  2. ME = “Missão empresarial”, ou seja, características específicas de uma empresa como iniciativa missionária.
- Os contextos específicos determinarão como a empresa será montada na prática. Iniciativa de missão empresarial

Este capítulo enfocará os princípios gerais que distinguem a missão empresarial de um negócio normal. É importante observar que a *aplicação* de um princípio variará de um contexto para outro. Por exemplo, na busca de orientação espiritual e no desejo de prestar contas, algumas empresas viram que é útil ter um relacionamento contratual com igrejas ou agências missionárias. Essa decisão tem seus méritos, mas é apenas uma de muitas maneiras de buscar sustento em oração (princípio nº 8) e de cultivar prestação de contas espiritualmente (princípio nº 3). Por essa razão evitamos intencionalmente a expressão “melhores práticas”. As práticas podem variar de acordo com o contexto social, cultural, religioso ou econômico específico, mas o “princípio diretor” é o mesmo.

Além disso, a *profundidade* com que cada princípio é aplicado e seu *foco* variarão de empresa para empresa. Por exemplo, uma empresa pode dar ênfase à necessidade de criar empregos em regiões de desemprego endêmico (relacionada aos princípios 3 e 4),

enquanto outra pode se dedicar mais a ligar a empresa a uma estratégia de plantar igrejas (também ligado aos princípios 3 e 4).

O que segue é uma lista de princípios que devem caracterizar uma empresa como missão empresarial. Ela está dividida em duas partes. Primeiro alistamos os princípios fundamentais que devem existir em qualquer negócio bom. Em seguida estão os princípios que distinguem como empresa boa uma missão empresarial.

### *Princípios empresariais fundamentais*

#### **Busca de lucratividade e sustentabilidade no longo prazo**

O lucro é um sinal de que os recursos estão sendo usados com sabedoria. Ele indica que o produto ou serviço está sendo oferecido e vendido a um preço que cobre o custo dos recursos, inclusive o do capital. Para a maioria dos empreendimentos, os lucros são flutuantes, e nunca são garantidos. É comum para as empresas passar por períodos de lucro baixo, e até negativo. Por isso é importante olhar a lucratividade no longo prazo. Receitas maiores ocasionais com frequência sustentam uma empresa em períodos de perdas financeiras. Por esse motivo, uma empresa bem administrada analisará muito bem se e quando distribuir lucros. Lucro, e sua retenção, não é necessariamente um sinal de avareza.

#### **Busca de excelência, operação com integridade e sistema de prestação de contas**

Empresas mal-intencionadas conseguem ganhar dinheiro tomando atalhos, mas isso não é uma estratégia empresarial viável no longo prazo. As pessoas acabam percebendo, a má fama se espalha, e a empresa acaba fechando. Viabilidade e sucesso no longo prazo requerem um compromisso inarredável com a excelência, e uma reputação de trabalho duro, honestidade e confiabilidade. Essa é uma lei básica da economia, verdadeira mesmo se a empresa não pertence a um cristão. Há práticas empresariais padrão e critérios de excelência que nenhuma empresa, incluindo as do reino, pode se dar ao luxo de negligenciar. Além disso, empresas comprometidas com fazer negócios com excelência são transparentes, e recebem bem críticas, retornos e avaliações de empregados e da comunidade.

### *Características da missão empresarial*

#### **Motivação, propósito e plano do reino, compartilhados e adotados pelos proprietários e principais diretores**

Boas práticas empresariais por si só não apontarão as pessoas para Jesus. Para que isso aconteça, a empresa precisa ser mais direta. Isso começa com um plano, de preferência escrito, que reflete a motivação e propósito do reino da empresa. Por “motivação e propósito do reino” entendemos o desejo de causar um impacto positivo e duradouro na comunidade local, assim como na igreja. Os proprietários e diretores estão cientes de que, mesmo que a empresa não dure para sempre, o impacto pode ser permanente. Além disso, as prioridades espirituais da empresa são informadas regularmente a empregados e clientes, numa maneira culturalmente sensível.

*Um exemplo:* o fundador de uma empresa estabelecida na Turquia desligou-se de uma empresa multinacional para concentrar-se em uma “empresa da grande comissão”. Ele queria fazer negócios de qualidade mundial e ao mesmo tempo facilitar a plantação de igrejas na Janela 10-40. Ele concentrou-se deliberadamente na Turquia como “um dos maiores países não alcançados do mundo”, e decidiu mudar para uma cidade pequena em uma região da Turquia que contava com 1,5 milhão de habitantes, sem qualquer igreja. Sua empresa e seu envolvimento com a comunidade deram-lhe a oportunidade de transmitir as boas novas aos seus empregados e a outros na comunidade, que de outra forma jamais teriam ouvido do evangelho.

*Outro exemplo:* O alvo inicial de Evangelistic Commerce foi gerar fundos para agências missionárias. Logo ficou claro que muito mais podia ser feito para espalhar o evangelho. Agora com mais de 60 empregados, a empresa promove reuniões diárias de oração frequentadas por cristãos, hindus e muçulmanos, e estudos bíblicos duas vezes por semana. A empresa consegue dar ênfase no cuidado pessoal dos empregados, e demonstrar ativamente o amor de Jesus por intermédio da liderança dos diretores cristãos. Além de ser sal e luz na empresa, a direção ajudou a formar duas igrejas e uma escola fundamental cristã.

### **Empenho na transformação integral de indivíduos e comunidades**

Dentro da sua motivação do reino, a empresa vai aproveitar cada oportunidade para trazer benefícios espirituais, sociais, econômicos ou ambientais à comunidade como um todo. A empresa é uma força relevante dentro da comunidade, e respeitada pelos líderes locais. Ela procura estar, na medida do possível, em paz com todos os acionistas, e se conduz de uma maneira socialmente responsável e culturalmente apropriada. A empresa estabelece um padrão moral elevado para si mesma, e não se contenta em meramente obedecer às exigências mínimas da lei. Ela também evita oferecer produtos ou serviços que sejam danosos ou vistos como prejudiciais ou pecaminosos em algumas culturas.

*Um exemplo:* Uma empresa na Ásia constatou que, através das suas atividades empresariais, a maioria dos funcionários tinha aceitado Cristo e muitas pessoas do lugar tinham sido influenciadas pelo evangelho. Novas empresas tinham sido começadas em lugares remotos e também resultado em novas igrejas. Além disso, muitos empregados estavam ativamente investindo tempo para influenciar sua comunidade. O governo tinha premiado a empresa por suas atividades e, em consequência, os que trabalhavam nela tinham tido a oportunidade de servir de modelo de vida correta para os funcionários do governo e se tornado uma influência positiva em sua região.

*Outro exemplo:* A Clínica Bíblica, um empreendimento bem sucedido na área de saúde na Costa Rica, fez parcerias com outros ministérios com objetivos semelhantes. Ela trabalha numa parceria estratégica com o Ministério Infantil Roblealto, cuja missão é ministrar às necessidades espirituais e físicas das crianças costarriquenhas em situação de risco. Essa missão está estreitamente ligada ao seu próprio ministério de atendimento à saúde através de empresas. A Clínica Bíblica usa sua experiência médica para atender às necessidades médicas das crianças de Roblealto, e se beneficia ministrando a crianças com quem, de outra forma, não teriam contato.

### **Preocupação com o bem-estar integral dos empregados**

A empresa estabelece um padrão elevado na maneira de tratar seus empregados. Faz-se um esforço contínuo de tornar o trabalho e as condições de trabalho o mais seguros e agradáveis possíveis. Os empregados são tratados com dignidade, e têm oportunidades de crescimento pessoal e profissional. A família é valorizada.

*Um exemplo:* Poder trabalhar em casa dá aos tecelões da “empresa D” flexibilidade para cuidar de outras responsabilidades, como família, trabalho no campo e outros empregos. As mulheres, com frequência excluídas de muitos aspectos da vida empresarial, podem participar com liberdade e igualdade, fazendo tapetes.

*Outro exemplo:* Depois de passar por períodos de negligência de Deus e da família devido a pressões dos negócios, TRP Ltd. instituiu um plano e estruturas de prestação de contas para descanso e reposição de forças. A rotina atual inclui um dia por semana para orar e planejar as necessidades da empresa, da igreja e da família.

### **Empenho para maximizar o impacto do reino dos seus recursos financeiros e não financeiros**

Os diretores e proprietários reconhecem que, na verdade, Deus é o dono da empresa. Por isso, se empenham em maximizar a influência da empresa. Algumas empresas doam dinheiro para outros ministérios. Outras empresas talvez tenham menos liberdade financeira, mas contribuem para a promoção do reino de Deus de outras formas, por exemplo, através de programas de desenvolvimento dos empregados, da gerência da sua rede de fornecedores, e assim por diante. Uma palavra de advertência é necessária aqui. Algumas pessoas são incisivas em dizer que as empresas devem dar o dízimo dos seus lucros. Nós preferimos uma postura menos legalista, por duas razões. Em primeiro lugar, às vezes é apropriado reter lucros, como foi indicado no princípio nº 1. Em segundo lugar, algumas pessoas serão tentadas a pensar que, dando o dízimo, cumprem sua obrigação como missão empresarial, e deixarão de buscar agressivamente outras maneiras de usar sua empresa para Cristo. Ser generoso é bom, mas é mais importante que os diretores e proprietários adotem um conceito mais integral de missão empresarial, e de como integrar uma estratégia de empresa e de missão.

*Um exemplo:* A tecelagem D começou como um projeto de criação de empregos, tendo como alvo o bem-estar econômico, espiritual e pessoal das aldeias em que atua. Mais de uma década depois da sua fundação, esse compromisso sobrepujou o projeto inicial e gerou um compromisso adicional de financiar escolas. Atualmente a empresa D apoia mais de dez escolas, que têm causado impacto em mais de 600 famílias em 100 aldeias. Ela também ajudou a financiar a construção de várias salas de reunião para as igrejas das aldeias vizinhas.

*Outro exemplo:* a Clínica Bíblica usa o que sobra dos seus rendimentos para sustentar seus muitos ministérios deficitários na comunidade. A rede da qual ela faz parte usa seu faturamento global para subsidiar o atendimento médico de todos os pacientes carentes. Divide-se o excedente em três partes: um terço é investido em construções e custos de manutenção, um terço em equipamento médico, e um terço para financiar outros ministérios médicos ou de ação social.

### **Exemplificação de uma liderança de servo, como Cristo, e seu desenvolvimento em outros**

Dirigentes de empresas no estilo de missão empresarial lideram pelo exemplo, e servem de reflexo de Cristo servindo a outros. Além disso, servem de mentores e discipulam outras pessoas por palavras e ações. Encorajam-se perguntas sobre a fé e sua relevância, respondidas de maneira apropriada ao contexto. As decisões são tomadas tendo em mente a pergunta: “O que Jesus faria nessa situação?” Os diretores se reúnem regularmente para orar, e os empregados são incentivados a fazer o mesmo. Ora-se por empregados, clientes e investidores pelo nome, em base regular. Em alguns casos, um mentor espiritual (um pastor local, por exemplo) é convidado a passar certo tempo na empresa com o propósito de proporcionar cuidado emocional e espiritual aos empregados.

*Um exemplo:* O fundador de uma empresa na Ásia conta: “Nossos empregados aprendem de nós que servir aos nossos clientes é o fundamento da nossa empresa. Na verdade, estar disposto a servir é um valor eterno. A empresa é o campo de treinamento de Deus para nos ensinar a servir.”

*Outro exemplo:* Na empresa BA, no sudeste da Ásia, os funcionários têm aprendido sobre como viver o evangelho. John relata: “O Senhor estava me mostrando o poder de discipular pessoas no local de trabalho. Onde os cristãos passam a maior parte do tempo? Onde falhas de caráter se manifestarão? Será na igreja, aos domingos, ou no local de trabalho, durante a semana? Por isso, onde as pessoas deviam ser discipuladas? Em muitas reuniões da igreja, a Palavra é apenas falada. No local de trabalho, ela precisa ser vivida, e o discipulado cristão precisa ser exemplificado em resposta a desafios concretos.”

### **Implementação intencional de práticas éticas que honram a Cristo e não entram em conflito com o evangelho**

Empresas do reino operam com base nos princípios morais e éticos da Bíblia. Estes podem ser adotados por todos os empresários em seu próprio benefício. Empresas do reino são empreendimentos cujo propósito é produzir bens e prestar serviços que realizam na terra a vontade de Deus revelada e proclamada na Bíblia. Elas aplicam consistentemente o ensino de Cristo à sua vida e prática empresarial. Elas instituem sistemas de prestação de contas que abrangem as áreas da ética e da semelhança de Cristo. Elas avaliam com atenção seus bens e serviços para ter certeza de que não entram em conflito com a mensagem do evangelho.

*Um exemplo:* O fato de adotar uma ética que honra a Cristo tem feito a empresa TRP Ltd., na Ásia Central, perder várias oportunidades financeiramente lucrativas. Condições burocráticas e econômicas oscilantes e situações de corrupção aumentaram os desafios de fazer negócios lucrativos de um modo ético. O fundador tem apoio de um mentor cristão e de uma rede de empresários com postura igual à sua na Ásia Central. Ele também sabe que uma vida de oração abundante e um profundo conhecimento de Deus e da sua palavra *não* são opcionais quando se quer fazer um trabalho eficaz no mundo empresarial.

### **Proatividade na intercessão e busca de apoio em oração de outros**

Diretores e proprietários buscam apoio em oração de outros, e mantêm linhas de comunicação abertas com esses mantenedores em oração. Satanás fará todo o possível para sabotar os alvos de reino da empresa, por isso deve-se dar uma atenção especial à luta espiritual. Intercessão proativa pela empresa faz parte do trabalho da liderança.

*Um exemplo:* No início do negócio, o fundador de uma empresa na Ásia não estava preparado para a medida de guerra espiritual que encontrou. Ele não se concentrou intencionalmente na oração, nem sozinho nem com os poucos crentes que conhecia. Passado algum tempo, decidiu que “oração é trabalho”, e começou a ver resultados depois de orar, ele mesmo, e de organizar outros para fazerem o mesmo. Ele descobriu que ter alguém orando sistematicamente por cada empregado todos os dias foi o melhor investimento que poderia ter feito.

### **Esforço de mobilizar o poder da conexão com organizações de postura semelhante**

Como diz o provérbio, “dois homens podem resistir a um ataque que derrotaria um deles se estivesse sozinho. Uma corda de três cordões é difícil de arrebentar” (Ec 4.12). Empresas que mantêm contatos entre si podem ser uma força muito grande. Com frequência, várias organizações (lucrativas ou não) podem realizar mais pelo reino trabalhando juntas do que separadamente. Boas empresas do reino buscam esses relacionamentos e estão abertas para servir outras organizações com alvos semelhantes.

*Um exemplo:* O fundador da empresa TRP Ltd. tem se engajado em organizar uma rede informal de mais ou menos 200 pessoas num país da Ásia Central, e de outras 50 fora do país, que estão interessadas em fazer negócios do reino nesse país. Uma página na internet está sendo preparada para facilitar os contatos e incentivar crentes a fazer negócios nesse país.

*Outro exemplo:* De 1991 a 1993, a empresa AMI teve vendas de mais de 10 milhões de dólares por ano, e atualmente tem ativos em locais da Ásia Oriental. A partir dessa posição forte, a AMI fez parcerias estratégicas com mais de 15 associações sem fins lucrativos para promover educação, desenvolvimento e plantação de igrejas em comunidades da Ásia Oriental, algumas das quais são muçulmanas. Em cada empresa, o “coordenador estratégico da grande comissão” estabelece contatos com líderes das igrejas locais e elabora estratégias em relação a evangelização, discipulado e plantação de igrejas. Os estrangeiros são responsáveis espiritualmente diante de uma igreja ou agência missionária, e têm contratos que descrevem e especificam suas atividades e termos de trabalho.

Nosso objetivo até aqui foi trazer um conjunto de princípios diretivos para aqueles que querem pôr a missão empresarial em prática. A lista não é definitiva e certamente será aperfeiçoada com a experiência coletiva; contudo, esses itens servem de ponto de partida. Os princípios foram tirados do conhecimento e da experiência das melhores práticas dos membros do grupo de interesse. Estudos de casos apresentados especialmente para esse texto também foram usados, assim como livros já escritos sobre o assunto. Estudos de casos que refletem mais plenamente os princípios foram escolhidos como exemplos. Alguns destes podem ser vistos por extenso no capítulo 5 e no apêndice C. Para mais textos sobre empreendimentos de missão empresarial existentes, assim como outros exemplos das melhores práticas, veja a lista de recursos no apêndice F. Os livros *On kingdom business*, de Yamamori e Eldred, *Great mission companies*, de Rundle e Steffen, e *Transform the world*, de Swarr e Nordstrom, são especialmente úteis e instrutivos sobre a esse respeito.

## 5. Histórias de missões empresariais

### *Estudos de casos*

#### ***Introdução***

O propósito deste capítulo é contar algumas histórias de missão empresarial. Esses casos darão ao leitor uma ideia de como a missão empresarial realmente acontece na prática.

O estilo e profundidade de aplicação dos princípios-chave de missão empresarial variam, às vezes de modo dramático, de contexto para contexto. Os métodos e estratégias específicos usados têm de ser diferentes e criativos, dependendo de cada empresa, seu enfoque principal e seu contexto. Estas histórias curtas mostram como esses princípios podem se manifestar nas diferentes práticas e prioridades do negócio. Elas mostram como, com frequência, os princípios foram aprendidos por tentativa e erro. Mostram também que os princípios foram às vezes aplicados intencionalmente e outras vezes sem intenção.

Essas histórias são incluídas aqui para dar ao leitor uma degustação dos diferentes “sabores” da missão empresarial, para se inspirar e aprender deles. Dois outros casos podem ser vistos no apêndice C.

#### ***TRP Ltd.***

##### **Pano de fundo da empresa**

“Michael”, o fundador da “TRP Ltd.”, mudou para a Turquia em 1997, depois de trabalhar 13 anos na área da medicina. Ele fora levado por sua paixão de ver ali o desenvolvimento de um movimento autorreprodutor e autossustentador de igrejas. O manual de oração *Operação mundo* chama a Turquia de “o maior país não alcançado do mundo”. Numa população de 71 milhões, há apenas cerca de 2.400 cristãos turcos, em perto de 75 pequenas congregações.

Michael começou abrindo um escritório de representações de equipamentos médicos importados. Então, em 2000, em viagem para seu país natal, ele conheceu os donos de uma grande empresa global de comércio de alimentos. O principal executivo simpatizou com a visão cristã de Michael, e como a empresa queria expandir seus negócios na Turquia, concordou em treiná-lo e assessorá-lo como agente de compras de alimentos e produtos agrícolas. Usando 110.000 dólares de capital pessoal, Michael e sua esposa organizaram a TRP Ltd. em 2001 como empresa de comércio e consultoria.

A curva de aprendizado foi de ascendência muito inclinada, mas Michael conseguiu achar um mentor cristão que tinha ampla experiência empresarial e comercial internacional.

Já no seu primeiro ano, TRP Ltd. respondeu por mais de 20% das exportações de óleo de oliva virgem engarrafado da Turquia para os Estados Unidos, onde foi vendido em perto de 7.000 lojas em 30 estados. A empresa desenvolveu sua própria marca, com a ênfase distinta como “natural, saudável e com negócios limpos”. Além disso, a TRP Ltd. trabalha como consultora de uma grande exportadora de nozes comestíveis para a China, negociando um contrato com uma empresa das 500 Maiores e Melhores na área de energia renovável, bem como em outros projetos agrícolas e de alimentos.

### **Descrição das práticas específicas de missão empresarial**

Michael foi o único palestrante estrangeiro num simpósio sobre alimentos na Turquia, em seu setor. Seu trabalho lhe deu a oportunidade de falar na televisão e de ser retratado nos jornais econômicos mais populares do país. Seu papel na comunidade empresarial fez com que Michael fosse convidado para servir como secretário de uma associação comunitária turca em sua cidade.

A empresa de Michael e seu envolvimento na comunidade lhe deram a oportunidade de compartilhar as boas novas com seus empregados e outros na comunidade. Sua experiência de vida real no mundo empresarial turco lhe possibilitou ser bem aceito e ter autoridade no trabalho de aconselhamento na pequena igreja em que ele serve como pastor não remunerado, ao lado de dois outros.

Michael tem um grande desejo de ver mais empresários que andam com Cristo compartilhar a visão e exercer um papel ativo na Turquia. Em base voluntária, ele tem se engajado em organizar uma rede informal de uns 200 crentes na Turquia, e outros 50 fora do país, que estão interessados em fazer negócios na Turquia. Consultores empresariais e estudantes de economia, bem como empresários experientes, têm feito visitas curtas para ajudar os empresários turcos e estrangeiros na Turquia. Várias “consultas empresariais turcas” já foram realizadas. Uma página na internet está sendo elaborada para facilitar os contatos e incentivar crentes a fazer negócios na Turquia.<sup>4</sup>

### **Avaliação da empresa e das suas práticas**

A empresa é lucrativa, mas o investimento inicial ainda não foi devolvido.

Adotar uma ética empresarial que honra a Cristo limitou algumas oportunidades de negócios financeiramente lucrativos. Condições burocráticas e econômicas oscilantes e situações de corrupção aumentaram os desafios de fazer negócios lucrativos de um modo ético na Turquia. Michael tem a esperança de que as reformas recentes melhorarão o ambiente empresarial, já que a Turquia está buscando ser aceita como membro pleno da Comunidade Europeia.

### **Lições aprendidas**

*É preciso estar focado no cliente e no mercado.* Sem clientes e sem maneiras eficientes de colocar o produto no mercado, nenhuma empresa pode sobreviver. Vender significa “amar seu cliente como a si mesmo”.

*Assessoria gratuita pode ser proveitosa.* Funcionários do governo, especialistas do mundo acadêmico e mentores do contexto empresarial cristão às vezes dão assessoria gratuita. Podem ser mentores pessoas que conhecíamos, mas cujas habilidades empresariais não valorizávamos antes.

*É bom buscar ajuda profissional.* Advogados, contadores e consultores podem ser caros, mas os erros cometidos por não consultá-los podem ser fatais.

*Equilíbrio e descanso são necessários.* Depois de vários períodos em que Michael negligenciou a comunhão com Deus e a família por causa das demandas da empresa, a necessidade de prestar contas a alguém e de fazer um plano para descansar e renovar as forças ficou evidente. A rotina atual prevê um dia por semana para caminhar nas montanhas ou na praia para ouvir Deus, orar e planejar a empresa, bem como pensar nas necessidades da igreja e da família. Vida de oração abundante e profundo conhecimento

---

<sup>4</sup> Contate [Lausanne@TRbiz.org](mailto:Lausanne@TRbiz.org) para detalhes.

de Deus e de sua palavra *não* são opcionais se queremos fazer um trabalho espiritual eficiente no mundo empresarial.

### ***Empresa D***

*D* é um projeto de tecelagem na região de Farstan que cria empregos nas aldeias em torno da segunda maior cidade da região. A empresa objetiva capacitar os pobres concedendo às aldeias a posse dos meios de produção e promovendo a educação apoiando o desenvolvimento de escolas nas aldeias.

A tecelagem é uma habilidade tradicional, mas os aldeões que querem trabalhar em *D* são treinados, a fim de garantir desenhos e acabamentos de qualidade. *D* fornecia teares para os aldeões usarem em suas casas. Também fornece a matéria prima. Implantar um projeto de tecelagem pode levar vários meses, e por isso *D* faz pagamentos parciais aos produtores para lhes fornecer capital de giro e recursos familiares durante o processo de produção.

*D* em essência é uma organização de comercialização, para dar aos aldeões acesso ao mercado internacional, recorrendo a outra empresa de comércio. Essa estratégia de comercialização permite a *D* pagar aos artesãos salários significativamente acima dos de mercado.

O empreendimento tem tido um impacto multifacetado sobre as aldeias. Além de mais do que dobrar a renda dos artesãos, a empresa ajudou a criar várias escolas. Uma escola tem 750 alunos, dos quais mais da metade são meninas. Com uma renda que os sustenta, muitos têm se comprometido no longo prazo com sua aldeia, e médicos têm voltado à aldeia que abandonaram, na esperança de fazer uma diferença duradoura.

O empreendimento também sustenta famílias. A flexibilidade resultante de colocar os teares nas casas dos artesãos permite que os moradores atendam a outras responsabilidades, incluindo a família e o trabalho nos campos. As mulheres, tantas vezes excluídas de muitos aspectos da vida empresarial, podem agora participar com liberdade e igualdade na tecelagem.

Cada aldeia elege um supervisor de entre os trabalhadores. O supervisor ajuda os outros tecelões da aldeia. Estes identificam de modo coletivo as necessidades específicas da comunidade.

Os tecelões e supervisores descobrem que se relacionam de maneiras que jamais teriam experimentado de outra forma. Um muçulmano que supervisiona um cristão já não é identificado como muçulmano; eles passam a ser amigos e companheiros, trabalhando para atingir um objetivo comum e o bem-estar de toda a aldeia.

### ***Comércio evangelístico***

#### **Pano de fundo**

Tom Sudyk trabalhou por doze anos na polícia, antes de começar sua carreira como empresário, fundando e vendendo mais de vinte empresas. Em 1999, ele viajou à Índia para ajudar uma agência missionária numa questão de integridade financeira. Nessa viagem ele se inteirou das restrições do governo indiano à entrada de fundos estrangeiros,

particularmente para atividades missionárias cristãs. Sudyk viu aí a oportunidade de abrir uma empresa na Índia para gerar fundos para missões.

### **A criação da empresa**

Depois de identificar um ramo promissor (transcrições de relatórios médicos gravados) e de contratar um administrador indiano cristão, Sudyk abriu uma empresa em Chennai, na Índia. Ele conseguiu como cliente uma empresa americana de transcrições e começou a produzir no começo do ano 2000. O capital inicial da empresa foi de mais ou menos 150.000 dólares, e ela começou a ser lucrativa depois de dois anos. A partir dali ela se expandiu para incluir desenvolvimento de programas de computador, conversão de dados e desenhos arquitetônicos, além de abrir uma escola de treinamento de transcrições.

### **O ministério da empresa**

O objetivo inicial da empresa era gerar fundos para agências missionárias. Logo ficou claro que muito mais podia ser feito para difundir o evangelho. Agora com mais de 60 empregados, a empresa realiza uma reunião diária de oração frequentada por cristãos, hindus e muçulmanos, e estudos bíblicos duas vezes por semana. A empresa está preparada para o cuidado pessoal dos empregados e para demonstrar ativamente o amor de Jesus por meio da liderança de administradores cristãos. Além de ser sal e luz dentro da empresa, os diretores da empresa ajudaram a fundar igrejas e uma escola fundamental cristã.

A empresa forneceu ajuda técnica e financeira a uma escola de informática para deficientes físicos e contratou vários dos seus alunos.

### **Emulação – a próxima geração**

Sudyk constatou que estudantes de administração americanos que se sentiam chamados para o serviço e a missão cristã eram encorajados a abandonar a faculdade de administração para fazer um curso de teologia. Então criou uma ONG e iniciou um programa de estágio para incentivar estudantes de administração a usar o comércio global como veículo para a expansão do evangelho para países que estão fechados para o trabalho missionário tradicional. Atualmente a ONG trabalha com mais de 200 faculdades cristãs e, por meio de uma parceria com a Aliança Bíblica Universitária, com um número significativo de faculdades e cursos de mestrado seculares.

### **Lições aprendidas**

É mais fácil ensinar o ministério cristão a um empresário do que a atividade empresarial a um pastor. Os empresários se concentram em boas práticas empresariais e em integrar o ministério nos negócios, e não em começar uma missão para depois tentar apresentá-la como empresa. Se a empresa floresce, o mesmo ocorre com o serviço a seus empregados e à comunidade, tudo sem precisar de doações ou investimentos.

### ***AM International***

Em 1989, “Bob”, o fundador da empresa, saiu de uma grande multinacional para se dedicar à criação de empresas da Grande Comissão. Ele queria fazer negócios de nível

internacional e ao mesmo tempo facilitar o trabalho de plantação de igrejas na Janela 10-40.

Bob comprou uma participação majoritária na AMI, uma empresa de consultoria e manufatura no setor tecnológico. Em poucos meses, ele tinha quatro empregados. De 1991 a 1993, a empresa vendeu em média 10 milhões de dólares por ano em tecnologias de ponta em iluminação e outros produtos de elevada automação. Atualmente ela tem participação em nove empresas no Extremo Oriente.

A empresa tem administrado novas fábricas no Extremo Oriente para empresas americanas com capital na bolsa, e tem escritórios menores de manufatura e representação no Oriente Médio e no Norte da África. O capital desses empreendimentos manufatureiros fica entre 1 e 10 milhões de dólares, e a AMI detém entre 15 e 100 por cento. Ela fez parcerias estratégicas com mais de 15 associações sem fins lucrativos para promover educação, desenvolvimento e plantação de igrejas em comunidades orientais e muçulmanas.

O alto investimento de dinheiro e tecnologia de ponta dá à empresa uma forte influência política. Os governos do Extremo Oriente geralmente recebem de braços abertos os manufatores estrangeiros, especialmente aqueles que trazem um bom capital. Se uma empresa é lucrativa e cria empregos para pessoas do lugar, o governo não interfere, a não ser que ela esteja abertamente transgredindo a lei ou embaraçando o governo (fazendo-o “ficar mal”).

Cada empreendimento da AMI tem um coordenador estratégico da Grande Comissão, um empreendedor e consultor espiritual que faz contatos com líderes de igrejas locais e desenvolve estratégias em relação a evangelização, discipulado e plantação de igrejas. Esses coordenadores fazem parte da diretoria local da empresa, para incluir no planejamento anual projetos da Grande Comissão ambiciosos, mas culturalmente implementáveis. Esses projetos estabelecem alvos, definem propósitos e criam sinergias para trazer o máximo proveito para o reino de Deus.

A AMI favorece a plantação de igrejas ou equipes de ministério que se concentram em cidades ou grupos étnicos. Estrangeiros são responsáveis espiritualmente por uma igreja ou agência missionária, e têm contratos que detalham e especificam sua descrição de atividades e condições de trabalho.

Normalmente o líder da equipe não é o administrador principal da empresa. Bob percebeu que empreendedores do Reino isolados ficam limitados tanto em termos financeiros quanto em eficiência. Eles precisam fazer parte de uma equipe, onde prestam contas e são encorajados. Quando a AMI começou a trabalhar em determinada república da Ásia Central no começo da década de 1990, encontrou menos de dez muçulmanos que seguiam a Cristo. Em poucos anos, porém, os empregados da AMI estavam se encontrando semanalmente para discipulado com mais de 80 muçulmanos que agora são seguidores de Jesus. Isso demonstra a eficiência de uma equipe de profissionais do Reino. As equipes de gerência são de origens étnicas e nacionais variadas. Isso proporciona às empresas uma rede de contatos mais ampla e provê habilidades mais especializadas para atingir os objetivos. Em empresas apenas com empregados locais, pode haver dificuldades de comunicação com empresas multinacionais e uma perspectiva empresarial limitada.

Nem todos os diretores são cristãos. Quase todos são, comprometidos com a Grande Comissão – mas nenhum dos outros é hostil aos alvos missionários da empresa. Os

salários são baseados primordialmente na produtividade e não no sustento recebido de doadores. É difícil para um diretor tomar boas decisões desvinculadas dos benefícios que vai ter. Permite-se que estrangeiros recebam benefícios por intermédio de grupos sem fins lucrativos.

As empresas da AMI têm bons mercados de exportação, o que ajuda a isolá-las da corrupção local. Também ajuda a dar uma boa imagem política, pois o governo sabe que as empresas trazem recursos de mercados externos que estimulam o crescimento econômico local.

Bob conta: “Somos cooperadores de Deus. Plantamos as sementes através dos negócios, mas Deus é que dá o crescimento.”

### ***Uma empresa asiática***

Um empreendimento manufatureiro na Ásia foi iniciado em 1988 com uma ideia, cinco empregados e 10.000 dólares de capital. Em quinze anos, a empresa tinha crescido a ponto de ter 350 empregados, exportações no valor de 3 milhões de dólares e lucros de 400.000 dólares anuais.

### **Ideias erradas iniciais**

O fundador, “Jim”, tinha algumas ideias iniciais equivocadas a respeito do propósito do seu negócio e das boas práticas empresariais. Ele achava que, pelo fato de estar engajado na “obra de Deus”, Deus lhe daria algum desconto e o desobrigaria de seguir as regras normais que outros empresários bem sucedidos seguem. Levou tempo para Jim entender que a atividade empresarial é um sistema organizado por Deus com suas leis próprias, instituído já na criação. Para redimir esse sistema temos de compreendê-lo e atuar no quadro da sua “lei natural”.

Jim achava que o negócio era apenas um veículo para algo mais importante. Ele não tinha entendido que as pessoas que o observavam ligariam sua autenticidade nos negócios à autenticidade em outras coisas, incluindo suas palavras.

Pressões nos negócios que deveriam ter levado Jim a confiar mais em Deus acabaram por deixá-lo perplexo. Ele esperava que o ministério acontecesse depois do trabalho, e não através de oportunidades criadas no âmbito dele. Ele não via a atividade empresarial cotidiana como um meio de discipular as pessoas. Perdeu muitas oportunidades. Jim admite que não estava preparado para a batalha espiritual que encontrou. Ele não fez bem o trabalho de oração, nem sozinho nem com os poucos crentes que conhecia.

### **Lições aprendidas com a experiência**

Jim aprendeu que o sistema da “empresa” também é algo que Deus criou. Entender o sistema é como vir a conhecer seu criador. A empresa é digna, não mundana. Os “caminhos mundanos” são tentativas de causar curtos-circuitos no sistema de Deus. A atividade empresarial não foi engendrada para resultar em recompensas temporais, mas sempre teve a intenção de gerar recursos e desenvolver habilidades de valor eterno, que nos dão oportunidades de investir em outras coisas eternas.

A oração é um trabalho importante, e chave para se ver resultados. Jim percebeu que orar pelas pessoas *por nome*, e não por grupo, dava os resultados mais visíveis. Então ele

mobilizou muitos para se juntar a ele no esforço de oração. Jim chegou à conclusão que ter sempre alguém orando por cada empregado a cada dia foi o melhor investimento que ele jamais fez.

A atividade empresarial é o campo de treinamento em que Deus nos ensina a servir. Veja o que os livros de administração dizem sobre o serviço. E servir é uma habilidade que precisaremos ter em nosso currículo quando nos candidatarmos ao emprego na Nova Jerusalém. A atividade empresarial nos permite praticá-la agora!

Jim constatou que os eventos do dia na empresa eram o melhor lugar para discipular pessoas. Podem-se ver centenas de pessoas e seus parentes influenciados pelo evangelho enquanto tocamos um negócio.

### **Dar fruto**

Jim aprendeu que o negócio bem sucedido pode transformar de modo integral tanto indivíduos como comunidades.

A maioria dos empregados já aceitou a Cristo. O nome de Cristo tem sido exaltado em centenas de maneiras e eventos diferentes. A influência do evangelho foi estendida a muitas pessoas fora do negócio em si. Além disso, Jim e sua equipe puderam fundar novas empresas em lugares remotos, que resultaram em novas igrejas. Uma associação de ex-mendigos agora empregados surgiu.

Muitos empregados também estão investindo tempo ativamente para influenciar sua comunidade. Os crentes estão se esforçando em estabelecer o reino de Deus numa região conhecida por estar sob o controle de muitas bruxas.

Negócios criam oportunidades. Os governos veem com bons olhos as organizações que beneficiam seu povo. À empresa de Jim, o governo já concedeu prêmios por suas atividades. Em consequência, Jim e outros no mundo empresarial têm tido oportunidades para testemunhar de Cristo em ações e palavras aos funcionários públicos locais.

Dinheiro está sendo reinvestido na sociedade e na igreja, em lugar de ser tirado dela para sustentar empregados (estamos falando de milhões de dólares). Muitos “missionários” estão no campo há anos sem precisar receber sustento de fora.

Jim sabe que tudo poderia ter sido feito melhor, e está ciente da sua incrível fraqueza. Contudo, ele espera que as lições que ele aprendeu possam encorajar outros – para a glória de Deus.

## Parte III: Capacitação do corpo de Cristo

### 6. Mobilização para a missão empresarial

*Liberando recursos inativos na igreja global*

#### **Introdução**

Missão empresarial é parte de um movimento mais amplo que está surgindo. Isso é resultado do rompimento de barreiras antigas no pensamento cristão e na cultura da igreja. Essas barreiras têm a ver principalmente com a separação entre sagrado e secular, que, por sua vez, produziu a divisão entre clero e leigos.

No linguajar evangélico, a expressão “ministério em tempo integral” tem significado servir como “cristão profissional” no papel de pastor, missionário ou evangelista. Mas temos de reconhecer o ministério dos leigos, que é cada membro do corpo de Cristo servindo a Deus 24 horas por dia, sete dias por semana, em todas as áreas da vida. Na produção e no comércio, os empresários cristãos são chamados e capacitados para viver e atuar em maneiras que honram a Cristo. Eles devem ser “sal e luz” através dos negócios. Isso é básico para a missão empresarial, que encoraja, equipa e emprega cristãos para causar um impacto transformador em prol do reino de Deus **no** e **por meio do** negócio. Temos de mobilizar os empresários para assumirem seu papel vital no cumprimento da grande comissão. Isso é verdade especialmente em lugares em que o nome de Jesus raramente é ouvido ou entendido, e onde seu amor e compaixão raramente são experimentados.

Precisamos pensar em termos de mobilização de empresários de todas as nações, indo a todas as nações em expressões transculturais de missão empresarial. Contudo, não devemos negligenciar expressões de missão empresarial na mesma cultura ou em culturas próximas. É vital que encorajemos e equipemos empresários cristãos bem próximos das áreas carentes, e os mobilizemos para essa causa. São eles que mais facilmente podem causar um impacto de transformação duradouro nas suas comunidades e nações. São eles que geralmente lutam por apoio em culturas cristãs que com frequência olham para o mundo empresarial com desconfiança e até com hostilidade.

Quer estejam ministrando em contexto transcultural ou dentro da sua própria cultura, os empresários cristãos precisam ser afirmados em seu chamado e vocação para os negócios. Quando se sentem chamados para servir a Cristo, eles não devem mais ser orientados automaticamente a abandonar sua vida empresarial para ministrar no padrão de um “pastor” ou “missionário” tradicional (ministérios que com frequência são destacados como “chamados mais elevados”). Empresários têm habilidades e experiências específicas de que o mundo necessita a fim de experimentar plenamente as boas novas do evangelho.

*A respeito da relação entre os negócios e servir a Deus, quando alguém pergunta como sua vida pode “glorificar a Deus”, geralmente ele não ouve a resposta: “Dedique-se à atividade empresarial”. [...] Quando um jovem pergunta: “Como posso servir a Deus com minha vida?”, ele não costuma ouvir a resposta: “Torne-se empresário.”*

Wayne Grudem, *Business for the glory of God*, Crossway, 2003

Os líderes da igreja têm um papel importante em encorajar e mobilizar empresários e profissionais liberais. O resultado seria que eles são liberados para ver seu local de trabalho ou sua empresa como principal campo de ministério, para então pensar objetivamente em como podem ser embaixadores do reino de Deus, local e globalmente.

### ***Passos para a mobilização***

#### **Comunicar a visão**

A mobilização para a missão empresarial começa com a comunicação da visão. Mensagens essenciais que precisam ser transmitidas são o que Deus tem em mente com a criação, o trabalho e os negócios, seu chamado para ministrarmos de modo integral, para manifestarmos seu reino no mercado e para orarmos e trabalharmos para ver vidas e a sociedade transformadas em todos os povos.

#### **Identificar o potencial**

Quem tem dom para ser empresário? Quem tem chamado para os negócios? Quem está habilitado? Temos de fugir da tentação de pensar que somente os empresários ocidentais podem se engajar na missão empresarial. Todos os países têm empreendedores e empresários. Os que têm dom para os negócios precisam ser identificados e incentivados. Em alguns casos, empresários saem de um país para se fixar em outro. Uma estratégia eficiente de missão empresarial inclui a identificação de empresários-chave em sua cultura ou país, que podem ser encorajados, treinados, equipados e colocados. Esse processo de identificação sempre faz parte da mobilização.

#### **Afirmar**

Um dos elementos mais importantes da mobilização é que os empresários cristãos sejam afirmados em seu chamado. Empresários cristãos devem ser enviados para servir no mercado. Eles precisam ser regularmente incentivados em sua atividade. Os líderes das igrejas devem pensar seriamente em impor as mãos e orar pelos empresários durante o culto. Isso também vale para professores, assistentes sociais, engenheiros e advogados.

#### **Recrutar**

Mobilizar para a missão empresarial vai além de incentivar cristãos que são empresários. Missão empresarial coloca questões como: De que maneira se pode causar um impacto intencional em prol do reino de Deus na e através da empresa? Na missão empresarial, a empresa é ao mesmo tempo o meio e a mensagem. Se Deus chamou alguém para os negócios, a pergunta seguinte é: Onde ele quer que ele os faça? Onde a necessidade do evangelho é maior, ou sua mensagem mais fraca? Precisamos ser proativos em recrutar pessoas e colocá-las em lugares estratégicos, e em ajudar empresários a desenvolver seu lugar na missão da igreja.

#### **Selecionar**

Implementar a missão empresarial com sucesso requer que as pessoas certas sejam usadas para as atividades certas. Quando a iniciativa de missão empresarial inclui um elemento transcultural, torna-se ainda mais importante que pessoas com as habilidades certas sejam

recrutadas e colocadas no lugar. Cada empresa, organização ou rede de contatos envolvida na missão empresarial precisa elaborar os critérios e as qualificações necessárias para a implementação bem sucedida.

### **Treinar e equipar**

Esse passo pode ser bem diversificado em conteúdo e formato, desde a formação básica em administração até a aquisição de habilidades de comunicação transcultural. Um fator crítico de sucesso é o acompanhamento de novos empresários por líderes empresariais experimentados.

### **Mobilizar recursos**

Recursos adicionais são necessários para a implementação da missão empresarial, como acesso a redes de contatos, desenvolvimento de mercados, conjunção de oportunidades e pessoas etc. Sem isso, os recursos financeiros são insuficientes. Entretanto, a mobilização de capital é um componente vital por si só. Existe capital suficiente na mão de investidores com “perspectiva de reino”, que só precisam ser informados de oportunidades de investimento estratégico que têm valor eterno.

Novos recursos humanos são necessários e podem vir de uma nova geração de empreendedores jovens, formados em escolas de administração e treinados em empresas de ponta. Eles poderiam ter como parceiros líderes empresariais que agregam experiência e capital financeiro a esses líderes jovens.

### **Alocar**

A missão empresarial requer uma visão global. Ela faz parte do projeto da igreja toda que leva todo o evangelho a todo o mundo. Missão empresarial trata de gente indo de todos os lugares para todos os lugares, trata de capacitar e alocar empresários do leste e do oeste, do sul e do norte. Faz parte do processo de mobilização receber ajuda e estar ligado a oportunidades estratégicas de servir em outros países.

### ***Problemas e barreiras***

De muitas das principais barreiras já falamos. Uma barreira chave que apareceu seguidamente durante os preparativos deste texto é a realidade da separação entre o sagrado e o secular, e a divisão entre clero e leigos. Essas barreiras precisam ser superadas para podermos com eficiência mobilizar pessoas para a missão empresarial.

O obstáculo surge quando o líder de uma igreja compreende o que está em jogo e se esforça para ajudar, mas é restringido pelas exigências e responsabilidades de administrar a igreja local. Também precisamos estar dispostos a aprender de outros membros do corpo de Cristo. Por exemplo, há muito a aprender das linhas teológicas reformada e católica, que têm feito uma reflexão importante sobre a teologia do trabalho, sobre a boa administração da criação e a participação da obra de redenção de Deus no mundo.

Barreiras específicas incluem o fato de os empresários com frequência terem sido subaproveitados, mal usados ou desprezados. Outros problemas que foram detectados abrangem a influência da teologia da prosperidade, a confusão com pessoas com

estratégias diferentes, a necessidade de controles de qualidade consistentes e de salvaguardas contra fraudes, e o nível de risco e trabalho envolvidos.

### **Subaproveitamento**

Geralmente, não se reconhece o potencial e o chamado que os empresários têm como agentes do reino de Deus. Pode surgir um senso de passividade e um vago sentimento de culpa quando os empresários se resignam a simplesmente esquentar os bancos da igreja e a preencher cheques para “redimir sua riqueza”. Outros estão frustrados em papéis que não servem para eles, em vez de encontrar aceitação e prazer por ser usados por Deus na maneira em que ele os formou e dotou como empresários.

### **Abuso**

Muitos empresários se veem tratados como vacas leiteiras. São procurados pela igreja ou por organizações cristãs somente para dar dinheiro. Em algumas culturas, os lucros das empresas dos cristãos têm de ser dados à igreja para sua manutenção, sem pestanejar. Fazer negócios não significa necessariamente que há recursos humanos e financeiros disponíveis para uso da igreja.

### **Desprezo**

A igreja ainda está se batendo para compreender o que Deus tem em mente com trabalho, negócios, geração de riquezas e dinheiro. Vezes demais os empresários são desprezados porque “lidam com Mamom”, já que operam em áreas difíceis, abertas à corrupção. Contudo, o dinheiro não é mau em si. A Bíblia diz que o *amor* do dinheiro é uma *raiz* de todos os tipos de males (1Tm 6.10). Esse mal-entendido gera uma atitude de distanciamento e rejeição em relação a muitos empresários, criando uma brecha desnecessária entre a igreja e o mundo empresarial. Isso precisa ser superado se quisermos mobilizar pessoas para a missão empresarial.

*Estou convicto de que uma atitude negativa em relação à atividade empresarial por si, no fim das contas, é uma mentira do inimigo, que quer impedir o povo de Deus de atingir os propósitos dele.*

### **Teologia da prosperidade**

No outro extremo, oposto aos que veem o dinheiro ou a busca do lucro como suspeito, estão os que têm sido fortemente influenciados pela teologia da prosperidade, que defende que suprimento material abundante é evidência da bênção de Deus. Nós temos de nos perguntar: Por que Deus nos dá dinheiro? A Bíblia ensina uma visão equilibrada, em que Deus nos abençoa com bens materiais, mas estes devem ser usufruídos e igualmente empregados nos seus propósitos. O ensino da mordomia é necessário, com ênfase no investimento eterno.

### **Estratégia diferente**

Missão empresarial é uma estratégia diferente para criar empreendimentos comerciais lucrativos com uma perspectiva intencional de reino. O desafio é evitar que ela seja confundida como apenas mais uma estratégia de arrecadar fundos, com nova embalagem ou rótulo para conseguir mais. Missão empresarial é uma estratégia nova que é

complementar, mas também diferente, de outros programas de desenvolvimento ou esforços missionários.

### **Garantia de controle de qualidade e salvaguarda contra fraudes**

À medida que a missão empresarial cresce e se desenvolve, precisamos pensar cada vez mais em como evitar fraudes, manter os padrões éticos, bem como desenvolver e encorajar o controle de qualidade e as verificações de integridade. Nem tudo o que se chama de missão empresarial será necessariamente o que aqui definimos como tal. Pecado e motivação errada causarão distorção ou imitação de algo que tem um potencial tremendo para o bem. Às vezes a falta de qualidade resultará de incompetência e não de fraude deliberada. Nem todos os que buscam investimentos terão bons sistemas de prestação de contas.

### **Graus de risco e compromisso exigidos**

Mobilizar para missão empresarial requer uma estratégia diferente de outras formas de missão. Negócios envolvem graus diferentes de risco. Há questões de investimento financeiro pessoal e de bem-estar dos empregados. Outras questões afetam família, finanças, uso do tempo, ministério na igreja, envolvimento com a comunidade e como as pessoas são vistas no local de trabalho. É necessário habituar-se a encarar as pessoas e os bens materiais da perspectiva de Cristo.

É importante reconhecer que começar um negócio no próprio país é muito difícil, e a realidade é que a grande maioria das novas empresas não dura cinco anos. Acrescentar a dimensão transcultural só aumenta a complexidade e o grau de risco do empreendimento. Exemplos de dificuldades são a corrupção, a falta de um ambiente propício aos negócios e o desafio da sensibilidade cultural. O nível de trabalho duro, o enfoque e o compromisso necessários não podem ser subestimados. Existe a possibilidade de outros relacionamentos serem colocados sob pressão, e de surgirem mal-entendidos por parte de pessoas cujo mundo foi moldado por um emprego de oito horas por dia.

### ***Recursos existentes***

Há uma quantidade crescente de recursos e iniciativas de mobilização para a missão empresarial. A Relação de Recursos no Apêndice F traz uma lista abrangente. Vale a pena destacar alguns tipos de ferramentas e modelos de mobilização que existem e funcionam.

Artigos, livros e páginas na internet são importantes no processo de mobilização. O mesmo se aplica a empresários que já têm contato com missão empresarial e podem transmitir visão e entusiasmar outros. Várias organizações e grupos de todo o mundo estão organizando viagens ao campo, programas para esclarecer a visão e visitas a projetos, para dar às pessoas uma experiência motivacional pessoal. Estes e outros grupos geram oportunidades para doar ou investir em iniciativas de missão empresarial.

Reuniões e consultas de missão empresarial têm sido realizadas a nível local, nacional e regional. No Reino Unido há grupos locais de missão empresarial, em Uganda há uma rede nacional e na Ásia Central são feitas consultas regionais regulares.

Há muitas agências missionárias que apoiam ou abraçaram estratégias de missão empresarial. A missão empresarial é apresentada como uma oportunidade de servir, junto com outras oportunidades de ministério. Essas agências estão elaborando novos procedimentos e estruturas de mobilização e parceria com novas iniciativas de missão empresarial.

Este Texto Ocasional de Lausanne sobre missão empresarial tem o propósito de ser, por si só, um instrumento a ser usado na mobilização.

### ***Comentários finais***

Ao mobilizar empresários, não queremos criar um “movimento empresarial” separado, uma iniciativa missionária empresarial à parte dos esforços missionários mais amplos da igreja. É importante que não nos contentemos com uma simples parceria horizontal ou rede de iniciativas ou praticantes de “missão empresarial”. Os empresários precisam se perguntar como se encaixam no todo, tanto em termos de visão abrangente como de parceria real. Como a “missão empresarial” se liga com outros cristãos que exercem seus dons e chamados, seja como advogados em missão, médicos em missão, educadores em missão, tradutores da Bíblia em missão, rádio em missão etc. Juntos podemos causar um impacto maior. Ligados verticalmente teremos mais chances de ver a transformação integral de pessoas e comunidades. Em nossas reflexões, estratégias e implementações, precisamos constantemente ver todo o corpo de Cristo em ação.

Dada a enormidade da tarefa e o imenso potencial no corpo de Cristo, sempre haverá a necessidade de mais e melhor mobilização. Há muito mais que poderia ser feito. Sugestões mais abrangentes são feitas no capítulo 8: Recomendações Estratégicas.

## 7. Parceria

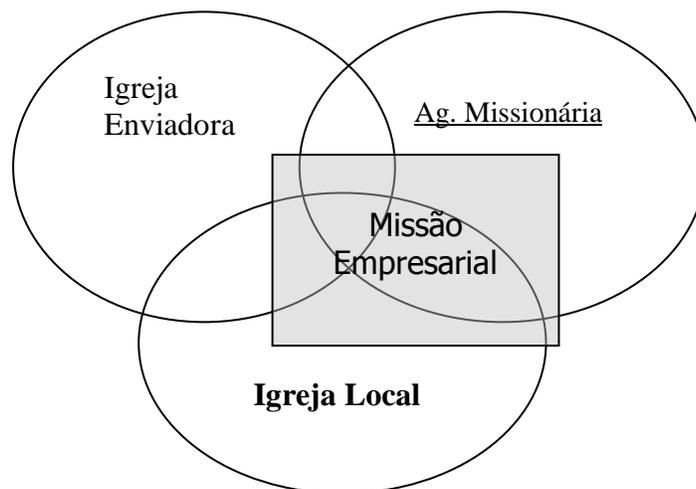
### *O papel vital das agências missionárias e da igreja*

#### **Introdução**

Neste capítulo queremos estudar a importância de parcerias, ajudando igrejas e agências missionárias a dedicar-se à missão empresarial. Trataremos de questões filosóficas e operacionais que comumente estão ligadas a esse tema.

Reconhecemos que muitas mudanças estão ocorrendo no campo da igreja em sua ação missionária. Concordamos que o corpo de Cristo se expressa de muitas formas. Há empreendedores individuais, empresas, redes de missão empresarial, ministérios no mercado, igrejas que enviam e sustentam, igrejas locais que recebem missionários, igrejas emergentes, agências denominacionais e interdenominacionais. Todas elas existem em diversos tamanhos, formas e formatos.

Na prática, a missão empresarial pode ser aplicada por diferentes tipos de igrejas e organizações missionárias, como mostra o diagrama abaixo. No fundo, as igrejas, agências missionárias e empresas do reino têm o mesmo propósito: glorificar o nome de Deus entre as nações. Parceria e unidade entre diferentes organizações e iniciativas que trabalham para o mesmo fim apenas fortalecerá o povo de Deus e fará com que os esforços em prol do reino sejam mais eficientes.



Durante nosso processo de consulta, tanto os empresários como os líderes de igrejas e agências missionárias identificaram obstáculos a uma parceria eficaz, e juntos procuraram soluções. Um resumo desses obstáculos e soluções pode ser encontrado no Apêndice D.

#### ***O contexto da parceria com a igreja***

A igreja tem um papel vital a desempenhar no encorajamento e na capacitação dos empresários em seu mandato da grande comissão.

Há vários contextos em que o relacionamento entre missão empresarial e igreja pode se concretizar. Esses contextos com frequência se sobrepõem.

### **Missão empresarial e a igreja local**

É crucial que toda iniciativa de negócio do reino se dê em parceria com a ou as igrejas locais próximas da empresa, sempre que possível. De outra forma, existe o perigo de que novas iniciativas desacreditem a igreja, em vez de fortalecê-la. Fortalecer a igreja local precisa ser um dos alvos de todo negócio do reino.

Toda parceria entre missão empresarial e igreja local deve procurar criar uma situação em que todos ganham, em que cada parte beneficia e encoraja a outra. Isso é possível onde todos têm a mesma visão do reino de Deus. As igrejas proporcionam comunhão aos empresários, equipando e afirmando-os no exercício da sua vocação. Igrejas e pastores podem fornecer ensino, treinamento e apoio pastoral para empresários e profissionais. Os empresários podem contribuir com suas habilidades gerenciais e outras para a vida do corpo. Negócios do reino podem fornecer emprego para alguns membros da igreja, o que é vital em regiões em que o desemprego enfraquece consideravelmente a igreja.

É preciso haver parceria em oração, encorajamento mútuo e em projetos conjuntos na comunidade. Uma igreja local pode empreender novas missões empresariais como parte do seu trabalho evangelístico, ou pode encorajar seus membros a iniciar e apoiar novas empresas, como líderes missionários que são dotados como empreendedores.

### **Missão empresarial e a igreja enviada**

Líderes e igrejas têm uma função vital em ajudar empresários cristãos a assumir seu papel na edificação do reino de Deus. As igrejas podem encorajar, ajudar a recrutar e equipar os que são enviados para uma missão empresarial. A organização de equipes de curto prazo de profissionais que usam sua formação e experiência em contextos missionários transculturais tem se mostrado altamente eficiente. Empresários podem contribuir com seus dons e ideias e podem liberar criatividade e recursos para a estratégia missionária da igreja.

### **Missão empresarial onde só há uma pequena ou nenhuma igreja local**

Missão empresarial é uma estratégia que pode possibilitar o acesso a lugares onde não há expressão pública de uma igreja local. Implantar um negócio e plantar uma igreja andam de mãos dadas. (Não obstante, pode ser útil distinguir entre o papel de líder espiritual e de empregador, para evitar conflitos de interesses.) Nesse contexto, a missão empresarial pode servir de modelo de parceria desde os estágios iniciais do crescimento da igreja local, apesar do ambiente hostil. Ela pode abrir portas para um ministério transformador onde modelos tradicionais de missão e outras expressões da igreja são proibidos.

Por exemplo, num país do Oriente Médio um líder tribal árabe é o dono local de um empreendimento de missão empresarial. Ele tem ligações excelentes com o governo local e é o único crente na comunidade. A comunidade o respeita porque ele tem demonstrado uma preocupação genuína com as necessidades físicas do seu povo. Uma parte dos lucros da empresa é investida em projetos de desenvolvimento em sua região. Pode-se contar com que uma igreja surja nessa área na próxima geração.

Em algumas regiões do mundo, tal como a península Arábica, há uma comunidade significativa de estrangeiros. Há várias igrejas internacionais, mas nenhuma igreja

nacional. Isso é uma oportunidade para empresários estrangeiros cristãos usarem seus conhecimentos empresariais para encorajar a igreja dos estrangeiros e dos perseguidos na comunidade.

Por exemplo, uma igreja de estrangeiros árabes sentiu-se ameaçada em um país muçulmano. Então alguém teve a visão de incentivar a igreja a fazer diferença na comunidade, transmitindo o amor de Cristo. O pastor da igreja iniciou uma escola que emprega membros da igreja. A qualidade da educação atrai crianças da classe alta local. Em resultado, a igreja pode abençoar e influenciar a comunidade local, e isso administrando um negócio lucrativo.

### ***Organizações missionárias e missão empresarial***

Missão empresarial é uma estratégia que está crescendo aceleradamente tanto nas agências missionárias quanto nas comunidades de empresários cristãos. É claro que ainda existe uma distinção clara entre esses dois grupos, mas estão sendo mobilizados novos “emprenários”<sup>5</sup> que têm uma visão mais integrada. A distinção irá diminuir nas gerações futuras. Aplaudimos a multiplicação dessas iniciativas. Exigem-se novos mecanismos de sustento e organizações enviadoras voltadas para a natureza especial e as necessidades da missão empresarial.

Empresas com fins lucrativos podem ajustar-se a algumas culturas, métodos e estruturas melhor que outras formas de atividade missionária. Por isso, para não levantar uma falsa barreira entre empresa e “missão”, importa olhar para como essas diferentes estratégias e estruturas missionárias podem trabalhar juntas.

*Agências missionárias e empresas podem usar estruturas e métodos diferentes para atingir o mesmo objetivo. Entretanto, honrar a integridade e singularidade de ambas em termos de forma e função permitirá a cada parte servir à outra e a todo o corpo.*

*Swarr & Nordstrom – Transform the world, 1999*

Há vários níveis em que as organizações missionárias podem trabalhar com missão empresarial:

- Organizações missionárias podem reconhecer e apoiar missão empresarial como estratégia. A capacidade pode ser aumentada pela aceitação e honestidade.
- As organizações missionárias podem contribuir com sua experiência e seus recursos, em colaboração informal e formal com empresas do reino.
- As organizações missionárias podem ser um canal através do qual empresas do reino podem nascer, ser nutridas e se multiplicar.

### **Reconhecimento**

Pastores, executivos de agências missionárias e líderes de campo devem promover a missão empresarial através das suas organizações, mesmo quando a colaboração próxima não é possível. Isso aumenta as oportunidades para praticantes da missão empresarial

---

<sup>5</sup> Um empresário (*businessman*) com missão do reino – palavra cunhada para evidenciar a natureza híbrida desta nova cepa de missionários que soma os atributos de um empresário aos de um missionário.

trabalharem com boas relações com outros empreendimentos ministeriais. Isso incentiva um apoio mútuo saudável no campo.

Sugerimos que todos os líderes e executivos missionários se informem sobre o conceito de missão empresarial, para poder defender por princípio a ideia de que a empresa pode ser uma estratégia poderosa para discipular as nações.

*“Imergir” em nossa experiência não acontece da noite para o dia. Isso requer paciência e comunicação permanente. Temos de demonstrar a missão empresarial, não simplesmente dar palestras sobre o conceito para a equipe de campo e da base. As portas do entendimento se abrem onde homens e mulheres começam a ver exemplos de empresas que não são simples geradoras de recursos financeiros para o “trabalho de verdade”, mas são ministérios em si e por se mesmas.*

### **Colaboração**

As agências missionárias podem ser parceiros vitais para ajudar as empresas a estabelecer alvos missionários (do reino) apropriados. Elas podem ajudar dando sugestões regulares e possibilitando a prestação de contas. O pessoal da agência pode ajudar a avaliar se um empreendimento se adequa ao contexto ou cultura local. As agências podem contribuir com a visão geral, ajudando a colocar uma empresa num local estratégico. Elas podem ajudar a ligar a empresa ao trabalho de Deus mais amplo em dada nação ou comunidade. Agências missionárias têm conhecimento do lugar, redes de apoio, contatos, escolas de treinamento, habilidades transculturais e linguísticas, literatura e ferramentas evangelísticas apropriadas etc. que podem ser de benefício às iniciativas de missão empresarial. O pessoal missionário pode ser emprestado para ajudar a empresa com cuidado pastoral ou mentoria espiritual dos funcionários. Agências missionárias e empresas podem trabalhar em projetos conjuntos na comunidade. Podem trabalhar juntas para discipular novos crentes dentro da empresa. Organizações missionárias podem ajudar a mobilizar interesse, sustento em oração, equipes de curto prazo ou colaboradores para a empresa através das suas redes mais extensas.

### **Tomando iniciativas de missão empresarial**

Muita gente da área de missões já está entre os pioneiros da missão empresarial. São pessoas confrontadas diariamente com as necessidades das comunidades a que servem. Elas viram como a missão empresarial é uma resposta apropriada e eficiente a essas necessidades. Um dos pontos fortes desses pioneiros é uma profunda compaixão pelas pessoas a que servem. Alguns desses missionários empresários levaram certas organizações a avaliar a investigar a fundo a missão empresarial como estratégia. Essas agências ou adotaram empreendimentos comerciais como parte de seu trabalho, ou entraram em parcerias estratégicas com empresas do reino com as quais têm afinidade. Há considerações filosóficas e operacionais relacionadas com a integração da missão empresarial numa parceria. Os pontos fortes de ambos os parceiros podem ser somados de modo a gerar um conjunto mais frutífero. Todavia, é possível que surjam tensões no encontro dessas entidades tradicionalmente diferentes. Há perigos presentes, já que cada

um representa uma cultura diferente. Esperamos que esta seção ajude agências e igrejas a lidar com as implicações deste novo movimento no campo da missão.<sup>6</sup>

### *Considerações filosóficas e diferenças de estratégia*

#### **Dúvidas quanto à atividade lucrativa ou à ligação estreita entre a atividade econômica e missionária**

Por séculos o ponto de vista predominante tem sido que missionários devem ser sustentados por doadores, num contexto sem fins lucrativos. A convicção geral era que ou se serve a Deus ou se ganha dinheiro. Apenas recentemente algumas atividades como microfinanças granjearam aceitação. Todavia, modelos totalmente lucrativos ainda despertam suspeitas. Por que achamos que organizações não lucrativas são melhores para a sociedade que negócios lucrativos? O que torna uma empresa pequena moralmente superior a uma empresa grande?

*Nossa organização está trabalhando com ex-budistas tibetanos que estão entusiasmados para plantar igrejas em sua terra natal. Questões de segurança tornam o trabalho tradicional de plantar igrejas muito arriscado. Esses jovens compram iques, alimentos e materiais variados, viajam para aldeias onde não se falou ainda do evangelho, vendem seus produtos, assinam contratos para entrega futura de bens e serviços, formam relacionamentos e, em resultado, pequenos grupos de crentes têm surgido. O diretor dentro do país é um antigo dono de uma loja de peças de automóveis dos Estados Unidos, que “entendeu a jogada”. Sua agência missionária, não. Além de dirigir este projeto, que já promoveu a formação de 20 pequenas empresas, ele é dono de duas pequenas empresas, para poder ter seu visto. A agência solicitou que algumas dessas empresas sejam fechadas, porque estão se tornando lucrativas. Ele, por outro lado, desafia os donos das novas microempresas a fazer o maior lucro possível, a fim de crescer, manter a legitimidade aos olhos da população, e empregar mais gente.*

Existem exemplos na história em que o poder econômico resultou na distorção dos objetivos missionários e acabou prejudicando o evangelho. Temos de reconhecer isso e aprender desses erros. Entretanto, isso não significa que temos de descartar totalmente o potencial para o bem que os negócios representam. Antes, é preciso estabelecer salvaguardas na organização e fazer uma avaliação cuidadosa das implicações das nossas atividades para as gerações futuras.<sup>7</sup>

#### **Medo de que a postura e a cultura empresarial afetarão o espírito da organização**

---

<sup>6</sup> A exposição abaixo apresenta uma breve visão geral dos principais assuntos. Para um exemplo de como uma organização missionária lidou com essas e outras considerações, vá para [www.businessmission.com](http://www.businessmission.com), “Guidelines” (diretrizes) para Youth With a Mission (Jovens Com Uma Missão). Veja também outras agências missionárias relacionadas na Lista de Recursos.

<sup>7</sup> Para um estudo mais a fundo dessas questões, veja *Profit for the Lord: economic activities in Moravian missions and the Basel Mission Trading Company*, de William J. Danker. Eerdmans, 1971, Wipf & Stock, 2002.

Por razões óbvias, é provável que haja diferenças nas prioridades, expectativas e estratégias entre uma entidade empresarial e uma agência missionária. A cultura empresarial é diferente da cultura de uma organização missionária típica. É necessário estudar as políticas, procedimentos e estratégias para descobrir como abrir espaço para a estratégia empresarial sem provocar tensões desnecessárias. Precisa-se fazer uma análise cuidadosa do “DNA” de uma organização, bem como avaliações permanentes e uma comunicação clara. É provável que manter a estrutura da empresa um pouco distinta da estrutura da missão será benéfico.

### **Medo de focar apenas a transformação física e econômica, sem alcançar a transformação espiritual**

Muitas pessoas têm a preocupação de que a atividade empresarial pode ofuscar a proclamação do evangelho, a transformação espiritual e a plantação de igrejas. Bons exemplos de missão empresarial, com alvos do reino abrangentes, provaram que isso não tem de acontecer. A missão empresarial deve sempre buscar a prática e proclamação de todo o reino de Deus, com sensibilidade. Empresários do reino compreendem que não podem simplesmente deixar as pessoas ir para o inferno mais ricas do que estavam antes. Uma empresa provê uma base crível para estar presente e evidenciar a preocupação com a vida toda dos homens e mulheres que se procura levar a Cristo.

*Trabalhar na península Arábica rica e sofisticada significa que nossa empresa não contribui para o desenvolvimento econômico geral do país. No entanto, nossa empresa é mais do que uma estratégia para entrar no país. Uma razão para estar aqui, dentro destes parâmetros, é que nossa postura é integral. Ingressamos nessa arena e tocamos nosso negócio de maneira cristã. Nossas ações falam mais alto que nossas palavras!*

### **Medo de que a força da missão será erodida ou corrompida pelos negócios**

Outra preocupação é que os esforços da missão empresarial causem um conflito de interesses. Existe o perigo de que o pessoal missionário salte para o vagão dos negócios sem um plano exequível. Isso levaria ao fracasso dos objetivos tanto da empresa quanto do ministério. Outros talvez considerem a empresa um meio fácil para um fim (visto, sustento financeiro, estratégia de acesso etc.) e ficam tão distraídos pelas demandas do “meio” que nunca atingem seu “fim” original. Um desenvolvimento completo das políticas pelas agências missionárias, incluindo estruturas claras de liderança de prestação de contas para a missão empresarial, é necessário para evitar que isso aconteça. Tino empresarial, um plano de negócios sólido, capitalização adequada e a elaboração de objetivos do reino claros são necessários. Negócios fraudulentos têm de ser evitados pela avaliação cuidadosa de cada oportunidade.

As exigências e até mesmo o sucesso do negócio podem levar algumas pessoas a se desviar dos seus objetivos missionários originais. Deve-se pensar bem sobre quem é o dono e como os lucros serão usados, a fim de lançar as bases para a prestação de contas e para evitar cair no laço do amor do dinheiro. Nesse perigo incorrem todos os cristãos em qualquer negócio. É fácil ser seduzido por valores e ambições mundanos (2Co 1.12). Mas isso também se aplica a todos os tipos de ministério. A chave da prevenção é alimentar uma motivação pessoal divina. Isso é uma questão de discipulado e responsabilidade

pessoal. Processos de supervisão espiritual e avaliação podem ajudar a manter os valores bíblicos como prioridade. O contexto tem certa influência, já que corrupção e práticas antiéticas são mais aceitas em algumas sociedades que em outras. O treinamento na ética empresarial e financeira cristã apropriada ao contexto cultural torna-se necessário.

*Na China temos um provérbio, “bu jian bu shang”, que diz que para ser bem sucedido nos negócios é preciso ser esperto, algo como “o mundo é dos vivos” em português. É triste ver empresários cristãos, que fundaram suas empresas com o objetivo de glorificar a Deus, cair vítimas do mundanismo. Conheço um cristão chinês que usa as instalações da sua empresa para discipular novos crentes e para servir como lugar de reunião para uma igreja secreta. Ele faz contribuições significativas para o trabalho missionário em sua região. Mas quando casualmente lhe pedi um conselho para um problema comercial, sua solução foi simples – faça como qualquer empresário chinês faria. Fiquei ainda mais desapontado com a organização missionária que recebia suas contribuições sem questionar nem um pouco suas práticas.*

### **Dúvidas sobre se missionários podem envolver-se em negócios – ou empresários no trabalho missionário**

O fato de ser um líder missionário eficiente não implica ser um empresário bem sucedido. Assim como um empresário precisa aprender as boas práticas missionárias, quem vem de um contexto missionário precisa aprender e respeitar as boas práticas empresariais. Compreensão, disposição para aprender e, acima de tudo, experiência prática são os melhores sinais indicativos de sucesso futuro. Há uma necessidade evidente de que é preciso formar equipes de pessoas com habilidades complementares. Trabalhar junto com empreendedores já estabelecidos (ou com missionários veteranos, conforme o caso) é essencial.

No mundo empresarial, terceirização e parcerias estratégicas são a norma. Deve haver disposição para compartilhar experiências. Empresas do reino não precisam deixar de lado automaticamente as estruturas e organizações missionárias tradicionais. Para haver eficiência, é preciso haver sinergia. Reconhecimento mútuo e aplicação correta dos dons e habilidades complementares são de importância primordial.

*Muita gente, ligada à obra missionária, que tentou fazer a transição do “ministério em tempo integral” para o ministério integral por meio da missão empresarial, tem sido idealista. Via de regra, descobre que a missão empresarial é ainda mais em tempo integral do que o “ministério em tempo integral”! Foram mal preparados, ou foram “enviados” antes que fosse feita uma avaliação séria da viabilidade do projeto ou da capacidade da pessoa que teve a visão. Do nosso lado do mundo, vejo muitas pessoas com grande potencial para serem bem sucedidas na transição para a missão empresarial. Estamos entrando em um tempo em que elas podem fazer a transição porque as estruturas de suporte e o conhecimento necessários para prestação de contas e avaliação estão vindo a existir.*

### ***Considerações operacionais para a missão empresarial***

O que segue é um esboço das principais considerações operacionais que surgem quando agências missionárias incorporam em sua organização uma estratégia de missão empresarial. São perguntas que cada organização terá de responder por si, dependendo da sua situação.

#### **Questões legais e estruturais**

É preciso que haja fronteiras estruturais e legais entre organizações missionárias e organizações não lucrativas. São questões de importância fundamental que precisam ser identificadas e regulamentadas. O nome “missão empresarial” não denota uma empresa que serve de disfarce para uma estrutura beneficente. Não deve haver confusão entre a entidade missionária e entidade empresarial, em termos legais. Há aspectos legais e fiscais específicos de uma organização filantrópica isenta de impostos. Ser transparente e responsável quanto à origem de financiamentos e doações é essencial. Aos olhos do governo, essas fronteiras existem para impedir organizações não lucrativas de levar vantagens ao competir com empresas. É preciso tomar muito cuidado ao posicionar qualquer novo negócio em relação a uma organização não lucrativa já existente. Deve-se buscar assessoria profissional.

*Na empresa BA, nossa posição é que uma empresa deve ser eficiente seja qual for sua atividade, e ao mesmo tempo ser corretíssima nos caminhos do Senhor. Essas coisas não são mutuamente excludentes. A comunidade missionária não deve achar que um negócio será eficiente simplesmente com muita oração e perseverança. Não se pode presumir que qualquer pessoa não qualificada, com chamado missionário, fará excelentes negócios, desde que confie no Senhor. Em outras palavras, nem todo missionário deve receber dinheiro para começar um negócio simplesmente porque tem a visão. Ele precisa ser preparado, não apenas espiritual, mas também tecnicamente, ou deve ter acesso a pessoas que o são.*

#### **Questões relativas a financiamento e salários**

Uma das questões que surgem é se alguém ativo na missão empresarial deve receber um salário da empresa, quando também está ligado a uma agência missionária. Ou será que deve manter seu sustento através da agência ou de mantenedores pessoais? Missionários que adotam uma estratégia empresarial talvez tenham de combinar as fontes de renda para minimizar os aspectos negativos de depender ou de um lado ou de outro. Em alguns casos, no estágio inicial, talvez a empresa consiga pagar só um salário muito baixo, ou mesmo nada. Devem-se manter as redes de sustento financeiro e com oração? O que as igrejas mantenedoras vão pensar? Qual é o nível de renda ou padrão e estilo de vida apropriado? O sustento deve ser complementado por rendimentos da empresa? Será que isso criará tensões dentro da organização? Como será a prestação de contas?

A questão do controle financeiro pode surgir. Um comentário feito por líderes de agências missionárias indonésias destaca isso: “Como iremos controlar (os missionários que atuam na empresa) se eles têm seu próprio sustento e não nos procuram para atender às suas necessidades?”

## **Recrutamento e treinamento**

Uma estratégia específica de recrutamento e treinamento torna-se necessária. Áreas como conhecimento bíblico, sensibilidade cultural, aprendizado da língua (se necessário) e maturidade espiritual terão de ser avaliadas. É provável que iniciativas de empresas do reino exigirão conjuntos de habilidades que não serão encontrados naturalmente com os procedimentos normais de recrutamento da organização.

*Em nossa empresa adotamos o procedimento de receber missionários empresários em potencial e lhes proporcionar um ambiente mais “seguro” para aprender e desenvolver-se. Já no campo missionário, estabelecemos uma série de critérios de treinamento, tanto para o “empresário convicto” que sente que Deus o está chamando para levar seu negócio para um lugar ainda não alcançado pelo evangelho, como para o “missionário convicto” que sente que Deus o está chamando para trilhar o caminho empresarial como missão. No caso de pessoas que já atuaram por algum tempo na obra missionária, é preciso que se faça uma introspecção séria e um bom acompanhamento empresarial **no campo**. Para empresários, nossa lista de preparativos necessários inclui o curso de “Liberdade Financeira Pessoal”<sup>8</sup> e o curso de “Perspectiva Mundial”<sup>9</sup>, para ajudá-los a compreender a dinâmica espiritual de fazer negócios para o reino e lhes dar uma percepção da guerra espiritual envolvida. A todos os empresários missionários solicitamos um estudo de viabilidade empresarial e de viabilidade ministerial do negócio.*

## **Estruturas de cuidado pastoral e prestação de contas**

Os sistemas de prestação de contas precisam abranger os alvos empresariais e financeiros, os alvos do reino para a empresa e a comunidade, e os alvos pessoais de crescimento e desenvolvimento. Pode ser prático que pessoas ou organizações diferentes façam o acompanhamento da iniciativa de missão empresarial em cada uma dessas áreas diferentes. Por exemplo, uma diretoria deveria monitorar as decisões financeiras/empresariais. Um coordenador de grande comissão ou supervisor espiritual deveria monitorar os alvos missionários da empresa. A agência missionária pode ajudar nesse campo, bem como ajudar a monitorar os alvos de crescimento pessoal e desenvolvimento de pessoal. Pode haver considerável superposição das diferentes áreas, portanto, integrar os vários mentores pode ser apropriado.

Deve-se chegar a um acordo sobre cuidado pastoral. O cuidado pastoral deve ser disponibilizado fora da estrutura de liderança do negócio em si. Compartilhamento de recursos entre várias organizações tem provado ser uma boa estratégia.

*Nossa missão tem um grupo de conselheiros em três locais da nossa região. Eles são disponibilizados para a comunidade missionária mais ampla, incluindo os missionários empresários, para cuidado pastoral, treinamento (aconselhamento preventivo!), administração de crises e aconselhamento normal.*

## **Questões de recursos humanos e outros**

---

<sup>8</sup> *Walking in Financial Freedom* e outros recursos por Earl Pitts. Veja [www.wealthrichesmoney.org](http://www.wealthrichesmoney.org)

<sup>9</sup> *Perspectives on the World Christian Movement*. Mais informações em [www.perspectives.org](http://www.perspectives.org)

Precisa haver uma verificação realista de quais recursos podem ser liberados para apoiar iniciativas de missão empresarial e como os serviços de apoio serão administrados. Onde empresas do reino operam ao lado de outras atividades ministeriais, deve-se chegar a um entendimento (até mesmo por escrito) sobre como recursos e pessoal serão compartilhados (tempo de cada pessoa, uso das instalações etc.). Uma distinção bem clara deve ser feita entre os recursos financeiros alocados a cada entidade. É comum que isso seja uma exigência legal.

*Estive nos escritórios de muitas organizações em todo o mundo, promovendo o conceito de missão empresarial. Via de regra recebo uma resposta entusiasmada da equipe quando falo do potencial da empresa para catalisar os esforços de plantar igrejas com visão integral. A equipe, porém, está sempre com a agenda cheia. Olham com suspeita ou sentem-se ameaçados por qualquer coisa que cheire a “mais trabalho”. O grande desafio que temos enfrentado é encontrar implementadores que realmente conseguem servir a estratégia que endossam em princípio.*

### ***Exemplos de parceria***

#### **Christian Missionary Fellowship (CMF) International**

CMF International é uma agência missionária que acrescentou missão empresarial à sua estratégia missionária. Foi formada uma agência sem fins lucrativos, separada, mas ligada à primeira. Pesquisou-se a questão dos impostos para empreendimentos sem fins lucrativos. Foram feitos investimentos de capital em empresas, que permitem colocar pessoal no campo, com frequência em povos não alcançados. A organização missionária faz o recrutamento, treinamento, monitoramento e cuidado pastoral dos missionários empresários. O capital inicial é levantado com investidores e também com igrejas que querem doar fundos para propósitos missionários concretos. A sustentabilidade financeira é um fator chave do sucesso. Dois negócios já estão dando lucro. Foi definida uma política de canalizar os lucros para atividades ministeriais relacionadas. Cada empreendimento tem um plano ministerial culturalmente relevante que é tão importante quanto seu plano de negócios.

Para um estudo mais abrangente da CMF veja o Apêndice E.

#### **Organização J**

A Organização J acolhe evangélicos nacionais que residem em contextos não alcançados e têm paixão pelo evangelho, e os treina para tocar pequenos negócios. Seu enfoque está em conceitos empresariais voltados para o mercado e com alicerces bíblicos, e ajuda essas pessoas a começar seu próprio pequeno negócio com um pequeno empréstimo. O propósito sempre é ajudar a pessoa a expandir o reino entre seu próprio povo. A Organização J faz parcerias com agências que já estão no campo, para supervisionarem o programa local. Igrejas americanas fornecem equipes de curto prazo de profissionais de apoio, e as verbas para os financiamentos.

Um exemplo que está funcionando apoia ex-sacerdotes católicos ortodoxos com paixão para plantar igrejas no norte da Etiópia. Há pouca presença ativa do evangelho nessa

região. Esses plantadores de igrejas trabalham em parceria estreita com uma agência missionária internacional e sob sua autoridade espiritual. Eles aprendem a contar histórias bíblicas, como parte da estratégia do reino. E estão começando pequenos negócios, principalmente usando bombas de irrigação. Eles viajam para as várias aldeias e usam as bombas para tirar água dos rios e irrigar as lavouras dos camponeses, cobrando por esse serviço. Essa pequena atividade empresarial cria oportunidades de relacionamentos, o que abre portas para compartilhar o evangelho. Cada plantador de igrejas tem quatro aldeias que visita duas vezes por mês. Assim ele consegue fazer negócios suficientes para atender às suas necessidades pessoais, e ao fazer isso pode encorajar pequenos grupos de crentes em cada aldeia. Um desses grupos é composto totalmente de “clientes”.

### **Reserva de Caça Kuzoko**

Kuzoko é um investimento empresarial bastante grande na cidade de Blue Crane, na província do Cabo Ocidental, na África do Sul. Esta é uma das províncias mais pobres do país, com 87% de desemprego e uma taxa de infecção por HIV de 20%. Em vista da elevada taxa de desemprego, a estratégia foi fazer um investimento inicial que estimulasse outras atividades econômicas. A reserva de caça foi projetada para criar mais de cem empregos, com lucratividade. A administração da Reserva de Caça Kuzoko também incentiva os empregados a criar seus próprios negócios. Um destes é uma empresa de construção de cercas, que emprega 70 pessoas. Os administradores da reserva ajudaram a nova empresa traçando um plano de negócio, levantando capital e ajudando a negociar contratos. A criação de empregos tem uma influência significativa para diminuir o desemprego e a pobreza na região.

Os empregadores não acham que precisam fazer também o papel de pastores, e por isso convidam outras agências para vir dirigir programas de missão e igreja. Eles incentivam os funcionários a frequentar os cultos, mas não há obrigatoriedade nem discriminação. A transformação espiritual está ocorrendo por intermédio da empresa, por ela servir de facilitadora da obra missionária. O resultado é que quase 50% dos seus empregados já creem em Cristo.

## **Parte IV: Olhando para frente**

### **8. Recomendações estratégicas**

#### *Passos específicos*

#### *Observações gerais*

Entendemos que o Espírito Santo está despertando e restaurando a comunidade empresarial para que use suas habilidades e seus recursos para edificar o reino de Deus. Acompanhando a forte ênfase do Fórum de Lausanne 2004, entendemos missão como transformação integral. Negócios transformacionais, enfocados no reino de Deus, portanto, fazem parte da nossa missão. A fim de concretizar o potencial desse movimento e de seguir a orientação de Deus, temos de dar passos estratégicos.

Primeiro identificamos algumas áreas gerais que devemos considerar em oração, para desenvolver e implementar a estratégia. A isso seguirão algumas recomendações específicas e um chamado à ação dirigido a membros-chaves do corpo de Cristo.

#### **Transmissão da missão e mobilização**

O conceito da empresa como um recurso para edificar o reino e sua natureza estratégica ainda é bastante novo, e até estranho a muitos. Como expusemos com mais detalhes no capítulo 6, é crítica a necessidade de transmitir a visão da empresa transformadora e de desenvolver numerosas ferramentas e programas de mobilização.

#### **Liberação significativa de capital**

Faz-se necessário o capital adequado para implementar com sucesso iniciativas de missão empresarial, especialmente em larga escala. A fim de possibilitar a geração, liberação e uso apropriado de riquezas significativas para atender às necessidades do movimento de missão empresarial e das comunidades em que essas iniciativas serão implementadas, carece-se de uma “plataforma de alavancagem”. Isso significaria reunir capital de investimento, serviços de bancos comerciais e outras habilidades empresariais relevantes. Aqueles que têm experiência e competências nessas áreas precisam envolver-se de modo intencional e criativo na missão empresarial. Podemos concluir que também se deverá recorrer às habilidades, recursos, redes de contatos etc. de empresas transnacionais e agências governamentais.

#### **Combinação de pessoas e capital**

Tanto as pessoas quanto o capital estão “lá fora”, na comunidade empresarial cristã e fora dela. Mobilizar esses recursos é o primeiro passo. Muitas oportunidades viáveis de missão empresarial têm sofrido pelo fato de não estabelecerem as ligações certas. Um dos principais desafios é desenvolver de modo proativo processos de aproximação. Isso exigirá pessoas e recursos. São necessários facilitadores e uma estrutura adequada de sustento e prestação de contas.

Para apoiar e multiplicar o desenvolvimento de novas empresas do reino e das existentes, também há uma grande necessidade de mentores. Aqueles que têm experiência, redes de

contatos, capital intelectual e tecnologia relevantes precisam objetivamente buscar desenvolver modelos de mentoria de empresas por empresas.

### **Formação de capacidade**

Uma vez que fomos eficientes em mobilizar e somar novos recursos humanos e financeiros, temos de nos perguntar se temos a capacidade de administrá-los e de oferecer bons serviços de alocação e apoio. Na ponta do envio, temos a capacidade de receber e treinar pessoas? No campo, existe receptividade para acolher e integrar essas estratégias? Temos de garantir que temos órgãos funcionais nas duas pontas, que podem lidar com eficiência com pessoas e dinheiro e tomar decisões estratégicas. Precisamos de comunicação transcultural eficiente e de bom entendimento entre a equipe de envio e as do campo, e entre os que vêm da cultura empresarial e da cultura missionária.

### **Aquisição de capital intelectual**

Precisamos de boa teologia e pesquisa, bem como estratégia relevante, tanto para reflexão como para ação. Além disso, precisamos desenvolver a teologia de trabalho e negócios junto com estratégias e práticas na linha de frente. Há lições a serem aprendidas da história missionária e de iniciativas de missão empresarial que tiveram um impacto transformador.

### **Estudos de casos**

Uma faceta crucial para conquistar capital intelectual é a compilação de estudos de casos. Esses casos precisam ser buscados, documentados e avaliados. Contar histórias inspiradoras, compartilhar boas práticas e aprender da experiência ajudará em todas as outras áreas de ação estratégica.

Precisa haver um compromisso da parte das próprias empresas do reino, de documentar consistentemente estudos de casos de empreendimentos e iniciativas de empresas específicas do setor. Isso deve ser feito pela análise e aplicação de investigações completas efetuadas por meio de mecanismos de avaliação adequados.

### **Reflexão a nível macro**

Queremos atingir uma transformação integral radical dos sistemas e estruturas econômicas da sociedade. A realidade da globalização está cada vez mais tendo um impacto direto sobre pessoas de todas as nações e culturas em todo lugar. Como cristãos, precisamos nos dedicar a procurar alinhar os negócios com propósitos do reino de Deus no nível macro.

Precisamos concentrar o pensamento estratégico no preparo e capacitação de empresas do reino que podem operar de modo competitivo no mercado global. Isso deve incluir levar em conta mercados emergentes e tendências globais. Capitalizando oportunidades emergentes temos o potencial de colocar empresas do reino na melhor posição possível para imprimir o ritmo e os padrões da indústria e, como líderes do mercado, comandar uma fatia significativa do mercado no nível global. Por exemplo, os novos temas a serem discutidos incluem a movimentação de capital humano e intelectual, a transferência de tecnologia e a terceirização para mercados emergentes. Outra área importante que merece ser considerada é como agir diante das implicações globais das mudanças no acesso e uso de recursos naturais essenciais como água e energia.

### **Formação de alianças estratégicas**

Nos negócios, é importante sempre estar atento a pontos de alavancagem e alianças que podem criar sinergia. Há igrejas, agências missionárias e ministérios no mercado envolvidos ou engajados na missão empresarial. Onde existe percepção de uma necessidade, é importante investigar os benefícios de criar alianças estratégicas nacionais, regionais e internacionais com outros que compartilham dos mesmos valores e propósitos.

Também carecemos de parcerias entre disciplinas, como entre negócios e áreas como política, educação, prevenção da saúde etc. Precisa haver ênfase no desenvolvimento de parcerias e alianças estratégicas que podem liberar influência política a nível local, nacional, regional e global. Isso pode incluir até os governos, tanto a nível local como nacional, como tem acontecido em algumas áreas da Ásia Central.

### **Consultas, eventos e facilitadores**

Para poder capacitar e apoiar o movimento de missão empresarial, precisamos de pessoas que podem servir de facilitadores. É preciso que haja, a nível regional e nacional, consultas, eventos de treinamento e facilitadores de missão empresarial. Também os fundos para viabilizá-los.

*Pessoas santas precisam parar de ingressar no “trabalho da igreja” como curso natural de ação e assumir tarefas santas na agricultura, indústria, advocacia, mercado financeiro e jornalismo com o mesmo zelo antes dedicado à evangelização e ao trabalho pastoral ou missionário tradicional.*

Dallas Willard, *The Spirit of the Disciplines*

### ***Recomendações estratégicas específicas***

#### **À igreja no mundo todo**

É necessário que a igreja reconheça que o Espírito Santo está restaurando o papel dos negócios na mobilização de recursos para a obra missionária e a extensão do reino de Deus. Temos as seguintes recomendações estratégicas para todas as igrejas e organizações cristãs, em cada continente:

- a) Analisar com atenção as convicções e práticas a respeito de:
  - A cosmovisão dicotômica sagrado-secular
  - O conceito e a divisão entre clero e leigos
- b) Desenvolver conceitos de uma cosmovisão bíblica integral, que restaure objetivamente o papel da empresa na igreja como um todo;
- c) Catalisar e mobilizar a comunidade empresarial, encorajando, equipando e enviando os empresários para seu papel vocacional na edificação do reino;
- d) Endossar e promover o Manifesto de Missão Empresarial de Lausanne no que diz respeito ao papel da empresa do reino e dos empresários cristãos.

*Sugestão prática: Faça uma pregação (ou duas!) sobre missão empresarial, usando o material fornecido neste relatório!*

### **Aos cristãos empresários**

Os negócios em si são uma atividade que pode glorificar a Deus. Além disso, eles são um meio estratégico pelo qual a grande comissão e o grande mandamento podem ser cumpridos. Com isso em mente, damos as seguintes recomendações:

- a) Reconhecer e aceitar que a atividade empresarial é uma vocação. Buscar compreender melhor a base teológica de como os procedimentos empresariais e os lucros podem ser algo bom, dado por Deus;
- b) Descobrir o propósito específico de Deus para a empresa que você dirige. Procurar identificar vantagens para o reino assim como vantagens financeiras. Identificar o impacto da empresa sobre a economia e o contexto local e como ela pode cooperar com a igreja local e global;
- c) Estabelecer uma estrutura clara de prestação de contas e de apoio para a empresa, em relação ao impacto econômico, social, ambiental e espiritual;
- d) Identificar relacionamentos potenciais de mentoria e desenvolvimento de liderança.

E se Deus chamou e capacitou você para ser empresário, pergunte-se:

- a) Onde devo trabalhar? Talvez você seja chamado para uma região do mundo onde o nome de Jesus raramente é ouvido, ou para uma das comunidades ou nações mais pobres e necessitadas do mundo;
- b) Como posso conduzir minha empresa de modo a glorificar a Deus? Como o reino de Deus pode ser mostrado e manifestado na e por meio da minha empresa? Tenho um plano do reino para minha empresa, assim como tenho um plano empresarial? Será que devo convidar alguém para ser “auditor do reino” na minha empresa?
- c) Posso ajudar sendo mentor de alguém em meu país ou em outro?
- d) A que outros cristãos empresários posso me ligar, que têm a mesma visão para a missão empresarial?

*Sugestão prática: Use a lista de recursos que acompanha este relatório para encontrar livros e páginas na internet relevantes, que o ajudem a aprofundar essas questões.*

### **Para ministérios no local de trabalho e no mercado**

Existem numerosas organizações e ministérios no local de trabalho (ou no mercado) em todo o mundo. Eles têm propósitos e planos variados. Recomendamos a esses grupos:

- a) Aprender sobre missão empresarial e empresa transformadora e considerar em oração adotar e incorporar a missão empresarial em seus projetos;
- b) Desenvolver parcerias com outros que estão trabalhando em missão empresarial, sejam igrejas, agências missionárias ou outros ministérios no local de trabalho;
- c) Patrocinar e organizar consultas nacionais e regionais sobre missão empresarial para colaboração e aprendizado mútuo;
- d) Mobilizar seu grupo de mantenedores para participar em iniciativas de missão empresarial.

*Sugestão prática: Incluir missão empresarial no programa de uma das suas reuniões!*

### **Para agências missionárias e seus dirigentes**

Agências missionárias são parceiros-chaves e precisam desenvolver mecanismos para se envolver com o trabalho das empresas do reino. Recomendamos a elas:

- a) Desenvolver uma perspectiva empresarial do reino, recorrendo a programas atuais e futuros de aprendizado, aplicáveis a missionários de curto e longo prazos;
- b) Incentivar e facilitar pesquisas e estudos de casos para empresas específicas e seu impacto para o reino.
- c) Promover a colaboração entre agências missionárias e empresas com o propósito de apoiar objetivos mútuos e liberar recursos;
- d) Organizar campanhas de recrutamento mais amplas e criativas para os que têm habilidades empresariais, incluindo a criação de oportunidades para empresários por meio da igreja;
- e) Elaborar estratégias de missão empresarial de longo prazo dentro da organização – isso inclui empreender pesquisas e análises de atividades de missão empresarial.

*Sugestão prática: Escrever sobre missão empresarial no boletim da organização, revista, página da internet etc.*

### **Para instituições de treinamento cristãs**

As mudanças no trabalho missionário e o número decrescente de candidatos das instituições de treinamento precisam ser analisados. As recomendações abaixo se aplicam a institutos bíblicos, seminários, faculdades teológicas e outros centros de aprendizado cristão:

- a) Incorporar um curso de perspectiva empresarial do reino em programas de aprendizado atuais e futuros, para programas de curto e longo prazos;
- b) A fim de enriquecer a recomendação acima, incentivar e organizar pesquisas e estudos de casos de empresas específicas e seu impacto para o reino;
- c) Elaborar e oferecer cursos baseados em uma cosmovisão integral bíblica. Elaborar e oferecer cursos sobre missão empresarial. Esses cursos também podem ser abertos para alunos de mestrado em administração e economia de outras instituições acadêmicas;
- d) Criar programas de estágio em empresa com enfoque no reino, e incentivar a colaboração dessas empresas em aprendizado mútuo;
- e) Promover a criação de redes de ex-estagiários de empresas do reino e de redes de consultores e investidores focados no reino.

*Sugestão prática: Promover um seminário de um dia sobre missão empresarial. Veja a Lista de Recursos para mais sugestões.*

Para os meios de comunicação cristãos

O desenvolvimento de novas tecnologias de multimídia provê oportunidades para a expansão de iniciativas empresariais do reino. A fim de alcançar isso, recomendamos as seguintes ações:

- a) Ajudar a facilitar o uso de todos os meios de comunicação disponíveis para promover atividades e materiais de missão empresarial, como estudos de casos, artigos, colunas regulares em jornais e revistas que ampliem por meio de exemplos a percepção da empresa como fator de transformação;
- b) Usar tecnologia de multimídia e a internet para o treinamento, desenvolvimento e orientação em missão empresarial;
- c) Incentivar relacionamentos de trabalho mais próximos entre as empresas e os meios de comunicação no desenvolvimento de estratégias e diretrizes de comunicação, levando em consideração questões sensíveis e riscos.

## 9. O Manifesto da Missão Empresarial

O Grupo de Interesse *Business as Mission* do Fórum 2004 de Lausanne<sup>10</sup> trabalhou durante um ano, tratando de questões relativas aos propósitos de Deus para trabalho e empresa, o papel dos empresários na igreja e na missão, as necessidades do mundo e como a atividade empresarial pode ajudar. O grupo compôs-se de mais de 70 pessoas de todos os continentes. A maioria vinha de um contexto empresarial, mas também havia líderes de igrejas e agências missionárias, educadores, teólogos, advogados e pesquisadores. O processo deliberativo contou com 60 artigos, 25 estudos de casos, várias consultas nacionais e regionais sobre missão empresarial e discussões por e-mail, culminando em uma semana de diálogo e trabalho em conjunto. Estas são *algumas* das nossas observações:

### *Afirmações*

- Cremos que **Deus** criou todos, homens e mulheres, à sua imagem, com a capacidade de serem criativos e criarem coisas boas, para si mesmos e para outros – o que inclui os negócios.
- Cremos que devemos seguir os passos de **Jesus**, que constante e consistentemente atendeu as necessidades das pessoas que encontrou, demonstrando assim o amor de Deus e o governo do seu reino.
- Cremos que o **Espírito Santo** capacita todos os membros do **corpo de Cristo** para servir, para atender necessidades espirituais e físicas concretas de outros, evidenciando o reino de Deus.
- Cremos que Deus chamou e capacitou empresários para fazer a diferença do **reino** no e através do seu negócio.
- Cremos que o **evangelho** tem o poder de transformar indivíduos, comunidades e sociedades. Os cristãos empresários, portanto, devem ser parte deste processo de transformação integral, através da sua empresa.
- Reconhecemos que pobreza e desemprego com frequência grassam nas regiões em que o nome de Jesus raramente é ouvido e entendido.
- Reconhecemos a grande necessidade e também a importância do desenvolvimento empresarial. Mas estamos falando mais do que apenas de negócios. **Missão empresarial** entende a empresa de uma perspectiva, propósito e impacto de reino de Deus.
- Reconhecemos que há necessidade da criação de empregos e multiplicação de empresas em todo o mundo, que tenham em vista quatro aspectos fundamentais: transformação espiritual, econômica, social e ambiental.
- Reconhecemos que a igreja tem recursos imensos e em boa parte subutilizados na comunidade empresarial cristã para atender às necessidades do mundo – nos e através dos negócios – para promover a glória de Deus no mercado e além dele.

### *Recomendações*

**Conclamamos a igreja no mundo todo** a identificar, encorajar, abençoar, liberar e comissionar empresários e empreendedores para que exerçam seus dons e seu chamado

---

<sup>10</sup> Comitê de Lausanne para a Evangelização Mundial

como homens e mulheres de negócios no mundo – entre todos os povos, até os confins da terra.

**Conclamamos os empresários no mundo todo** a aceitar esse reconhecimento e refletir como seus dons e sua experiência podem ser usados para ajudar a atender a necessidades espirituais e físicas mais prementes do mundo por meio da missão empresarial.

***Conclusão***

O verdadeiro resultado da missão empresarial é *ad maiorem Dei gloriam* – para a maior glória de Deus.

Grupo de Interesse Missão Empresarial

Pattaya, Tailândia, Outubro de 2004

## **Anexos**

### **Anexo A: Participantes**

Grupo de Interesse Missão Empresarial  
Fórum de Lausanne, 2004

#### ***Comissão organizadora***

Mats Tunehag, Suécia – Organizador  
Wayne McGee, EUA/África/Reino Unido – Organizador adjunto  
Josie Plummer, Reino Unido – Facilitadora

#### ***Membros do Grupo de Interesse no Fórum***

Crystal Alman, Colômbia/EUA  
Etienne Atger, França  
D. Batchelder, EUA  
Alan Bergstedt, EUA  
Branko Bjelajac, Sérvia  
Mark Boyce, EUA  
H. Fernando Bullon, Costa Rica  
David Bussau, Austrália  
Julie Chambliss, EUA  
Chuck Chan, China  
David de Groen, Austrália  
Miguel Angel de Marco, Argentina/EUA  
Hartwig Eitzen, Paraguai  
Norm Ewert, EUA  
Dan Fredericks, EUA  
Hans Udo Fuchs, Brasil/Angola  
Edward S. Gaamuwa, Uganda  
Zack Gakunju, Quênia  
Ricky Gnanakan, Índia  
Harry Goodhew, Austrália  
Paul Heiss, EUA  
Kent Humphreys, EUA  
Neal Johnson, EUA  
Isaac Kasana, Uganda  
Dibinga Kashale, Costa do Marfim  
Victor Kathramalla, Índia  
Jorg Knoblauch, Alemanha  
Sergey Lisunov, Quirguistão  
David Llewellyn, EUA  
Stuart McGreevy, Reino Unido  
Roweena Mendoza, Filipinas  
João Mordomo, Brasil  
Alfred Neufeld, Paraguai

Jorge Nunez, Argentina  
Flávio Jason Orr, Brasil  
Mike Perreau, Reino Unido  
Dag Wilund, Suécia  
Jonathan, Reino Unido  
Doug Priest, EUA  
Bill Rigden, Reino Unido/Sul da Ásia  
Steve Rundle, EUA  
Lindy Scott, EUA  
Tom Sudyk, EUA  
Lynda Sudyk, EUA  
Daron Tan, Malásia  
Eric Tan NH, Cingapura  
Dennis Tongoi, Quênia  
Tim Waddell, EUA  
John Warton, EUA  
Jane Wathome, Quênia  
Cade Willis, EUA/Cingapura  
Galina Zhanbekova, Casaquistão  
Craig,  
DMM, Turquia  
Kay, Turquia  
Adrian, Austrália

Canadá

***Outros Membros do Grupo de Interesse (que contribuíram por e-mail, mas não estiveram no fórum):***

Mike Baer, EUA  
Steve Beck, EUA  
W. Chan, Hong Kong  
M. G., Índia  
Makonen Getu, Reino Unido  
Martien Kelderman, Nova Zelândia  
Scott McFarlane, EUA  
Xavier Molinari, França  
Dwight Nordstrom, EUA  
John Ong, Cingapura  
M. Stoltz, EUA  
Kim Tan, Reino Unido

## **Anexo B: Tarefa e procedimentos**

### ***Orientação do Fórum***

O fórum 2004 foi convocado pelo Comitê de Lausanne para Evangelização Mundial (LCWE, sigla em inglês) com a visão de analisar, por meio de uma investigação global sem precedentes, as tendências e necessidades na evangelização e, em resposta, elaborar planos de ação específicos para líderes de igrejas usarem ao tratar das questões locais e globais mais difíceis na evangelização.

A instrução dada pelo LCWE a cada grupo de interesse foi elaborar um documento bem fundamentado a respeito da tarefa atribuída, a ser apresentado no fórum e depois publicado como Texto Avulso de Lausanne. O documento deveria:

- Identificar as questões pertinentes ao tema e relacionar os obstáculos à evangelização global relacionados diretamente ao tema.
- Estudar as bases teológicas do tema.
- Compilar os melhores estudos de casos que ajudem outros a compreender e a responder ao tema.
- Elaborar estratégias específicas e pragmáticas que estimulem a igreja à ação, abrangendo recomendações que possam ser implementadas global, nacional e localmente.

### ***Propósito e objetivos do Grupo de Interesse Missão Empresarial***

O grupo de interesse Missão Empresarial estudou primeiro a relação dessa tarefa com a missão empresarial, de modo a identificar seu principal propósito e seus objetivos mais importantes:

#### **Propósito**

Estudar os obstáculos, desafios e oportunidades para glorificar a Deus globalmente, promovendo seu reino por meio da estratégia da missão empresarial; e, com suas deliberações e conclusões, trazer à igreja no mundo todo recomendações estratégicas sobre como responder a essas oportunidades e desafios.

#### **Objetivo 1**

Estudar os propósitos de Deus para a atividade empresarial e elaborar uma perspectiva bíblica sobre mordomia, trabalho e empresa em sua relação com a missão integral da igreja no mundo.

#### **Objetivo 2**

Aprender de exemplos de cristãos que têm feito diferença estratégica em sociedades por intermédio dos negócios, especialmente no campo missionário, vendo o reino de Deus influenciar a vida de pessoas em termos espirituais, sociais e econômicos.

#### **Objetivo 3**

Investigar maneiras de mobilizar a comunidade empresarial cristã, difundir a visão da missão empresarial, encorajar os empresários em seu chamado e fornecer conexões para a aplicação prática do seu ministério em contextos missionários.

#### **Objetivo 4**

Investigar o impacto potencial da missão empresarial e suas implicações para os paradigmas e práticas da missão e do desenvolvimento, em termos teológicos e operacionais.

### **Objetivo 5**

Identificar redes e iniciativas de missão empresarial nacionais, regionais e globais e apoiá-las gerando uma lista abrangente de recursos disponíveis, incluindo material publicado, programas de treinamento, recursos na internet e outros.

Grupos de trabalho foram formados para trabalhar cada objetivo, com cada membro do grupo de interesse contribuindo em um ou dois grupos de trabalho. Debates e redação de documentos sobre várias questões importantes para cada objetivo ocorreram por e-mail, em preparo para o fórum. Antes do fórum em setembro de 2004, a equipe organizadora preparou um esboço do documento, baseado no conjunto do trabalho preliminar. A maioria dos membros do grupo de interesse se reuniu durante o fórum para debates vitais e mais trabalho editorial, bem como para planejamento estratégico. A autoria do documento, portanto, é atribuída corretamente a todos os participantes do grupo de interesse Missão Empresarial relacionados no Apêndice A. A edição final, contudo, foi levada a cabo pela equipe organizadora, que assume toda a responsabilidade por qualquer erro e omissão no documento final.

Grupo de Interesse Missão Empresarial  
Comissão Organizadora

Mats Tunehag, organizador  
Wayne McGee, organizador adjunto  
Josie Plummer, facilitadora

## **Anexo C: Mais alguns estudos de casos gerais**

### ***BA Company***

Em Cingapura, em 1991, John, um missionário de carreira, recebeu uma empresa de consultoria de um empresário local cristão. O empresário continuaria como consultor principal e ganharia o dinheiro, e John o gastaria. Sentindo que isso era só o começo, eles criaram a empresa BA como uma companhia limitada que fosse proprietária da empresa de consultoria e de outras que o Senhor fosse lhes dar. John entendeu que a BA devia criar empresas justas, redentoras, dedicadas ao Senhor e funcionando de acordo com os princípios do reino.

John relata: “Há poder em discipular no local de trabalho, onde a maioria dos cristãos passa a boa parte do seu tempo e onde suas falhas de caráter são expostas. Na igreja a palavra de Deus é falada; no local de trabalho ela tem de ser vivida, e as reações dos cristãos precisam estar à altura de desafios verdadeiros (por exemplo, éticos). É melhor ensinar alguém a pescar do que lhe dar um peixe, mas é ainda melhor ensinar uma pessoa capaz a dirigir um pesque-e-pague. Aí ele vai aprender, além das habilidades práticas, também as habilidades éticas e de caráter.”

BA atualmente opera no Sudeste e Leste da Ásia e no Oriente Médio. Em 1995 foi criada a empresa BAX num país pouco alcançado do Sudeste da Ásia, como empresa de investimento, com recursos iniciais da BA de Cingapura. Mais tarde foi acrescentada uma empresa de importação e exportação. As empresas agora empregam estrangeiros de vários países e numerosos nacionais. As atividades empresariais têm abrangido artesanato rural, fabricação de tijolos e projetos de saneamento; um estúdio de arte e *design*; uma lanchonete que emprega ex-prostitutas; uma serralheria que emprega jovens de favelas; e uma empresa que produz páginas de internet. Elaboração de uniformes e exportação de açúcar de palma estão sendo pesquisados. Cada projeto tem sua própria base lógica. Alguns são pequenos, copiáveis, baseados em aldeias e em uso de muita mão de obra. Possibilitaram que pontos de pregação e igrejas fossem plantados e que pessoas tenham vindo a Cristo. Outros projetos refletem a preocupação de BA com os muito pobres e marginalizados, e alguns destes funcionam com pequenos empréstimos empresariais. Agora estamos desenvolvendo projetos que empregam moradores urbanos melhor formados, em cujas mãos está o futuro da nação.

BAX deu origem a uma ONG local que envolve perto de 150 nacionais e tornou-se o principal braço ministerial. Ela inclui um pequeno lar de crianças e projetos de criação de empregos.

Desde 1995 um escritório de representação da BA fornece uma plataforma de ministério em uma nação grande e menos aberta. Isso permitiu abrir uma empresa de tradução cujo objetivo principal é discipular jovens nacionais. Mais recentemente um restaurante foi aberto, para empregar nacionais com um espectro mais abrangente de habilidades. BA não administra esses negócios.

Os valores que subjazem os negócios no campo são servir de modelo de negócio honesto com propósito redentor: proporcionar independência, dignidade e discipulado através do emprego; e dar uma identidade legítima a profissionais estrangeiros e líderes de igrejas locais.

Todos os envolvidos consideram o Senhor o dono da BA. Os acionistas assinam uma declaração de que estão servindo apenas de mordomos, e não têm interesses em benefícios pessoais. As supervisões da empresa e da grande comissão são mantidas separadas. O supervisor de grande comissão faz parte da diretoria, mas tem função operacional mínima.

A ideia não é fazer da BA um império. Os líderes têm evitado uma estratégia de conglomerado empresarial. As empresas são ligadas em termos relacionais, mas não em termos legais. A supervisão funciona por meio de liderança servil, autoridade espiritual e comunhão. Eles admitem o risco do possível mau uso do nome BA. Sua oração é que os negócios BA deem origem a movimentos nacionais entre os povos-alvo. Podem ser empresas, ONGs locais, igrejas... ou novas missões empresariais!

John não tem interesse no negócio pelo negócio. Diz ele: “Para derrubar uma árvore, usamos a melhor ferramenta disponível: pode ser um machado afiado ou uma motosserra. Para a evangelização mundial, a melhor ferramenta, muitas vezes, pode ser uma empresa. Descobri rapidamente que ter um cartão de visitas pode ser o início de uma conversa, enquanto dizer ‘eu sou um missionário’ acaba com a conversa! Nosso evangelho é poderoso demais para ser engessado em conceitos tradicionais de missão e prédios e atividades de igrejas.”

BA de Cingapura já arrecadou mais de 200.000 dólares para sustentar trabalhos e missionários em vários lugares do mundo. Os investimentos priorizam novas missões empresariais com pessoas que são conhecidas por sua equipe e com quem se relacionam. Esses projetos precisam ter uma supervisão de grande comissão e um apoio inicial de curto prazo para missionários de países em desenvolvimento.

John conclui: “Nossas empresas no campo têm dado pouco lucro, e via de regra não têm sustentado financeiramente os missionários que as criaram. Do ponto de vista empresarial o negócio não é impressionante – mas isso também não se pode falar da *performance* de muitos outros negócios no contexto em que trabalhamos. O mais importante é que uma série de ministérios foi montada sem criar dependência ou a necessidade de fundos doados.”

### ***Clínica Bíblica: empresa de saúde, ministério de cura***

#### **Propósito, história e esboço da estrutura**

O hospital e centro médico Clínica Bíblica em San José, na Costa Rica, cresceu e se adaptou durante 75 anos de modo a proclamar com ousadia o reino de Deus melhorando o bem-estar de saúde e espiritual de uma comunidade necessitada. A “clínica com base bíblica” é um ministério cristão que se tornou empresa, fundado em 1921 pelo casal de missionários britânicos Harry e Susan Strachan. Os Strachan chegaram a San José com o objetivo de evangelizar uma população em boa parte sem Deus. Encontraram uma taxa de mortalidade infantil de uma em cada três crianças, e crianças famintas e sempre doentes, desesperadamente carentes de cuidados médicos. A visão do casal logo se ampliou para incluir o bem-estar físico da população, em especial das crianças.

Desde que abriu as portas em 1929, a Clínica Bíblica se dedicou a proporcionar cuidados médicos à população da Costa Rica sem fazer distinção de cor, religião ou capacidade de pagar a conta. Hoje, o primeiro prédio de dois andares ainda está em pé, à sombra do

hospital de cinco andares, do complexo de consultórios médicos de doze andares, e de uma ampliação de 16.700 m<sup>2</sup> que triplicará o tamanho do hospital quando estiver concluída. Esse campus enorme, no centro do que está se tornando rapidamente o bairro das clínicas médicas em San José, é a Clínica Bíblica hoje.

Desde o primeiro dia a clínica se defrontou com as mesmas dificuldades de muitas organizações com objetivos semelhantes: demanda exponencial *versus* recursos limitados. Nas décadas de 1940 e 50, a Clínica Bíblica pode desempenhar um papel chave, pela generosidade de muitos americanos e a disponibilidade de muitos profissionais locais, na expansão do acesso a cuidados médicos na Costa Rica.

Somado a isso, a qualidade dos serviços médicos na clínica atraiu até mesmo os cidadãos mais ricos, quando precisavam de procedimentos de emergência e consultas de rotina. Pela primeira vez, os médicos puderam cobrar pelos serviços prestados, e o ministério não dependia mais tanto de doações. Isso provaria ser essencial mais para frente. Mesmo hoje, cristãos ou não, ricos ou pobres, moradores de qualquer parte do país dirão que a Clínica Bíblica é simplesmente a melhor instituição de saúde na Costa Rica.

Durante os primeiros anos, o funcionamento e as finanças dependiam em boa parte de uma mulher de Winnipeg, no Canadá, a dra. Marie C. Cameron, que serviu como cirurgiã chefe no hospital por trinta e seis anos. Sua decisão de se aposentar em 1968 abriu uma lacuna que parecia que ninguém poderia preencher. Diante da crise financeira e missiológica, a liderança do hospital, composta na maioria por norte-americanos, decidiu fechá-lo em trinta dias. Foi nesse impasse que uma decisão crucial precisou ser tomada, que iria afetar o hospital por décadas. A questão era: Será que a qualidade do atendimento médico e a excelência da formação que a Clínica Bíblica fornece são de tal valor para a Costa Rica que a comunidade local está disposta a liderar e também financiar a clínica? A resposta foi “sim”.

Os fundos foram levantados em menos de trinta dias e, com muitos receios, o hospital foi transferido para proprietários costa-riquenhos. Em 1968, a Clínica Bíblica passou para a recém-formada Associação de Serviços Médicos de Costa Rica (ASEMECO). Os associados são quase todos costa-riquenhos, e assumiram todas as responsabilidades. A associação tem por finalidade manter e fazer crescer o hospital e todos os seus ministérios, para atender às necessidades médicas e espirituais da população de Costa Rica.

Hoje, a maioria dos pacientes não chega em táxis ou carros de luxo na porta da frente do hospital, mas em ônibus públicos dos vários bairros e favelas que cercam a cidade. Esses pobres (e muitos refugiados de países vizinhos) que não são alcançados pelo sistema nacional de segurança social entram pelas portas da Clínica Bíblica para receber os cuidados médicos a que não têm acesso em um hospital público. Em palavras simples, a política da Clínica Bíblica é não negar cuidado médico a ninguém, não importa de onde venha ou quanto possa pagar.

O hospital está aberto 24 horas por dia, passando receitas, fazendo cirurgias, combatendo o câncer. O trabalho do Reino ultrapassa os limites da medicina. No segundo andar do hospital fica o escritório do capelão, que organiza estudos bíblicos com os funcionários e faz visitas diárias aos pacientes para orar com eles. Dentro do prédio também funciona um salão de beleza. A clínica entende que quem está bem arrumado se sente bem, e se esforça para atender *todas* as necessidades físicas dos pacientes enquanto estão no hospital.

Com tantos atendimentos subsidiados, como a Clínica Bíblica se mantém financeiramente? A resposta é: os que *podem* pagar pelos serviços e medicamentos *pagam*. E o fazem de boa vontade, porque sabem o bem que estão fazendo. Os pagamentos seguem uma tabela crescente, dependendo do poder aquisitivo do paciente. A receita somada dos vários departamentos, do laboratório, da farmácia, bem como os reembolsos da segurança social do governo, é suficiente para subsidiar os cuidados médicos de todos os pacientes carentes. Um terço da receita é investido em construções e nos custos de manutenção, um terço é investido em equipamento médico, e outro terço é usado para financiar outros ministérios médicos ou de ação social em toda a comunidade alcançada pela ASEMECO. Por exemplo, durante o ano fiscal de 2003, a receita da ASEMECO foi de 20,6 milhões de dólares. A média dos cinco anos anteriores tinha sido de 15,7 milhões. Mesmo mantendo os muitos ministérios deficitários na comunidade e subsidiando milhares de pacientes, a ASEMECO ainda teve um lucro de quase 1,6 milhão.

### **Lições a aprender da Clínica Bíblica**

*A apresentação corajosa do evangelho – proclamando o reino de Deus – será aceita (ou pelo menos tolerada) se o produto ou serviço prestado é o melhor possível*

Há vários anos, na cerimônia do lançamento da pedra fundamental da nova ala do hospital, o presidente da Costa Rica virou a primeira pá de terra. Folhetos evangelísticos produzidos pela clínica estão expostos em lugar de destaque em todos os balcões. Mais de cem médicos não crentes vêm trabalhar todos os dias. Por quê? Porque a Clínica Bíblica oferece o melhor cuidado médico possível. Vale a pena repetir que ser o melhor do ramo abre portas junto a financiadores, governos e pessoas influentes, que de outra forma permaneceriam fechadas. É simples assim.

*A incorporação de trabalhadores não cristãos em um ambiente cristão, num empreendimento evangélico, pode maximizar a produtividade e criar oportunidades de testemunho interno*

É surpreendente que apenas metade dos médicos empregados pela clínica professam ser evangélicos. A fé não é um fator decisivo para a admissão no emprego. Se a Clínica Bíblica contratasse apenas evangélicos, a qualidade do serviço ficaria prejudicada e o ministério chave de alcançar muitos dos profissionais mais bem sucedidos da Costa Rica não existiria. O desejo da ASEMECO é contratar os melhores profissionais disponíveis e integrá-los em um ambiente abertamente evangélico. Isso já é, por si só, um ministério interno do hospital.

A granja de frangos e ministério com crianças Roblealto, em San José, com vínculos estreitos com a Clínica Bíblica em seu ministério com a comunidade, também emprega trabalhadores crentes e descrentes. Roblealto os convida para um ambiente cristão em que são expostos a estudos bíblicos semanais, oração diária, e o testemunho pessoal de dezenas de colegas que entendem sua vocação profissional como seu ministério. É evidente que, em alguns cargos nesses ministérios – no trabalho com as crianças em Roblealto, por exemplo – a presença de cristãos evangélicos é essencial para o cumprimento da missão do empreendimento.

*A instituição de liderança local deve acontecer em todos os níveis da organização, bem como a transição intencional para a liderança local após determinado período*

Desde o começo, mulheres costa-riquenhas simpáticas à missão da clínica ofereceram tempo e serviço para ajudar na enfermagem, especialmente nas áreas de cirurgia e ginecologia. O hospital aceitou esse trabalho voluntário, mesmo ciente da pouca formação dessas mulheres, o que o motivou a abrir uma escola de enfermagem menos de dez anos depois de ser fundado. A escola acompanhou o crescimento do hospital, e hoje é considerada a maior contribuição da Clínica Bíblica à assistência à saúde na Costa Rica. Numerosas outras missões médicas em todo o mundo fecharam ou perderam em importância com o passar do tempo, quando a corrente de profissionais norte-americanos secou. Formar e empregar um número constante de enfermeiras costa-riquenhas garante que sempre haverá uma força de trabalho que, pela natureza da sua formação, está equipada para atender os padrões elevados da clínica. Essa oportunidade de formação, por si só, é uma atividade de edificação do Reino, e contribui para a longevidade do hospital.

Apesar da dependência inicial da liderança estrangeira, desde o começo costa-riquenhos foram preparados para postos profissionais chaves na organização, e os estrangeiros estabeleceram laços com pessoas influentes da comunidade local, ao ponto de essas pessoas se sentirem confortáveis para *pedir* para receberem o controle do empreendimento quando veio a crise em 1968. Sem o casal Strachan, a dra. Cameron ou outros dos primeiros profissionais, os costa-riquenhos não teriam aprendido as habilidades necessárias para praticar medicina excelente e ganhar dinheiro no processo.

*O subsídio de bens e serviços para os que não precisam de subsídios nem sempre é apropriado*

Se empreendimentos cristãos entram em uma comunidade com a intenção de oferecer bens ou serviços com preços subsidiados, precisam considerar muito bem de onde os subsídios virão. Se não puderem vir, pelo menos em parte, de outros membros da comunidade local, talvez seja necessário reavaliar o empreendimento. A pergunta que determina a lista de preços da Clínica Bíblica é se os preços mais altos cobrados pelos cuidados médicos ainda são razoáveis. A popularidade do hospital entre os ricos da Costa Rica, e a lealdade dos pacientes mesmo com a existência de outros hospitais privados, indica que são.

*Uma empresa cristã pode permanecer fiel à sua missão original sem comprometer seu crescimento, e vice-versa*

A missão original dos Strachan foi mantida com cuidado e oração por setenta e cinco anos. O desejo da Clínica Bíblica de ministrar às necessidades espirituais e médicas da comunidade da Costa Rica sem acesso à saúde, em especial as crianças, permanece sem alteração até hoje. Isso, contudo, não significa que a clínica ministra *apenas* a essa população. Em 1968, parte do raciocínio por trás da decisão de fechar a clínica era que a maioria dos costa-riquenhos sem acesso a cuidados médicos viviam nas áreas rurais e nas montanhas longe da cidade. Pensava-se que a clínica deveria mudar-se para uma área rural para evitar uma mudança em sua missão.

No entanto, graças ao apoio financeiro de última hora e à liderança unida dos médicos locais (que formaram a primeira diretoria da ASEMECO), o hospital encontrou uma

solução diferente. Permanecer na cidade e atender às necessidades médicas e espirituais da população urbana sustentaria um fluxo constante de entradas que poderia ser usado para financiar e expandir ministérios médicos nas áreas rurais. Tentar financiar um empreendimento médico sem entradas da principal instalação na cidade teria sido praticamente impossível. Desde aquele ano crítico, a ASEMECO usa um terço das suas entradas para sustentar ministérios de ação social, treinamento e assistência médica rural, saúde infantil e evangelização – todas atividades do reino feitas em nome de Cristo. Crescimento da missão e desvio da missão são duas coisas diferentes. Com frequência, o crescimento da missão pode gerar o capital e a influência necessários para garantir que a missão original é mantida por muitos anos.

*O interesse pelo reino de Deus como um todo requer que os empreendimentos cristãos façam parcerias com outros com objetivos semelhantes, quando for apropriado*

O primeiro e melhor exemplo é a parceria da ASEMECO com o ministério infantil de Roblealto. Repetindo, a missão de Roblealto é atender às necessidades espirituais e físicas das crianças que vêm de lares desfeitos e situações de abuso. Roblealto não é autossuficiente e depende de grandes somas de doações, mas boa parte da sua receita vem dos lucros de uma granja com o mesmo nome, que supre 85% da demanda da Costa Rica de galinhas poedeiras. Como esses dois ministérios-empresas cristãos trabalham juntos?

A Clínica Bíblica usa sua especialidade médica para atender às necessidades das crianças de Roblealto, e se beneficia ministrando a crianças que, de outra forma, não alcançaria. Roblealto consegue cumprir melhor sua missão atendendo às necessidades médicas e nutricionais imediatas das suas crianças. Para as duas organizações, não ter essa cooperação comprometeria a amplitude do ministério da Clínica Bíblica e a profundidade do ministério de Roblealto.

### ***Conclusão***

Os princípios bíblicos encontrados na literatura da Clínica Bíblica são os mesmos que se vê na prática. Cercada por uma sociedade e um governo secular moderno, ela consegue proclamar o reino de Deus, com sucesso e sustentabilidade, por meio de atividades econômicas e ministeriais que atendem as necessidades espirituais e de saúde, muito reais, do seu povo.

## **Anexo D: Obstáculos e soluções para parcerias entre empresas, igrejas e agências**

Neste exercício olhamos as barreiras em termos de percepção e também de realidade. Inicialmente dividimos o grupo de interesse em empresários e líderes de igrejas e agências, para levantar obstáculos e preocupações dos dois lados a respeito da divisão que se costuma fazer entre sagrado e secular. Para alguns, a distinção era falsa, porque se entendem sendo ambos, mas lhes pedimos para escolher com qual lado se relacionavam mais, para poder acontecer o debate. Em seguida misturamos os dois grupos e discutimos soluções.

### ***Obstáculos percebidos pelos empresários***

Quais são os **obstáculos** e **preocupações** com respeito à parceria entre agências missionárias, igrejas e empresas?

- Falta de linhas claras de demarcação entre o que é empresa e o que é igreja, no que tange responsabilidade, prestação de contas, expectativa em termos de iniciativa. Conflitos de interesse do pessoal envolvido em atividade empresarial, entre o que fazem em termos de ministério na igreja e o tempo e dinheiro destinado ao que fazem;
- Controle dos bens e funcionamento da empresa pela igreja local que faz parte da parceria;
- Compreensão deficiente dos conceitos empresariais, especialmente pensando no lucro, que é considerado mau ou profano. Existe o sentimento de que dinheiro e lucro são sujos, o dinheiro é a raiz de todo mal (e não o amor ao dinheiro), em especial em uma sociedade pós-soviética;
- Cada lado se sente intimidado diante do outro; o empresário se sente intimidado pela espiritualidade do pessoal da igreja;
- Idioma, cultura e ética do trabalho diferentes, conceitos errôneos de que quem é missionário passa tempo orando e conversando com pessoas e perdoa quando é passado para trás, enquanto empresários são mais firmes e querem ver as coisas sendo feitas;
- Expectativas elevadas por parte da igreja em relação aos missionários empresários, no sentido de que deem todos os lucros, sem reconhecer o ministério como tal;
- Concepção errônea da atividade empresarial pela igreja, no sentido de que ela serve apenas para dar dinheiro, participar de comissões ou prestar serviços gratuitos etc.;
- Em alguns países, os empresários usam sua posição na igreja para propósitos comerciais em vez de espirituais;
- Competição: as empresas e as igrejas buscam os melhores;
- Potencial de conflitos em relação a misturar dinheiro de igrejas e organizações sem fins lucrativos com empresas. Por em risco a isenção de impostos pode complicar a situação dessas organizações;
- Pressão para prestar contas de quantas vidas foram salvas pela missão empresarial, em seus relatórios à igreja local;
- A missão integral não é entendida facilmente pelos pastores; o dualismo está encardido e é perpetuado nos cursos de teologia, e os pastores podem estar ocupados demais para tentar compreender conceitos de missão integral.

### ***Obstáculos percebidos por líderes de igrejas e agências missionárias***

Quais são os **obstáculos** e **preocupações** com respeito à parceria entre agências missionárias, igrejas e empresas?

- As instituições teológicas reforçam a dicotomia entre sagrado e secular e entre clero e leigos;
- Em alguns lugares (p.ex. na América Latina), espiritualidade e pobreza são intimamente ligadas, de modo a espiritualizar a pobreza;
- A tendência de pessoas “independentes” liderarem empresas (espírito empreendedor) pode resultar na falta de participação, filiação e parceria, no sentido de pertencer a um uma igreja, uma agência missionária, um movimento maior de plantação de igrejas etc.;
- Empresários em outros países tendem a frequentar igrejas internacionais em vez de igrejas locais;
- Empresários não aprendem a língua local ou o contexto cultural com alguma profundidade;
- Quem paga, manda, o que se vê em situações em que pastores não confrontam a moralidade ou a ética de empresários, em que projetos avançam ou fecham conforme os caprichos de um empresário, em que membros da liderança da igreja não entendem nada de missões, mas controlam o dinheiro, tomam decisões sobre projetos;
- Falta respeito pelos dons do outro;
- Há discrepâncias de estilo de vida entre pastores e empresários;
- Empresários tendem a não falar muito sobre pecado estrutural. As igrejas latino-americanas veem o pecado estrutural ser confrontado na Bíblia e falam sobre ele, mas há uma “desconexão” entre empresários do mundo desenvolvido e essa perspectiva do mundo em desenvolvimento;
- Existe um dilema quanto a se uma solução econômica deve ser usada para um problema “bíblico”;
- A igreja tem pouca experiência empresarial;
- No mundo empresarial, basicamente “sobrevive o mais forte”, numa perspectiva individualista, o que é o contrário da fé, que é inclusiva;
- Experiências ruins de mistura da igreja com negócios azedou a relação, em vários exemplos históricos;
- É necessário não colocar pastores e empresários em lados opostos, porque há pastores que são as duas coisas; temos de reconhecer isso com base nos exemplos que temos;
- Agências missionárias e igrejas entendem que missões é sua responsabilidade, e por isso podem ter problemas para ver um empresário, com outro estilo de vida, ser missionário;

### ***Soluções propostas para os obstáculos e preocupações,***

Em grupos mistos de empresários e líderes de igrejas e agências

- Assim como oramos por missionários comuns, devemos orar em conjunto por esforços de missão empresarial bem sucedidos;

- É preciso deixar claro quem determina quais ministérios são abençoados com os lucros de uma missão empresarial. A igreja do empresário deve ser envolvida na decisão de para onde vai o dinheiro?
- É necessário construir pontes entre igrejas e empresas, começando pelas congregações locais;
- Examine as áreas em que os dois lados podem ajudar uns aos outros; organize um curso sobre missão empresarial nas instituições teológicas e nas igrejas locais; mostre as implicações da palavra de Deus para o local de trabalho;
- A dicotomia secular – espiritual pode ser trabalhada no nível capilar da igreja; empresários em missão devem discipular outros empresários para ser missionários;
- Deve haver diálogo, não debate; entre empresários e líderes de igrejas e agências a nível pessoal, não organizacional;
- A igreja deve desafiar todos a contribuir, não só os empresários;
- É uma boa ideia a igreja validar o uso dos lucros das empresas para boas obras na comunidade; esse é um bom investimento dos lucros, e não tem nada a ver com dízimos;
- Algumas instituições teológicas já tratam da missão empresarial: mostrando exemplos, treinando candidatos e, em alguns países, tendo professores ou líderes sustentados em parte ou totalmente por empresas;
- Nas escolas teológicas, empresários bem sucedidos em missão empresarial devem ensinar sobre isso;
- Nas agências missionárias, missão empresarial deve ser ensinada por quem a pratica;
- Precisamos reconhecer que há duas culturas – empresa e missão – e aplicar os métodos missiológicos transculturais que conhecemos;
- Devemos levar empresários, pastores e teólogos para escolas de administração, para ajudá-los a entender as questões éticas e a ter visão das necessidades;
- Tanto nas escolas teológicas quanto nas de administração, deve haver empresários missionários e teólogos ensinando lado a lado;
- Empresários e profissionais missionários devem ensinar, para capacitar os leigos;
- Doações devem ser anônimas, para ninguém achar que tem o direito e dar as cartas e exercer autoridade;
- Os empresários devem se integrar na comunidade local, de modo a serem aceitos pela igreja local;
- Em vez de seguir o modelo ocidental de líderes em tempo integral como o ideal, é melhor olhar para o modelo de liderança da igreja local em Efésios 4.12;
- Precisamos de programas de treinamento, estudos de casos, demonstrações do uso apropriado dos lucros;
- Os pastores deveriam procurar os empresários e lhes perguntar como podem ajudá-los a cumprir seu ministério ou serem missionários, em vez de empresários tentarem liderar a igreja;
- Precisamos de integração, prestação de contas e honestidade; formar equipes em que empresários e missionários trabalham juntos, para promover a integração.

## **Anexo E: Estudo de caso de agência missionária engajada em missão empresarial**

### *Christian Missionary Fellowship International*

CMF International, fundada há 55 anos, envolveu-se no que chamamos de “missão bivocacional” há uns dez anos. Admito que sabíamos bem pouco sobre o mundo empresarial quando começamos, e nossas primeiras aventuras incluíram oportunidades de emprego subsidiadas (dar aulas de inglês) como maneira de obter o visto e se envolver com pessoas de maneira válida e fácil, para dar testemunho em um país de acesso restrito. Nosso pessoal tinha certificação para dar aulas de inglês a nível superior e obteve empregos legítimos.

Decidimos criar uma agência sem fins lucrativos, separada mas com vínculos estreitos, sem terminologia cristã no nome. Como um dos principais propósitos dessa agência seria empresarial, pesquisamos a questão dos impostos. A nova agência tem sede separada e funcionários próprios, e recebe doações; incluimos na equipe alguns com experiência empresarial bem sucedida (ou seja, voluntários que optaram por se aposentar cedo ou que não precisavam de emprego em tempo integral).

Nossa equipe levou o desafio da missão empresarial às igrejas que apoiam nossa agência. Os empresários responderam com entusiasmo. Organizamos viagens de curto prazo com eles, para dar aulas em universidades e outros contextos, avaliar oportunidades empresariais e ajudar a fazer parceria com ou criar empresas. Alguns com experiência empresarial nos ajudaram a escrever ou avaliar planos de negócios.

Criamos um vínculo com um ministério forte com estudantes em uma universidade tecnológica, da qual recrutamos candidatos para trabalhar em nossas empresas no exterior. Alguns dos nossos missionários tradicionais foram “redirecionados” e agora ocupam funções em missões empresariais. Um dentista com experiência missionária na África agora dirige uma clínica dentária lucrativa e autorizada em outro continente, e usa proventos da empresa para ajudar a igreja perseguida.

Uma das empresas em que estamos envolvidos é uma fábrica química. Nosso investimento financeiro só representa uma pequena parcela nessa instalação de milhões de dólares, mas nos permite colocar pessoas na empresa que podem se envolver diretamente com os trabalhadores locais, suas famílias e comunidades. Outra empresa que está no início é uma academia de ginástica em uma grande cidade da Ásia. Também temos uma produção de brita ligada a uma igreja local, bem como a uma empresa estrangeira e ao pessoal de uma agência missionária com foco em um grupo muçulmano não alcançado.

Nosso pessoal no exterior faz parte de equipes e está ligado a uma rede de cuidado pastoral (se possível dentro do país, ou então com visitas regulares). A supervisão é feita pelo líder da equipe ou por um supervisor específico. Nosso pessoal da base se dedica a recrutar, triar, treinar, apoiar e avaliar relatórios; o comando é partilhado pelo pessoal da agência missionária tradicional e pelo pessoal da missão empresarial. Decidimos não escrever políticas e regulamentos novos para nossos esforços de missão empresarial, apenas revisamos nossos procedimentos missionários tradicionais para adaptá-los aos empresários missionários.

Um dos distintivos de um projeto de missão empresarial é sua viabilidade financeira, depois de algum tempo. Na maioria dos nossos empreendimentos, estamos no começo do processo. Essas empresas estão funcionando apenas há um ou dois anos. Dois já são lucrativos. Nossa diretoria elaborou uma política de “lucros em excesso”, que canaliza uma margem diretamente a ministérios relacionados. Na verdade, cada empresa tem um plano ministerial inserido na cultura, que é tão importante quanto seu plano de negócios.

### **Barreiras**

Não são todas as agências missionárias tradicionais que devem se envolver em missão empresarial, seja pela especificação do seu chamado divino, por resistência de colaboradores ou doadores, por falta de habilidade ou de experiência para fazer negócios. Em nossa missão, encontramos alguma resistência de membros da diretoria, de missionários, de igrejas e de colaboradores na sede. Mas perseveramos e acabamos colocando missão empresarial como uma das nossas estratégias missionárias.

Nossa diretoria marcou uma reunião, convidando os cônjuges e funcionários da sede, em um “país fechado”, especificamente para tentar entender alguns dos desafios que existem em um contexto onde missão empresarial é a estratégia apropriada. Ouvimos relatórios de nossos vários parceiros empresariais, bem como estudos de casos de outras missões empresariais. Depois da reunião, fizemos visitas aos nossos projetos de missão empresarial.

Missão empresarial é apenas *uma* estratégia para trabalhar em países que são inacessíveis a métodos missionários tradicionais. Existem oportunidades para ligar-se à igreja local e ombrear com crentes locais. Nossa estratégia missionária nesses contextos prevê ministérios nas esferas humanitárias, educacionais e empresariais.

### **E agora?**

O capital inicial para empreendimentos comerciais não precisa vir apenas de investidores privados. Descobrimos que igrejas, geralmente as grandes, se entusiasmam com a missão empresarial e estão dispostas a contribuir com recursos financeiros, quando veem um propósito missional. Há muito que pode ser feito.

Precisamos de tempo para demonstrar a viabilidade financeira duradoura dos nossos empreendimentos, e precisamos desenvolver mais plenamente políticas e procedimentos para o lucro do setor não lucrativo. Precisamos recrutar mais profissionais com interesse missionário que se dispõem a viver em contextos transculturais, e avaliar sua eficiência na integração de empresa e missão.

Nas missões empresariais, os empresários talvez tenham de ser incentivados a buscar a interação com missionários tradicionais.

## **Anexo F: Lista de recursos**

Os recursos compilados neste documento estão classificados nas seguintes categorias:

- I. Livros
- II. Artigos e textos
- III. Organizações, redes e atalhos na internet
- IV. Instituições de treinamento
- V. Ferramentas adicionais

### **I. Livros**

Befus, David R., *Kingdom Business: The Ministry of Promoting Economic Development*. Miami: Latin America Mission, 2002.

Befus escreve a partir da sua experiência em integrar o ministério com a atividade econômica, e apresenta cinco modelos de integração. Existe em espanhol e inglês.

Burkett, Larry. *Business by the Book: The Complete Guide of Biblical Principles for the Workplace*. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1998.

Conselhos práticos sobre como aplicar princípios bíblicos à operação e direção de negócios.

Bussau, David e Russell Mask. *Christian Micro Enterprise Development: An Introduction*. Regnum Books, 2003.

Um manual para equipar médicos e doadores para edificar o reino de Cristo através da assistência à saúde. Compara estudos de casos de médicos cristãos com práticas de não cristãos.

Cleveland, Paul, Gregory Gronbacher, Gary Quinlivan e Michel Therrien, *A Catholic Response to Economic Globalization: Applications of Catholic Social Teaching*. Grand Rapids, MI.: Acton Institute, 2001.

Traz uma perspectiva católica da globalização e da responsabilidade cristã no mercado global dos nossos dias.

Chan, Kim-kwong e Tetsauno Yamamori, *Holistic Entrepreneurs in China: A Handbook on the World Trade Organization and New Opportunities for Christians*. Pasadena, CA.: William Carey International University Press, 2002.

Informação prática sobre as mudanças econômicas que estão ocorrendo na China e as oportunidades para empresários cristãos que estão sendo criadas.

Cope, Landa. *Modelo social do Antigo Testamento: Redescobrimo princípios de Deus para discipular as nações*. Curitiba, Jocum, 2008.

Danker, William, *Profit for the Lord*. Eugene, Oreg.: Wipf & Stock, 2002 (originalmente publicado por Eerdmans, 1971).

Atividades econômicas do movimento missionários dos morávios e da empresa de comércio de Basel: traz uma história detalhada e tira conclusões que devemos aprender das atividades de missão empresarial de hoje.

de Soto, Hernando. *The Mystery of Capital, Why Capitalism Triumphs in the West and Fails Everywhere Else*. New York, NY: Basis Books, 2000.

Examina o problema por que alguns países se dão bem com o capitalismo e outros fracassam. O autor encontra uma ligação com a estrutura legal da propriedade e os direitos à propriedade em cada nação.

Gibson, Dan. *Avoiding the Tentmaker Trap*. Ontario, Canadá: WEC International, 1997. Guia prático para o candidato a fazedor de tendas, incluindo uma lista abrangente de recursos, com livros e organizações.

Gnanakan, Richard S. *Work in God's World: Insights into a Theology of Work*.

Bangalore, Índia: Theological Book Trust, 2003.

Reflexões teológicas sobre o trabalho de uma perspectiva indiana.

Greene, Mark. *Supporting Christians at Work: A Practical Guide for Busy Pastors*.

Londres: London Institute for Contemporary Christianity, 2001.

Grudem, Wayne. *Business for the Glory of God: The Bible's Teaching on the Moral Goodness of Business*. Wheaton, IL: Crossway, 2003.

Analisa como a atividade empresarial, em especial a propriedade, emprego, lucro, dinheiro, desigualdade de posses, competição etc., pode glorificar a Deus.

Hamilton, Don. *Tentmakers Speak: Practical Advice from Over 400 Missionary Tentmakers*. Duarte, CA.: TMQ Research, 1987.

Resultado de uma pesquisa que traz lições tiradas de experiências da vida real de fazedores de tendas. Disponível em [www.intent.org](http://www.intent.org).

Hammond, Pete, R. Paul Stevens e Todd Svano. *Marketplace Annotated Bibliography: A Christian Guide to Books on Work, Business and Vocation*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2002.

Lista abrangente de 1.200 livros sobre integração de mercado e fé. Os autores incluem uma pesquisa histórica do movimento mercado-fé e diversos índices temáticos.

Hill, Alexander. *Just Business – Christian Ethics for the Marketplace*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1997.

Introdução à ética empresarial e ajuda para estudo de questões éticas que surgem em qualquer contexto de desenvolvimento empresarial.

Humphreys, Kent. *Lasting Investments: A Pastor's Guide for Equipping Workplace Leaders to Leave a Spiritual Legacy*. Colorado Springs, CO: NavPress, 2004.

Redescoberta dos alvos e visões que pastores e líderes no mercado compartilham. Passos para estabelecer e manter relacionamentos fortes e frutíferos.

Knoblauch, Jorg e Jürg Opprecht. *Kingdom Companies: How 24 Executives Around the Globe Serve Jesus Christ Through Their Businesses*. Publicação própria, 2004.  
Apresenta empresas do reino – negócios que operam baseados em valores bíblicos como meio de difundir o evangelho. Destaca princípios para empresas do reino fazendo uso de curtos perfis de empresas (contato: [knoblauch@tempus.de](mailto:knoblauch@tempus.de)).

Lai, Patrick. *Window Businesses: Doing Tentmaking in the 10/40 Window*. Pasadena, CA: William Carey International University Press, 2003.  
Guia prático para começar negócios como fazedor de tendas em países em diversos estágios econômicos.

Lewis, Jonathan (ed.). *Working Your Way to the Nations: A Guide to Effective Tentmaking*. Downers Grove, IL.: InterVarsity Press, 1997.  
Guia de estudo e manual para fazedores de tendas, com uma série de estudos práticos escritos por gente do ramo. Disponível de graça em [www.tentmakernet.com](http://www.tentmakernet.com) em inglês, espanhol, português, coreano e árabe.

Myers, Bryant. *Walking with the Poor: Principles and Practices of Transformational Development*. Maryknoll, N.Y.: Orbis, 1999.  
Base teológica para desenvolvimento econômico e missão integral, com discussão da aplicação desses princípios.

Nash, Laura, Ken Blanchard e Scotty McLennan. *Church on Sunday, Work on Monday: The Challenge of Fusing Christian Values with Business Life*. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2001.  
Um guia para melhorar a comunicação entre o mundo da igreja e o dos negócios. Os autores se baseiam em uma pesquisa ampla que inclui estudos de casos e entrevistas, e delineiam os obstáculos dessa comunicação.

Novak, Michael. *Business as a Calling: Work and the Examined Life*. New York, NY: The Free Press, 1996.  
Estuda a inter-relação entre religião e negócios e os efeitos sobre a condição moral e social de uma nação.

Ogden, Greg. *Unfinished Business: Returning the Ministry to the People of God*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2003.  
Defendendo um modelo de ministério levado a cabo por leigos, o autor lista movimentos importantes para que a igreja possa devolver o ministério às mãos das pessoas: de passivo para ativo, de manutenção para missão, de clero para povo, de professor/babá para equipante/capacitador.

Olsen, J. Gunnar. *Business Unlimited: Memories of the Coming Kingdom*. ICCO, 2002, Scandinavia Publishing House, 2004.

Autobiografia de Gunnar Olson, fundador da International Christian Chamber of Commerce. Uma história de caminhada íntima com Deus que levou o autor a ser usado para influenciar nações. Disponível em [www.iccc.net](http://www.iccc.net).

Prahalad, C. K. *The Fortune at the Bottom of the Pyramid: Eradicating Poverty Through Profits*. Upper Sadle River, NJ: Wharton School Publishing, 2005.

A relação entre negócios e desenvolvimento em países em desenvolvimento. Análise da capacidade empresarial e do poder de compra dos pobres.

Rundle, Steve e Tom Steffen. *Great Commission Companies: The Emerging Role of Business in Missions*. Downers Grove, IL.: InterVarsity Press, 2003.

Traz princípios para empresas da grande comissão no contexto da globalização. Apresenta cinco estudos de casos de empresas engajadas na missão.

Sherman, Doug e William Hendricks. *Your Work Matters to God*. Colorado Springs: NavPress, 1987.

Expõe com clareza a base teológica para o valor intrínseco do trabalho, em contraste com a “dicotomia sagrado-secular”.

Silvoso, Ed. *Anointed for Business: How Christians Can Use Their Influence in the Marketplace to Change the World*. Ventura, Calif.: Regal, 2002.

Silvoso mostra como o ministério no mercado deve andar lado a lado com a edificação do reino de Deus e a transformação da sociedade. Ele exorta a igreja a superar as barreiras que impedem a integração de atividade empresarial e ministério.

Schlossberg, Herbert, Ronald J. Sider e Vinay Samuel (eds.). *Christianity and Economics in the Post-Cold War Era*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1994.

Elaborado a partir da segunda conferência de Oxford sobre fé cristã e economia, este livro reproduz a Declaração de Oxford de 1990 e onze posições a respeito da relação entre fé cristã e economia.

Stevens, R. Paul. *Os outros seis dias: Vocação, trabalho e ministério na perspectiva bíblica*. Viçosa, Ultimato, 2005.

O autor analisa as razões teológicas, estruturais e culturais para a divisão entre os que “exercem” o ministério e aqueles a favor de quem ele é “exercido”. Stevens mostra que a divisão entre clero e leigos não tem base no Novo Testamento e desafia todos os cristãos a redescobrir o que significa viver diariamente como povo de Deus.

Suter, Heinz e Marco Gmur. *Força Empresarial em Missão Integral*. Londrina, Descoberta Editora, 2002.

Introdução ao papel dos negócios na tarefa da evangelização do mundo, incluindo história e ética e alguns exemplos. Conclui com alguns princípios a serem aplicados.

Swarr, Sharon B. e Dwight Nordstrom. *Transform the World: Biblical Vision and Purpose for Business*. Center for Entrepreneurship and Economic Development, 1999.

Introdução bíblica ao campo dos negócios seguida de orientações práticas e princípios para criar “empresas da grande comissão”. Disponível em [www.ceed-uofn.org](http://www.ceed-uofn.org).

Tongoi, Dennis. *Mixing God with Money: Strategies for Living in an Uncertain Economy*. Nairobi: Bezelel, 2002.

Examina a visão bíblica do dinheiro, levando em consideração algumas dinâmicas típicas da gestão de finanças no Terceiro Mundo. Tongoi mostra o contexto socioeconômico da África, como as exigências da família ampliada e a falta de acesso ao crédito. Disponível em [www.harvestfoundation.org/kenya.htm](http://www.harvestfoundation.org/kenya.htm).

Tsukahira, Peter. *My Father's Business*. Publicação própria, 2000.

Diretrizes para o ministério no mercado, extraídas da experiência do autor como pastor e também líder empresarial.

Willard, Dallas. *O Espírito das Disciplinas*. São Paulo, Editora Vida, 2001.

Aplicação da disciplina espiritual para o discípulo cristão. Inclui um capítulo sobre a pergunta: “Será que a pobreza é espiritual?”

Wilson, J. Christy, Jr. *Today's Tentmakers*. Wheaton, IL: Tyndale, 1979.

Introdução à ideia de fazer tendas, por um dos pais fundadores do moderno movimento de fazedores de tendas.

Yamamori, Tetsunao. *Penetrating Missions' Final Frontier: A New Strategy for Unreached People*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1993.

O autor traz o desafio aos fazedores de tendas para irem a lugares aonde outros missionários não podem, tudo à luz da tarefa remanescente da missão mundial.

Yamamori, Tetsunao e Kenneth A. Eldred (eds.). *On Kingdom Business: Transforming Missions Through Entrepreneurial Strategies*. Wheaton, IL: Crossway Books, 2003.

Dividido em três partes: estudos de casos, artigos e conclusões, esta é uma introdução abrangente ao conceito de empresa do reino, com contribuições de um amplo espectro de contribuintes experientes.

## II. Artigos e textos

Dwight Baker, “William Carey and the Business Model for Missions”. Manuscrito não publicado, 2001. Disponível em

[www.globalconnections.co.uk/pdfs/careybusinessbaker.pdf](http://www.globalconnections.co.uk/pdfs/careybusinessbaker.pdf).

K.C. Chan e Scott McFarlane, “Business as missions: Stewardship and Leadership development in a global economy”, na conferência anual da Christian Business Faculty Association, Northwest Nazarene University, October, 2002. Disponível em [info@eci.org](mailto:info@eci.org).

Derek Christensen, “Training Endurance Food for Serious Tentmakers”, em *International Journal of Frontier Missions* 14:3 (1997)133-138. Disponível em [www.ijfm.org](http://www.ijfm.org).

John Cox, “The Tentmaking Movement in Historical Perspective”, em *International Journal of Frontier Missions* 14:3 (1997) 111-117. Disponível em [www.ijfm.org](http://www.ijfm.org).

Denise Daniels, Tim Dearborn, Randel S. Franz, Gary L. Karns, Jeff Van Duzer e Kenman L. Wong, “Toward a Theology of Business”, no The Fifth International Symposium on Catholic Social and Management Education, Bilbao, Espanha, julho de 2003. Disponível no The Center for Integrity in Business, Seattle Pacific University – [www.spu.edu/depts/sbe/cib/scholarship\\_cib.htm#papers](http://www.spu.edu/depts/sbe/cib/scholarship_cib.htm#papers).

Judith Dean, “Why Trade Matters for the Poor”, na conferência de 20º aniversário da Association of Christian Economists, Washington, DC, janeiro de 2003. Disponível em [www.ec-i.org/articles.htm](http://www.ec-i.org/articles.htm).

David English, “Paul’s Secret: A First-Century Strategy for a Twenty-first-century World”, *World Christian* 14:3 (2001) 22-26.

Norm Ewert, “The Role of Business Enterprise in Christian Mission”, em *Transformation* 9 (1992) 7-14.

Stanley J. Grenz, “God’s Business: A Foundation for Christian Mission in the Marketplace”, em *Crux* 35:1 (1999) 19-25. Disponível nas publicações do Regent College: [www.gospelcom.net/regent/regentnew/crux/](http://www.gospelcom.net/regent/regentnew/crux/).

David Hagan, “Strategic Impact Through Multiplying Modular Business”, em *International Journal of Frontier Missions* 15:1 (1998): 27-28, 46. Disponível em [www.ijfm.org](http://www.ijfm.org).

Ronald F. Hock, “The Workshop as a Social Setting for Paul’s Missionary Preaching”, em *The Catholic Biblical Quarterly* 14:3 (1979) 439-450.

Patrick Lai, “Starting a Business in a Restricted Access Nation”, em *International Journal of Frontier Missions* 15:1 (1998) 41-46. Disponível em [www.ijfm.org](http://www.ijfm.org).

Bob Lupton, “Markets and Missions”, no EC Institute, agosto de 2003. Disponível em [www.ec-i.org/articles.htm](http://www.ec-i.org/articles.htm).

Mark Markiewicz, “Business as Mission, or How two Grocers changed the course of a Nation”, na Central Asia Business Consultation (1999). Publicado pela Business Professional Network: [info@bpn.org](mailto:info@bpn.org), ou trechos em [www.tentmakernet.com/articles](http://www.tentmakernet.com/articles).

Michael McLoughlin, “Back to the Future of Missions: The Case for Marketplace Ministry”, em *Vocatio* (2000) 1-6.

Patrick Lai, "Tentmaking: In Search of a Workable Definition". Manuscrito não publicado (2000). Disponível em [www.tentmakernet.com/articles](http://www.tentmakernet.com/articles).

David Llewellyn, "The Witness of Work: Business as Mission". Manuscrito não publicado (2004). Disponível em [www.businessasmission.com/pages/papers\\_articles](http://www.businessasmission.com/pages/papers_articles).

Scott McFarlane, "Six Ways to get involved in the Business as Missions Movement", em *Regent Business Review* 11 (2004). Disponível em [www.regent.edu/acad/schbus/maz/busreview/articlesindex.html](http://www.regent.edu/acad/schbus/maz/busreview/articlesindex.html).

Robert Morris, "Shrewd Yet Innocent: Thoughts on Tentmaking Integrity", em *International Journal of Frontier Missions* 15:1 (1998) 5-8. Disponível em [www.ijfm.org](http://www.ijfm.org).

Dwight Nordstrom e Jim Nielsen, "How Business Is Integral to Tentmaking", em *International Journal of Frontier Missions* 15:1 (1998) 15-18. Disponível em [www.ijfm.org](http://www.ijfm.org).

Howard Norrish, "Lone Ranger: Yes or No?", em *Evangelical Missions Quarterly* 26 (1990) 6-14. Disponível em [www.wheaton.edu/bgc/EMIS/1990/loneranger.html](http://www.wheaton.edu/bgc/EMIS/1990/loneranger.html).

J.I. Packer, "The Christian's Purpose in Business", em Richard C. Chewning (ed.), *Biblical Principles and Business: The Practice*. Colorado Springs: NavPress, 1990 16-25.

Jim Reapsome, "Paul: The Nonprofessional Missionary". *Occasional Bulletin*, 1997. Disponível em [www.missiology.org/EMS/bulletins/reapsome.htm](http://www.missiology.org/EMS/bulletins/reapsome.htm).

Steve Rundle, "Ministry, Profits and the Schizophrenic Tentmaker", em *Evangelical Missions Quarterly* 36:3 (2000) 292-300. Disponível em [www.wheaton.edu/bgc/EMIS/2000/ministryprofits.html](http://www.wheaton.edu/bgc/EMIS/2000/ministryprofits.html).

Steve Rundle e Tom Steffen, "Building a Great Commission Company", em *Regent Business Review* 11 (2004). Disponível em [www.regent.edu/acad/schbus/maz/busreview/articlesindex.html](http://www.regent.edu/acad/schbus/maz/busreview/articlesindex.html).

Dr. Kent W. Seibert e Scott McFarlane, "For the Love of Business: Demonstrating the Reality of God Through the Practice of Business", na 20ª conferência anual da Christian Business Faculty Association, outubro de 2004. Disponível em [www.ec-i.org/cbfapaper.pdf](http://www.ec-i.org/cbfapaper.pdf).

Ruth E. Siemens, "Why Did Paul Make Tents? A Biblical Basis for Tentmaking", em *GO Paper* A-1 (1998). Disponível em [www.globalopps.org/materials.htm](http://www.globalopps.org/materials.htm).

Ruth E. Siemens, "The Tentmakers and Their Churches: Mutual Responsibility", em *GO Paper* A-9 (1997). Disponível em [www.globalopps.org/materials.htm](http://www.globalopps.org/materials.htm).

Ruth E. Siemens, “The Tentmaker’s Preparation for Work and Witness”, em *GO Paper A-5* (1997). Disponível em [www.globalopps.org/materials.htm](http://www.globalopps.org/materials.htm).

Karen Schmidt, “Versatile Vocation – Using Marketplace Skills to Reach the World for Christ”, em *World Christian* (1999) 31-33.

R. Paul Stevens, “The Marketplace: Mission Field or Mission?”, em *Crux* 37:3 (2001) 7-16. Disponível nas publicações do Regent College: [www.gospelcom.net/regent/regentnew/crux/](http://www.gospelcom.net/regent/regentnew/crux/).

Sharon B. Swarr e Dwight Nordstrom, “Best Practice for Business as Mission”, abreviado de “Transform the World” (1999). Disponível em [www.tentmakernet.com/articles/bestpractise.htm](http://www.tentmakernet.com/articles/bestpractise.htm).

Gary Taylor, “Don’t Call Me a Tentmaker”, em *International Journal of Frontier Missions* 15:1 (1998) 23-24. Disponível em [www.ijfm.org](http://www.ijfm.org).

Peter Tsukahira, “The Business of the Kingdom” Manuscrito não publicado. Disponível em [www.tentmakernet.com/articles](http://www.tentmakernet.com/articles).

Mats Tunehag, “Business as Mission”. Manuscrito não publicado, 2001. Disponível em [www.globalconnections.co.uk/pdfs/businessasmissiontunehag.pdf](http://www.globalconnections.co.uk/pdfs/businessasmissiontunehag.pdf).

John H. Warton, Jr. “Employment and the Dignity of Life – the Economic Agenda of the Church”, na Convenção dos Homens de Negócios Cristãos no Panamá (2002) e na Argentina (2003).

J. Christy Wilson, Jr., “Successful Tentmaking Depends on Mission Agencies”, em *International Journal of Frontier Missions* 14:3 (1997) 141-143. Disponível em [www.ijfm.org](http://www.ijfm.org).

### **III. Organizações, redes e atalhos na internet**

#### ***Classificação:***

M = Mobilização

N = Networking – rede de contatos

R = *Site* de recursos

B = Tem negócios ou projetos

T = Oferece treinamento

S = Oferece serviços (não educacionais)

MM = *Site* de ministério no mercado ou no local de trabalho

DME = *Site* de desenvolvimento microeconômico cristão

**Advancing Churches in Missions Commitment** – Business as Mission – M / N / T

[www.acmc.org/bam](http://www.acmc.org/bam)

ACMC – Business as Mission fornece treinamento e recursos para equipar pastores com a compreensão bíblica de que os empresários têm um chamado para seu local de trabalho, tanto local como globalmente. A ACMC – Business as Mission trabalha com conselhos missionários e pastores de missão para organizar programas de missão empresarial na igreja local.

**Bridge Builders International – M / N / B**

[www.bridgebuildersint.com](http://www.bridgebuildersint.com)

Um dos ministérios principais de BBI são projetos de desenvolvimento econômico na região do Báltico.

**Business as Mission Resource Centre – Youth With A Mission / JOCUM – N / R**

[www.businessasmission.com](http://www.businessasmission.com)

Coletânea de recursos para todos os interessados em missão empresarial. Tem uma lista abrangente de livros, artigos, *links* na internet e outras ferramentas. Também contém diretrizes para projetos empresariais para pessoal da JOCUM. Uma cópia deste documento e da lista de recursos, atualizada regularmente, estará disponível neste *site*.

**Business Professional Network – M / N / B**

[www.bpn.org](http://www.bpn.org)

Sempre procura encorajar e apoiar outros na tarefa de “missão através dos negócios”. Liga recursos empresariais do mundo ocidental com necessidades e oportunidades nos países em desenvolvimento. Veja também BPN AG.

**Centre for Entrepreneurship and Economic Development – T / R**

[www.ceed-uofn.org](http://www.ceed-uofn.org)

CEED tem recursos para pessoas que têm chamado para discipular nações através da atividade empresarial. CEED oferece seminários de “criação de empresas na linha de frente”.

**Christian Transformation Resource Centre – N / R / S / DME**

[www.ctrc-cmed.org](http://www.ctrc-cmed.org)

Recursos abrangentes para equipar cristãos na estratégia do desenvolvimento microempresarial cristão. Lista de organizações, redes de contatos, artigos e recursos.

**Christian Missionary Fellowship International – M / B**

[www.cmfi.org](http://www.cmfi.org)

Usa o desenvolvimento empresarial como estratégia missionária.

**EC Institute – M / N / T / R / S**

[www.ec-i.org](http://www.ec-i.org)

EC Institute procura educar, equipar, mobilizar para missão empresarial e ligar entre si cristãos empresários, profissionais liberais e estudantes de administração de empresas. O EC Institute faz isso usando recursos escritos, viagens para transmitir a visão, programas de treinamento, conferências/seminários/grupos de interesses, estágios e disciplinas semestrais.

**Ethnic International / Ethnic US – M / N / B / T**

[etienneatger@club-internet.fr](mailto:etienneatger@club-internet.fr); [xavier.molinari@wanadoo.fr](mailto:xavier.molinari@wanadoo.fr) ou [wmcgee@compuserve.com](mailto:wmcgee@compuserve.com)

Ethnic International e Ethnic US existem para ajudar no desenvolvimento econômico de países emergentes por intermédio da criação de empresas. Oferecem treinamento com enfoque principal em países de fala francesa.

**Equip – M / T / S**

[www.repurposing.biz](http://www.repurposing.biz)

Equipa crentes para transformar sociedades, principalmente trabalhando com empresas bem posicionadas no mercado. Equip oferece oportunidades para envolver-se, o que inclui treinamento para participar de viagens de consultoria.

**Evangelistic Commerce – N / B**

[www.evangelisticcommerce.org](http://www.evangelisticcommerce.org)

Evangelistic Commerce trabalha aproximando empresa e missão usando o comércio para criar empresas de larga escala de valor agregado que abençoam uma economia por meio da criação de riquezas, de modo a dar um testemunho continuado de Cristo.

**Fellowship of Companies for Christ International – Christ@Work - N / R / MM**

[www.fcci.org](http://www.fcci.org)

*Christ@work equipa e encoraja líderes empresariais para dirigir suas empresas e conduzir sua vida de acordo com princípios bíblicos.*

**Global Disciples Network – Creative Access Associates – N / M / R**

[www.globaldisciples.org](http://www.globaldisciples.org)

Agrega igrejas, agências missionárias, empresas e interessados para encontrar meios para cristãos entrarem em regiões restritas usando oportunidades de desenvolvimento econômico. Tem uma lista organizada de *links* na internet de países, grupos étnicos e informações que interessam a missionários.

**Global Hand – S / N**

[www.globalhand.org](http://www.globalhand.org)

Redistribui bens de que os donos originais já não têm necessidade. Mantém listas de inventários de equipamentos que podem ser úteis para quem quer abrir uma empresa, para economizar capital.

**Global Opportunities – N / M / T / R**

[www.globalopps.org](http://www.globalopps.org)

Ajudando fazedores de tendas a discipular as nações, GO tem material de treinamento para fazedores de tendas e artigos gratuitos em seu *site*, além de histórias, notícias, eventos e outros recursos.

**IMPACT Center – M / N / T**

[www.impact-center.org/business.htm](http://www.impact-center.org/business.htm)

IMPACT Center tem a visão de mobilizar empresários para formar redes no corpo de Cristo no mundo todo e trazer mudanças nas sociedades. Organiza um seminário anual para empresários, com ensino e oportunidades para viagens.

**Integra Venture** – B / S / DME

[www.integra.sk](http://www.integra.sk)

Integra é uma iniciativa cooperativa da Europa Central e do Leste que ajuda pequenas empresas a crescer. Ajuda empreendedores locais a ser bem sucedidos, capacitando-os para serem agentes de transformação comunitária.

**Intent** – N / R / MM / S

[www.intent.org](http://www.intent.org)

A visão de Intent é formar redes de profissionais do reino para causar impacto no mundo. Tem recursos para profissionais do reino que servem como fazedores de tendas, e uma lista de organizações e oportunidades para fazedores de tendas.

**International Christian Chamber of Commerce** – N / T

[www.iccc.net](http://www.iccc.net)

A visão da Câmara de Comércio chama para uma rede mundial de empresários comprometidos para trocar ideias, produtos e serviços, proclamando assim a autoridade de direito de Cristo no mundo todo.

**International Coalition of Workplace Ministries** – R / T / N / S / MM

[www.icwm.net](http://www.icwm.net)

ICWM é uma rede de ministérios no local de trabalho com um alvo comum – transformar o local de trabalho para Cristo. Tem uma lista abrangente de organizações, eventos, artigos e publicações relacionadas com a integração da fé com o local de trabalho.

**InterVarsity Ministry in Daily Life** – R / MM

[www.ivmdl.org](http://www.ivmdl.org)

*O Grupo de Recursos IVMDL existe para ajudar a igreja a redescobrir a verdade bíblica de que Deus convoca todos os cristãos para ministrar diariamente no lugar em que vivem e trabalham. Contém listas de recursos, estudos bíblicos, livros, artigos e estudos de casos.*

**Jubilee Action** – N / B

[www.jubileeeaction.co.uk](http://www.jubileeeaction.co.uk)

O trabalho de Jubilee Action se fundamenta sobre o conceito de parceria empresarial. Jubilee Action está redefinindo como entidades beneficentes reduzem a pobreza usando parcerias empresariais eficientes com pessoas do lugar, de modo a criar empreendimentos comerciais relevantes que transformem comunidades pobres.

**Kenya Investment Trust** – N / S

[kit@africaonline.co.ke](mailto:kit@africaonline.co.ke)

KIT procura reduzir a pobreza no Quênia proporcionando acesso a crédito empresarial, oferecendo treinamento empresarial, consultoria, mentoria, contatos com autoridades e assessoria jurídica, de modo a criar um ambiente propício e redes de empresas locais e internacionais que se orientam pelos princípios de Jesus Cristo.

**Kingdom Business Forum – M / N**

[www.kingdombusinessforum.org](http://www.kingdombusinessforum.org)

KBF existe para divulgar o conceito de empresa do reino. Por intermediação de KBF, investidores, empreendedores, professores e alunos de administração e líderes de missão podem reunir-se para trocar informações. Promove eventos regulares para ensino e preparo.

**Leaders GIFTS – T**

[www.leadersgifts.com](http://www.leadersgifts.com)

Leaders GIFTS produz recursos especializados de treinamento em comunicação, para desenvolvimento de liderança e serviços em todas as esferas da sociedade.

**Marketplace Leaders – R / S / MM**

[www.marketplaceleaders.org](http://www.marketplaceleaders.org)

O Propósito de Marketplace Leaders é ajudar homens e mulheres a cumprir o chamado de Deus no e através do seu trabalho. Oferece treinamento, preparo e recursos.

**Menonite Economic Development Associates – B / M / S / DME**

[www.meda.org](http://www.meda.org)

MEDA é uma associação de empresários e profissionais cristãos comprometidos com o atendimento das necessidades humanas no mundo por meio de programas de desenvolvimento econômico voltados para empresas, e com a aplicação dos ensinamentos bíblicos no mercado.

**OPEN Networkers – N / T / S / R**

[www.opennetworkers.net](http://www.opennetworkers.net)

OPEN existe para fornecer serviços, facilidades e reciclagem para fazedores de tendas que estão no campo, trabalhando entre os povos menos alcançados do mundo. OPEN fornece uma rede de ensino e mentoria de fazedores de tendas por meio de relacionamentos de confiança.

**Partners Worldwide – M / B / N / T**

[www.partnersworldwide.org](http://www.partnersworldwide.org)

Partners Worldwide encoraja e equipa empresários cristãos a ajudar os pobres e uns aos outros por meio de parcerias. Tem uma lista de oportunidades para se envolver. (o nome antigo é Partners for Christian Development).

**Scruples – MM / N / R**

[www.scruples.net](http://www.scruples.net)

É uma comunidade de mercado *online* com numerosos recursos e fóruns de debates, incluindo missão empresarial.

**Strategic Christian Services – T / N**

[www.gostrategic.org](http://www.gostrategic.org)

Strategic Christian Services procura educar, treinar e trabalhar com pessoas que querem ver transformações acontecer. Oferecem cursos por correspondência, seminários, recursos educacionais e serviços de consultoria para igrejas, empresas e governos.

**Tentmakernet – N / R / M / S**

[www.tentmakernet.com/index.html](http://www.tentmakernet.com/index.html)

É uma rede de mobilizadores de fazedores de tendas com representantes nacionais. Tentmakernet tem recursos, artigos, detalhes de eventos e listas de endereços da maioria das organizações de fazedores de tendas.

**Tentmakers International Exchange – N / M / T**

[www.tieinfo.org](http://www.tieinfo.org)

*O objetivo de TIE é ser uma organização de serviço para fazedores de tendas; mobiliza, treina e apoia cristãos para usarem sua vocação profissional no ministério. Envia um boletim mensal.*

**Transformational Business Network – M / N / B / S**

[www.tbnetwork.org](http://www.tbnetwork.org)

TBN é para os que querem usar suas habilidades empresariais para o reino de Deus – para trazer transformação espiritual e física onde ela é mais necessária. Oferece curtas viagens de imersão ao campo para mostrar projetos. Promove uma conferência anual de impacto.

**Turkey Business Network – N / S**

Contact: [tr@Trbiz.org](mailto:tr@Trbiz.org)

Liga as empresas do reino na Turquia.

**Uganda Bizzionary Network - M / N / S**

[ikasana@ids-Ug.com](mailto:ikasana@ids-Ug.com)

Liga empresários com visão de reino em Uganda.

**World Partners – B / S**

[www.worldpartners.org](http://www.worldpartners.org)

World Partners apoia iniciativas locais em países em desenvolvimento, por meio de empreendimentos empresariais com componente cristão. Ajuda com mentoria e capital empresários nacionais que têm um plano empresarial viável.

**IV. Instituições de Treinamento**

**ACTS Institute, Índia**

Contatos: [actsinst@blr.vsnl.net.in](mailto:actsinst@blr.vsnl.net.in) ou [ricky@gnanakan.com](mailto:ricky@gnanakan.com)

**Biola University, EUA**

[www.biola.edu](http://www.biola.edu)

Oferece cursos modulares sobre missão empresarial.

**Chalmers Center for Economic Development at Covenant College, EUA**

[www.chalmers.org](http://www.chalmers.org)

Recursos e cursos para desenvolvimento de pequenas e microempresas.

**Eastern University, EUA**

[www.eastern.edu](http://www.eastern.edu)

**EC Institute, EUA**

[www.ec-i.org](http://www.ec-i.org)

Oferece programas de formação e estágio em comércio internacional para estudantes de graduação e pós-graduação. Várias escolas aceitam os créditos desses cursos.

**The Macquarie Christian Studies Institute, Austrália**

[www.mcsi.edu.au](http://www.mcsi.edu.au)

MCSI oferece programas em Teologia do Mercado.

**Regent College, Canadá**

[www.regent-college.edu](http://www.regent-college.edu)

Oferece cursos de ministério no local de trabalho no Marketplace Institute.

**Regent University, EUA**

[www.regent.edu](http://www.regent.edu)

**Singapore Bible College, Cingapura**

[www.sbc.edu.sg](http://www.sbc.edu.sg)

**Wheaton College, EUA**

[www.wheaton.edu](http://www.wheaton.edu)

Enfoque em pesquisa de missão empresarial, em colaboração com faculdades de missiologia e economia. Também é centro de ética cristã aplicada.

**Whitworth College, EUA**

[www.whitworth.edu](http://www.whitworth.edu)

Veja School of Global Commerce and Management.

## V. Ferramentas adicionais

**Modelo de plano empresarial bilíngue**, em forma de esboço para fins de ensino e treinamento; disponível em inglês e russo e inglês e espanhol no Business Professional Network, [www.bpn.org](http://www.bpn.org).

**Crown Financial Resources** – recursos para treinamento impressos e *online*. Equipa pessoas no mundo todo a aprender, aplicar e ensinar os princípios financeiros de Deus de modo a conhecerem a Cristo mais intimamente, serem liberados para servi-lo, e ajudarem a financiar a Grande Comissão. [www.crown.org](http://www.crown.org)

**Dieu, l'argent, le business et nous** (“Deus, dinheiro, negócios e nós”): série de seminários em cassete de vídeo, consistindo de três conjuntos em francês de Ethnic International - Etienne Atger, Xavier Molinari e Wayne McGee. Contato: Ethnic International; c/o Xavier Molinari; 4, Rue Derriere les Murs; 02570 Chezy sur Marne, França, ou [xavier.molinari@wanadoo.fr](mailto:xavier.molinari@wanadoo.fr)

**Perspectives on the World Christian Movement** – curso de treinamento fundamental que traz base bíblica para a missão mundial e o que Deus está fazendo no mundo. [www.perspectives.org](http://www.perspectives.org)

**Planning a Successful Small Business Seminar** – Um esboço completo de como planejar um seminário bem sucedido sobre pequenas empresas pode ser encontrado na página de Scruples: [www.scruples.org/web/seminars/pssb.htm](http://www.scruples.org/web/seminars/pssb.htm)

**Walking in Financial Freedom**, “Vida com liberdade financeira” – curso de treinamento e outros recursos de Earl Pitts: [www.wealthrichesmoney.org](http://www.wealthrichesmoney.org)

## **Anexo G: Recomendações**

“Uma nova liderança é necessária no século 21, em que estamos à procura de estratégias missionárias eficientes e integrais. A atividade empresarial historicamente tem sido uma ponta de lança chave para a expansão do reino. Essa reflexão de Lausanne pode fazer uma contribuição significativa para que as igrejas redescubram como capacitar sua comunidade empresarial para que assuma com entusiasmo e iniciativa seu papel no estabelecimento do reino de Deus na terra!”

*Stuart McGreevy, presidente de TBN – Transformational Business Network*

“Recorrer à atividade empresarial para alcançar o mundo para Cristo é uma estratégia excelente no contexto da missão do século 21. Quem está envolvido em fazer tendas como empreendedor, empresário do reino ou no desenvolvimento transformador por meio dos negócios, deve aliar-se a Mats Tunehag – respeitado líder na missão global – e seus companheiros que estão organizando e liderando um grupo de reflexão sobre missão empresarial.”

*Ted Yamamori, secretário geral adjunto para missão integral de Lausanne e coeditor de On Kingdom Business: Transforming Missions Through Entrepreneurial Strategies.*

“Missão com base econômica trará uma mudança importante para a cara da missão cristã, e é mais do que apenas uma nova estratégia – uma promessa vem ligada a ela: ‘Ser bondoso com os pobres é emprestar ao Senhor, e ele nos devolve o bem que fazemos’ (Pv 19.17). O grupo de reflexão de Lausanne servirá de plataforma para encorajamento e inspiração mútuas. Estou ansioso para participar.”

*Jürg Opprecht, fundador e presidente de BPN – Business and Professional Network*

“O grupo de reflexão sobre missão empresarial está proporcionando uma oportunidade maravilhosa para a reflexão sobre, e inspiração para, o uso do dinheiro (e do trabalho ‘secular’!) no serviço de Deus. Endosso com entusiasmo este projeto que tem uma relação tão estreita com o chamado de Jesus aos seus discípulos – de ser ‘o sal da terra’”.

*C. René Padilla, teólogo, missiólogo e escritor argentino e presidente internacional de Tearfund UK*

“Missão empresarial é uma estratégia relevante para atender aos desafios da janela 10/40 e além. O grupo de reflexão de Lausanne sobre missão empresarial tem um grande potencial para formular maneiras práticas de promover a missão de Deus para a igreja global no século 21.”

*Luís Bush, EUA/Argentina, diretor de World Inquiry, fundador do Movimento AD2000*

“Considerando que o mercado é para as nações o que a corrente sanguínea é para o corpo, criada para sustentá-lo e fazê-lo crescer, empresárias e empresários estão sendo chamados para abraçar uma nova responsabilidade diante de Deus, de transformar as sociedades no mundo todo por meio de atos criativos de amor. Este é um chamado para frutificação e multiplicação em prol dos propósitos do reino de Deus, e está na hora de os pobres e necessitados do mundo experimentar o amor de Deus através dos negócios. Isso requer liberação para uma nova dimensão em nossa experiência empresarial, em que alvos,

estratégias e planos corporativos passam a ser a manifestação exterior de uma caminhada de fé interior. Por isso apoio com carinho Mats Tunehag e seus colegas, todos líderes respeitados da missão global, em seus esforços para organizar um grupo de reflexão sobre missão empresarial em Lausanne.”

*J. Gunnar Olson, fundador e presidente de ICCC – International Christian Chamber of Commerce*

“Deus dotou algumas pessoas com recursos da mente e do espírito para serem empresárias e empresários. Missão empresarial busca apoiar e encorajar os que foram dotados por Deus dessa forma. Ela objetiva estimular o interesse e o compromisso em fazer negócios como para o Senhor. Seu desejo é ajudar empresários a ver as oportunidades que existem, a usar suas habilidades e talentos para abençoar os que estão nas regiões mais pobres e necessitadas do mundo, e a prover nesse contexto oportunidades críveis para demonstrar e proclamar Cristo. Apoio com carinho esse esforço e o grupo de reflexão global, recordando que nos primórdios da missão cristã as novas salvadoras de Cristo muitas vezes foram levadas a novos lugares por aqueles que estavam procurando fazer negócios.”

*Harry Goodhew, arcebispo anglicano aposentado de Sydney, na Austrália.*